



**Maria Roziane Guimarães**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ  
PARA A REDESCOBERTA DO SENTIDO DA VIDA**  
Contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia, do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Francilaide Queiroz de Ronsi

Rio de Janeiro  
Julho de 2021



**Maria Roziane Guimarães**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ  
PARA A REDESCOBERTA DO SENTIDO DA VIDA**  
**Contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa  
de Pós-graduação em Teologia, do Departamento de  
Teologia da PUC-Rio.

Prof<sup>a</sup>. Francilaide Queiroz de Ronsi  
Orientadora e Presidente  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana  
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Francys Silvestrini Adão  
Departamento de Teologia – FAJE

Rio de Janeiro, 29 julho de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Maria Roziane Guimarães**

Graduou-se em Teologia na Faculdade Católica de São José dos Campos em 2017.

### Ficha catalográfica

Guimarães, Maria Roziane

A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida: contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco / Maria Roziane Guimarães; orientadora: Francilaide de Queiroz Ronsi. – 2021.

111 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia

1. Teologia - Teses. 2. Espiritualidade cristã. 3. Espiritualidade Inaciana. 4. Sentido da vida. 5. Papa Francisco. I. Ronsi, Francilaide de Queiroz. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Dedico este trabalho a Deus que por amor se fez um de nós, auto revelando-se ao ser humano.

Dedico a tantas pessoas que me fizeram experimentar Deus e sua misericórdia. De modo particular, ao povo simples - àqueles que se deixam tocar pelo mistério sem, contudo, terem a pretensão de explicá-lo.

## Agradecimentos

A Deus que, num intenso ato de amor, me deu a vida e a sustenta a cada dia com sua graça e presença.

Aos meus pais, irmãos e ao Instituto de Nossa Senhora do Bom Conselho, famílias que me acolhem, me amam, me educam e me fazem descobrir a cada dia o verdadeiro sentido para a vida: ser para o Outro e para os outros.

Às minhas irmãs de comunidade pelo incentivo e colaboração durante esse tempo de estudos e trabalhos.

Ao Seminário Arquidiocesano de São José: padres formadores, seminaristas e colaboradores por me impulsionarem a sempre crescer na entrega, amor e serviço aos sacerdotes.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pela oportunidade de aprofundar a fé por meio do estudo da Teologia.

A PUC- Rio, a CAPES pelos inúmeros auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001.

À Professora Francilaide Queiroz Ronsi, minha orientadora, pela companhia, disponibilidade e segurança na orientação desta dissertação.

Aos professores, colegas e funcionários do departamento de Teologia da PUC-Rio pela companhia e ajuda.

## Resumo

Guimarães, Maria Roziane. **A contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida: Contribuições de Santo Inácio de Loyola e Papa Francisco.** Rio de Janeiro, 2021. 111 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Na presente pesquisa, o objetivo é apresentar uma contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida. O estudo está estruturado em três partes. Na primeira, foram analisadas a Modernidade e Pós-Modernidade com seus desdobramentos, desafios e provocações para este tempo. Adentrou-se também na temática da espiritualidade, propondo-a como uma via de abertura ao transcendente, apresentando uma definição de espiritualidade cristã e o perigo de uma espiritualidade intimista. Na segunda parte, foram abordadas a espiritualidade inaciana e seus fundamentos basilares, analisando-se parte por parte o Princípio e Fundamento, suas contribuições e aplicações para os dias atuais. Na terceira parte, o foco foi para a atualização da espiritualidade inaciana por meio de parte da reflexão teológica de Karl Rahner e de alguns documentos do Papa Francisco. Ambos apresentam, na prática, algumas contribuições que a espiritualidade de Santo Inácio pode oferecer. Por esse caminho, propôs-se a contribuição da espiritualidade cristã para a redescoberta do sentido da vida, tendo como referência principal uma de suas vertentes: a espiritualidade inaciana.

## Palavras-chave

Espiritualidade Cristã; Espiritualidade Inaciana; Sentido da vida; Papa Francisco.

## Abstract

Guimarães, Maria Roziane. **The contribution of Crhristian spirituality.to the rediscovery of the sense of life: Contributions of St. Ignatius of Loyola and Pope Francis** Rio de Janeiro, 2021. 111p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In this research, the objective is to present a contribution of Christian spirituality to the rediscovery of the sense of life. The study is structured in three parts. In the first one, Modernity and Post-Modernity were analyzed with their consequences, challenges and provocations for this time. The theme of spirituality was also explored, proposing it as a way of opening to the transcendent, presenting a definition of Christian spirituality and the danger of an intimate spirituality. In the second part, Ignatian spirituality and its basic foundations were addressed, analyzing the Principle and Foundation, its contributions and applications for the present days, part by part. In the third part, the focus was on updating Ignatian spirituality through part of Karl Rahner's theological reflection and some documents of Pope Francis. Both present, in practice, some contributions that the spirituality of St. Ignatius can offer. In this way, the contribution of Christian spirituality to the rediscovery of the sense of life was proposed, having as its main reference one of its aspects: Ignatian spirituality.

## Keywords

Christian Spirituality; Ignatian Spirituality; Sense of life; Pope Francis.

## Sumário

1 Introdução	12
2 Modernidade e Pós-modernidade: desafios e provocações	19
2.1 A Modernidade e os seus desafios para o ser humano	19
2.1.1 A Pós-Modernidade e a fragmentação do ser humano	21
2.1.2 Pandemia do novo coronavírus	25
2.1.3 Potencialidades e valores herdados da Modernidade	27
2.2 Desdobramentos da Modernidade e da Pós-Modernidade	28
2.2.1 Antropocentrismo	29
2.2.2 Egocentrismo	31
2.2.3 Consumismo	33
2.2.4 Vazio existencial	35
2.3 Espiritualidade como abertura ao Transcendente	37
2.3.1 O que se entende por espiritualidade	37
2.3.2 Espiritualidade cristã	39
2.3.3 O perigo da espiritualidade intimista	41
3 Espiritualidade Inaciana e suas bases	44
3.1 Inácio de Loyola: um homem fragmentado a procura de sentido	44
3.1.1 Espiritualidade Inaciana	46
3.1.2 A dinâmica do desejo	48
3.1.3 Discernimento inaciano	50
3.2 Princípio e Fundamento	52
3.2.1 A criação como princípio e fim último do ser humano	56
3.2.2 O <i>tanto quanto</i> : discernimento na relação com as coisas criadas	58
3.2.3 A <i>indiferença</i> inaciana como liberdade plena frente a vida	60
3.2.4 O <i>magis</i> inaciano: princípio e orientação última	62
3.3 Espiritualidade cristã e inaciana e sua configuração a Cristo	64
3.3.1 Espiritualidade como configuração a Cristo	64
3.3.1 Universalidade da experiência e espiritualidade cristã	67
3.3.2 A espiritualidade do cotidiano	69



4 Espiritualidade Inaciana e sua colaboração para a redescoberta do sentido da vida	71
4.1 Na teologia de Karl Rahner	71
4.1.1 Antropologia teológica	72
4.1.2 Cristologia existencial	74
4.1.3 A contemplação da Trindade: fonte e ápice da Fraternidade Humana	76
4.2 No magistério do Papa Francisco	78
4.2.1 O anúncio da Boa Nova Cristã a todo ser humano	79
4.2.2 A responsabilidade pela casa comum	82
4.2.3 A riqueza da vida cotidiana para a Igreja e a sociedade	86
4.3 Nas urgências dos cuidados da sociedade	90
4.3.1 Fraternidade universal	90
4.3.2 Cuidado de toda criação	93
4.3.3 Redescoberta do sentido de viver	96
5 Considerações finais	99
6 Referências bibliográficas	107

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
AL	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Amoris Laetitia</i>
Autob	Relato do Peregrino
CEC	Catecismo da Igreja Católica
DAp	Documento de Aparecida
DCE	Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i>
EE	Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EAm	Exortação Pós-Sinodal <i>Ecclesia in America</i>
FR	Carta Encíclica <i>Fides est Ratio</i>
FT	Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i>
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si</i>
NMI	Carta Apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i>
PP	Carta Encíclica <i>Populorum Progressio</i>
RH	Carta Encíclica <i>Redemptor Hominis</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>

*Recordar os benefícios recebidos pela criação, redenção e dons particulares, ponderando com muito afeto quanto Deus nosso Senhor tem feito por mim, quanto me tem dado daquilo que tem. Em consequência, como o mesmo Senhor quer dar-se a mim quanto pode, segundo sua divina determinação. Daí, refletir em mim mesmo, considerando com muita razão e justiça o que devo oferecer e dar de minha parte a sua divina Majestade. A saber: todas as minhas coisas e, com elas, a mim mesmo, assim como quem oferece com muito afeto.*

# 1 Introdução

Vive-se, atualmente, em uma época marcada pela sede de sentido. Muitas são as oportunidades e facilidades oferecidas pelas mídias, pelo mercado, pela sociedade. Parte desse processo pode ser atribuído aos efeitos da modernidade, pós-modernidade e seus desdobramentos. Com a ascensão da modernidade impera a razão moderna com as suas promessas de trazer todas as respostas desejadas pelo ser humano.

Decorrente desse processo, vê-se a perda das grandes referências e, a partir de então, “a sociedade se dedica a inventar-se por completo e de acordo com a razão humana, não de acordo com a herança do passado coletivo; a sociedade se apropria do direito de guiar a si mesma sem exterioridade, sem modelo absoluto decretado”<sup>1</sup>. Com o passar do tempo começam a se perceber os efeitos de tal movimento, pois o homem, em sua essência, não foi formado para viver no caos, mas necessita de uma ordem básica para que possa conviver, harmoniosamente, consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Em outras palavras, o ser humano precisa de referências que o encaminhem e que indiquem as coordenadas básicas de convivência e de realização<sup>2</sup>.

Um outro ponto a ser notado é a posição ocupada pelo ser humano, antes era submisso a Deus, às tradições, aos valores morais. Com a reviravolta moderna ele se coloca no centro, quer da existência, das decisões ou das escolhas, “o homem se descobre como centro do mundo e referência básica a partir do qual tudo é julgado”<sup>3</sup>. Acredita assim, possuir a liberdade tão desejada. Por conseguinte, ao tirar Deus do seu horizonte, o homem perde-se a si mesmo, perde sua essência, como se esquecesse de sua história e origem.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa analisa os efeitos causados pela modernidade e o antropocentrismo que daí tem sua ascensão. Demonstra-se o quanto o ser humano de hoje encontra-se fragmentado em todo o seu ser, causando

---

<sup>1</sup> LIPOVETSKY, A era do vazio, p. 66.

<sup>2</sup> AGOSTINI, N., Pós-Modernidade e ser humano, p. 125.

<sup>3</sup> RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 26.

uma grave perda do sentido da vida. As reflexões de Bauman e sua teoria sobre a modernidade líquida são abordadas; liquidez que vai permeando todos os setores da sociedade e da vida humana. Vive-se em tempos líquidos, relações líquidas, sem duração e sem solidez, em que se possa construir uma perspectiva de vida. Dentro dessa perspectiva, Papa Francisco alerta para uma cultura do descarte<sup>4</sup>, na qual as pessoas são avaliadas a partir de sua utilidade, esquecendo assim, o valor inquestionável da vida e dignidade humanas.

Vislumbrou-se também a própria situação pandêmica e sua realidade global. Ela também fez a tantos tomarem consciência de sua fragilidade e vulnerabilidade. Sobre essa realidade que afetou a todos, diretamente, o Papa ressalta que

se pudemos aprender algo em todo este tempo, é que ninguém se salva sozinho. As fronteiras caem, as paredes desabam e todos os discursos fundamentalistas se dissolvem perante uma presença quase imperceptível, que manifesta a fragilidade de que somos feitos<sup>5</sup>.

Diante dessa realidade, indica o Papa que é preciso que todos se sintam impulsionados a pensar fora dos padrões<sup>6</sup>, pensar em uma nova humanidade, mais fraterna e menos excludente<sup>7</sup>.

Na sequência, foram analisados alguns dos desdobramentos da modernidade e pós-modernidade: o antropocentrismo, o egocentrismo, o consumismo e, por fim, o vazio existencial experimentado pelo ser humano. No antropocentrismo, o homem se torna, enfim, a medida de todas as coisas. O egocentrismo o torna fechado em si mesmo, autorreferencial, fazendo com que tudo tenha de ser medido pela subjetividade. O consumismo frenético aparece, então, como uma saída para essa sua necessidade, e não se limita somente a coisas, mas se estende a pessoas e relações. Cada um passa a ser medido pelo que pode oferecer; se não oferecer nada, está fadado a ser descartado da vida pessoal e, até mesmo, da sociedade. Por fim, analisou-se que todos esses fatores são decorrentes de um único problema chamado, por Victor Frankl, de vazio existencial, que pode ser explicado por uma falta de sentido da vida. Pode-se perceber que esse vazio decorre, em parte, da falta de

---

<sup>4</sup> LS 16, 22 e 46.

<sup>5</sup> FRANCESCO, PP., A vida após a pandemia, p. 48.

<sup>6</sup> FRANCESCO, PP., A vida após a pandemia, p. 11.

<sup>7</sup> FRANCESCO, PP., A vida após a pandemia, p. 60.

referências para o ser humano, que se encontra vazio, perdido em meio a tantas ofertas<sup>8</sup>.

Na terceira sessão explanou-se sobre os caminhos interiores do ser humano. Apresenta-se a espiritualidade como abertura ao Transcendente, a uma atividade de busca humana pela verdade, beleza, pelo bem e justiça, visto que, o real se apresenta “de diferentes formas conforme nossa relação com ele. A atenção e sensibilidade do ser humano, a intensidade de seu desejo, a qualidade de sua atenção condicionam a experiência da realidade e sua interpretação e expressão”<sup>9</sup>.

Após apresentar a visão geral da espiritualidade, focou-se a espiritualidade cristã como um aproximar-se de Jesus Cristo e de seu modo de viver, de ser fermento na massa, ou seja, viver com verdadeira paixão as realidades humanas nas suas mais generalizadas situações. É ser perfeito na caridade, ser fraterno. Por isso, é preciso estar atento aos sinais de Deus, às sementes do Verbo presente na sociedade e na vida das pessoas<sup>10</sup>.

Por fim, alerta-se para o perigo de uma espiritualidade intimista, vivida no fechamento de si mesmo, na adoração a um deus feito à imagem e semelhança do homem, que atende às necessidades e conveniências e à qual não se criam laços. Isso mais se aproxima de uma espiritualidade consumista, que mantém as pessoas presas a si mesmas, fechadas em seu isolamento e imanentismo.

A verdadeira espiritualidade cristã há de se tomar a direção contrária, pois, como afirma o Papa Francisco, “a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas”<sup>11</sup>. A espiritualidade cristã brota do Espírito de Deus que é criativo, que não se deixa aprisionar, tira a pessoa do centro e a coloca a caminho, a servir, a gastar-se, a dar-se, em suma, é encarnada na vida e realidade.

No capítulo seguinte, correu-se sobre a espiritualidade inaciana e suas nuances, partindo da experiência de Santo Inácio de Loyola, um homem que, em seu tempo, encontrou-se fragmentado e descobre um caminho pelo qual o ser humano pode reviver. Este caminho não é construído por grandes elucubrações,

---

<sup>8</sup> VELIQ, F., Religião e personalização, p. 29.

<sup>9</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 211.

<sup>10</sup> EG 71.

<sup>11</sup> LS 240.

mas é desenhado com base na observação de sua própria experiência espiritual. Como centro da espiritualidade, destaca-se a experiência com a Pessoa de Jesus Cristo e a busca por sempre cumprir em tudo a vontade de Deus, o centro é o Outro e não si mesmo. A atualidade desse caminho espiritual se demonstra pela perene busca de um encontro pessoal com Jesus Cristo, quando se reconfigura a vida e faz cada pessoa ser semente de transformação da realidade, partindo da transformação de si mesmo.

Ressalta-se aqui a questão do desejo e do discernimento na espiritualidade inaciana. Todos aparecem como resposta ao ser humano pós-moderno, visto que Santo Inácio propõe uma educação do desejo para que se oriente a um fim: Deus, e por amor a Ele abraçar todas as realidades humanas, transformando-as. E, para alcançar essa transformação, precisa-se de um coração que seja atento, que saiba discernir os sinais dos tempos e se coloque em um trabalho paciente, manual, para sair de si mesmo e direcionar-se para o Outro, e para os outros.

Na segunda sessão, foi analisado, cuidadosamente, o Princípio e Fundamento inacianos, cerne e coração dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. Ao afirmar que “o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e, assim, salvar-se”<sup>12</sup> o santo aponta para a origem e o fim último do ser humano, alarga os horizontes e traz o ser humano para fora de si, para colocá-lo como parte da humanidade. Verificou-se, que o “tanto quanto” inaciano se torna um termômetro para a sadia relação de cada pessoa com a Criação, pois dela deve se aproximar como contemplativo da obra do Criador e como cuidador, destruindo assim todo desejo de consumo desordenado e irresponsável<sup>13</sup>.

Dentro dessa mesma dinâmica de liberdade aparece a indiferença inaciana, que quer dizer a plena liberdade frente à vida. Ao se sentir amado e aceito por Deus, também se pode estabelecer relações de liberdade frente às suas limitações, às relações com os demais. Assim, possuído por esse movimento de saída de si, está pronto a ser livre para o amor e para amar. Dentro dessa dinâmica, Van Bremeer explicita que

quanto mais alguém toma vitalmente consciência de que é verdadeiramente aceito por Deus, mais se torna pessoa livre. A indiferença, que Santo Inácio tira como consequência do fato de que somos criados, constitui verdadeiramente elemento vital

---

<sup>12</sup> EE 23.

<sup>13</sup> LS 11.

da nossa aceitação de sermos aceitos por Deus e nos capacita a viver essa aceitação na realidade da vida cotidiana<sup>14</sup>.

A última sessão trata da vivência da espiritualidade inaciana como configuração a Cristo. A experiência feita por Santo Inácio lhe revela que o caminho para se chegar a Deus passa por Jesus Cristo, Ele é o grande mediador entre Deus e os homens. Isso se demonstra no itinerário dos Exercícios Espirituais, que é um profundo adentrar no conhecimento interno de Jesus Cristo e, com base nesse conhecimento, moldar sua vida.

Propõe-se a espiritualidade cristã como uma experiência universal, com base na busca de sentido para a vida, por uma origem e um fim, pela plenitude da vida. Jesus, como pleno humano e conhecedor da humanidade, aparece como resposta à sede de sentido, pois Ele vem trazer vida e vida em abundância, ele reconstrói a ponte entre Deus e os homens. Com isso, acena-se para uma espiritualidade que pode ser comum a todas as pessoas: uma espiritualidade do cotidiano, para redescobrir a beleza do simples, do que é comum, viver a vida em plenitude e com intensidade.

O último capítulo discorre sobre a espiritualidade inaciana e sua colaboração para a redescoberta do sentido da vida. Foi analisada a contribuição de Karl Rahner e Papa Francisco para uma nova visão do ser humano e de sua experiência com Deus, com os outros e com a Criação. Em Karl Rahner salientou-se sua colaboração para uma nova visão antropológica: um otimismo salvífico de Deus que vem ao encontro do ser humano. Todo ser humano se torna interlocutor de Deus, recordando que o desejo de Deus é que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.

Decorrente dessa autocomunicação de Deus, que tem sua plenitude na encarnação do Verbo, de Jesus que veio revelar o próprio Deus e ser como homem, nasce uma cristologia existencial, resumida como um encontro, uma experiência, uma relação com Alguém, com uma Pessoa<sup>15</sup>. Nessa relação, são superados o tempo e o espaço e se insere na dinâmica inaciana do conhecimento interno de Jesus, que ultrapassa todo conhecimento puramente humano. E, por fim, dentro da teologia rahneriana, marcada pela espiritualidade inaciana, aparece a Trindade como fonte e ápice da Fraternidade humana, reiterando que uma verdadeira antropologia cristã

<sup>14</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 103-104.

<sup>15</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 51.



contemplará o ser humano diante do mistério do Deus Uno e Trino. Por isso o ser humano pode chegar a Deus pelo cuidado do outro, visto que Jesus quis se identificar com os que sofrem e afirmou que o que se fizer a cada um deles é a Ele mesmo que o fazem. Logo, tocar a carne humana necessitada, é tocar a carne de Cristo.

Depois de Karl Rahner, foram apresentadas reflexões do Papa Francisco em alguns de seus documentos magisteriais. Começou-se pela *Evangelii Gaudium* no qual o Papa propõe que a Boa Nova do Evangelho seja destinada aos homens e mulheres de todos os tempos, pois aqueles que se deixam encontrar por Cristo são salvos do isolamento, da morte e são convidados a sair de si mesmo e abrir-se aos demais<sup>16</sup>. Em especial, o Papa encoraja para que se anuncie a Cristo nas periferias existenciais e sociais<sup>17</sup>, não deixando espaço no coração para a indiferença frente aos desafios atuais.

A seguir, em sua encíclica *Laudato Si*, destinada pelo Papa a todos os homens e mulheres de boa vontade, aponta para um interesse e esforço comum entre todos, apresenta a tão querida figura de São Francisco, como modelo de ser humano que soube viver de forma integral e harmoniosa com Deus, consigo mesmo, com os irmãos e com a criação<sup>18</sup>. Com isso, aponta para uma nova mentalidade ecológica, a de cuidado da casa comum e o repensar a relação com a natureza por meio de um desenvolvimento sustentável.

Por fim, o olhar foi para a redescoberta da riqueza da vida cotidiana, tendo como base os seguintes documentos: *Amoris Laetitia* e *Gaudete et exsultate*. Neles o Papa retoma o tema do amor na família, sempre desafiada por crises e vitórias como qualquer lar, cristão ou não, que enfrenta, diariamente, as vicissitudes da vida. Denuncia os principais desafios que afligem, hoje, as famílias: o desemprego e falta de políticas públicas que auxiliem as famílias em suas necessidades básicas<sup>19</sup>. Indica para o desafio de se rever os frutos da modernidade: o medo do compromisso e da responsabilidade. Relembra também que a santidade é o grande modo de se viver em plenitude em qualquer estado de vida. O santo não é aquele que está afastado das realidades terrenas, mas aquele que as vive plenamente, as toma sobre

---

<sup>16</sup> EG 1.

<sup>17</sup> EG 20, 30 e 46.

<sup>18</sup> LS 1, 11-13.

<sup>19</sup> AL 25.

si e as transforma por meio de sua vida e testemunho. É aquele que cuida de si e dos outros.

A última sessão trata, enfim, das contribuições para as urgências dos cuidados da sociedade: fraternidade universal, cuidado da criação e a redescoberta do sentido de viver. Diante de tantos desafios que se veem a cada dia faz-se necessário que se cresça a consciência de que todos são irmãos<sup>20</sup>.

Uma fraternidade universal que coloca em contato com todos os seres humanos, só pode ser fruto do amor, só o amor pode abrir as pessoas para uma comunhão universal. Libânio convida a se reconhecer como irmanados em Adão, procedentes da mesma origem, membros da mesma humanidade e que se completa pela chamada do Papa Francisco a se reconhecer como filhos de Deus e irmãos em Cristo, o primogênito de uma multidão de irmãos.

O cuidado da criação há de brotar da visão cristã-inaciana de que tudo procede de Deus e de seu amor criador, todas as criaturas, a seu modo, revelam uma nuance do Criador. Nesse sentido, o “tanto quanto” inaciano há de se tornar um meio pelo qual se faça um uso ordenado dos bens da criação, não como um fim em si mesmo, como satisfação das necessidades do mercado capitalista. E há de pautar o verdadeiro desenvolvimento como aquele que dele faz participar todo homem e o homem todo, como bem afirmava o Papa Paulo VI<sup>21</sup>.

Intentou-se, aqui, apresentar as contribuições para a redescoberta do sentido de viver com referência a algumas atitudes humanas e cristãs. O abrir-se para Deus, para o Transcendente, tirando o ser humano da pura imanência e da busca desenfreada de si, abrindo-o para a plenitude de seu ser que deve ser encontrado na autodoação, também se reconhecendo como parte da Criação, como querido e desejado.

Assim, fazer a experiência de ser aceito e amado para aceitar e amar o outro, criando relações profundas: um amor cotidiano, artesanal, integrador. Mesmo sem ter respostas para todas as perguntas e desafios, o cristão assume a responsabilidade de se colocar em diálogo, em ser próximo de toda pessoa humana, sem pretensões, mas por compaixão e humanidade<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> FT 5 e 8.

<sup>21</sup> PP 14.

<sup>22</sup> CATÃO, F., Espiritualidade cristã, p. 105-106.

## 2 Modernidade e Pós-modernidade: desafios e provocações

Este primeiro capítulo analisa o contexto social atual, chamado por muitos de pós-modernidade. Considerou-se o conceito de “modernidade líquida”, termo criado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, e que expressa de forma bem esclarecedora os sentimentos e movimentos provocados pela modernidade.

Em seguida, há uma reflexão sobre o que significa viver neste tempo, levantando algumas questões referentes à pandemia do novo coronavírus, acontecimento que surpreendeu a todos, fez recordar o ser limitado e o pensar em como se está vivendo, de onde se veio e para aonde se deseja ir. São elencadas algumas potencialidades e valores herdados da modernidade e sua contribuição para o desenvolvimento intelectual, técnico-científico e psíquico do ser humano, colaborando muitas vezes para seu bem-estar e melhores condições de vida.

Por fim, são apresentados alguns dos desdobramentos da pós-modernidade para a vida do ser humano. Foca-se a Espiritualidade, o que se entende por espiritualidade e como será o conceito defendido sobre ela. Adentra-se ao que pode ser denominado como espiritualidade cristã e os perigos que podem rondar uma vivência espiritual, ou seja, uma vivência intimista, fechada em si mesma.

### 2.1 A Modernidade e os seus desafios para o ser humano

A modernidade<sup>23</sup>, a partir de seu caráter racionalista, despertou no ser humano a esperança e a sensação de terem todas as suas perguntas respondidas e as suas necessidades saciadas pela análise científica de todas as coisas, pois, segundo o filósofo e teólogo Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, a Modernidade mostrou-se,

---

<sup>23</sup> “A modernidade é um processo que tem sua origem do século XVI, quando começa a emergir um novo tipo de humanidade consciente de sua própria autonomia e de sua própria força racional” RAMPAZZO, L., Antropologia, p. 161.

“capaz de resolver todos os problemas humanos e de suprimir toda a busca de sentido da existência humana”<sup>24</sup>.

No entanto, o racionalismo<sup>25</sup>, fruto deste pensamento moderno, acaba se tornando uma ameaça à paz estabelecida na sociedade ao questionar posições e ambicionar que tudo quanto for digno de confiança passe pelo crivo do conhecimento racional. Como houve uma grande mudança na vida moral, política e filosófica da época, também o desenvolvimento da ciência a faz emergir como um profundo caráter messiânico,

capaz de superar todos os outros dois estágios já experimentados pelos seres humanos, o religioso – efetivamente arcaico e ultrapassado, porque afirmava a fé no sobrenatural, comprovada pela ciência moderna como não existente – e o filosófico – denominado também como contemplativo e visto modernamente como inadequado aos novos tempos - e solucionar todos os problemas suscitados pela humanidade<sup>26</sup>.

Pode-se observar no ser humano, desde os seus primórdios, essa sede de tudo compreender e de dominar os movimentos da vida e da criação. Um fator que prova esse anseio é a quantidade de mitos e as tentativas de explicações que o ser humano criou para tentar adentrar no mistério da vida e dos acontecimentos. Assim, a tentação do Éden “sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3,5) nunca deixou de existir, e sempre será combustível para que o homem e a mulher não deixem de progredir no conhecimento das coisas criadas

Se assim acontece com os vários setores da vida humana, não seria diferente a mudança que se fará perceber na vivência da experiência religiosa, que passa pelo “crivo do processo de secularização e o domínio da razão, pois toda experiência e, inclusive a experiência religiosa, nos tempos modernos deve passar pela benção da razão”<sup>27</sup>.

Porém, a razão iluminista que prometia responder às questões levantadas pelo ser humano não foi capaz de cumprir sua missão. Para a teóloga Maria Clara,

de forma análoga àquela pela qual a concepção teocêntrica, no começo dos tempos modernos, caía em profunda crise e perdia o poder para explicar o mundo, agora

<sup>24</sup> GONÇALVES, P., Por uma nova razão teológica, p.10.

<sup>25</sup> O termo racionalismo representa a tendência moderna influenciada pelo filósofo René Descartes, de centralizar na razão humana todo o fundamento para o conhecimento da realidade, a partir da máxima “cogito ergo sum”, estabelecendo a continuidade do dualismo metafísico, agora no sentido cartesiano. RUBIO, A.G., Unidade na pluralidade, p. 101-102.

<sup>26</sup> GONÇALVES, P., Por uma nova razão teológica, p. 8.

<sup>27</sup> BINGEMER, M. C., O rosto feminino de Deus. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>. Acesso em: 12 jan. 2021.

acontece algo parecido com a razão cartesiana constatada como insuficiente e de certa forma fracassada em seu projeto.<sup>28</sup>

Em linhas gerais, o que a Modernidade tem como marca é a busca pelo progresso e a história como palco das grandes transformações por ela causadas. Sua constante busca pelo desenvolvimento de técnicas que melhor possam atender ao mercado em seus mais variados setores, a derrubada de valores permanentes e a crescente autonomia do ser humano são grande prova disso<sup>29</sup>.

Por outro lado, há a chamada Pós-modernidade, considerada por Gonçalves como:

um estado de espírito em que se manifesta um paradoxo de ruptura e continuidade com a Modernidade. Dessa forma, emergiu um sujeito autônomo e livre diante de Deus ou dos deuses, mas que vive o drama do significado de sua liberdade e clama novamente pela divindade ou divindades. Apareceu também uma ciência moderna pretensamente messiânica, mas incapaz de ter alcance a todos os problemas humanos e mundanos e, conseqüentemente, de resolvê-los<sup>30</sup>.

### 2.1.1 A Pós-Modernidade e a fragmentação do ser humano

Na era da pós-modernidade<sup>31</sup>, pode-se perceber o desvelar de uma sociedade fragmentada que causa também uma fragmentação do ser humano, uma vez que ele é influenciado pelo meio em que vive. Dentre outros, um dos resultados mais sentidos dessa fragmentação é a perda de sentido e o aumento dos casos de depressão e suicídio nos diversos setores da sociedade, mas de forma particular nos jovens e adolescentes. De acordo com uma pesquisa da OMS, aproximadamente,

<sup>28</sup> BINGEMER, M. C., Mais espiritualidade menos religião, p. 79.

<sup>29</sup> ARAÚJO, J. W. C., A noção da consciência moral em Bernard Haring e sua contribuição e atual crise de valores, p. 40.

<sup>30</sup> GONÇALVES, P., Por uma nova razão teológica, p. 18.

<sup>31</sup> Aqui já aparece uma grande dificuldade em precisar os termos, alguns chamam da pós-modernidade, outros de hipermodernidade. Sobre isso vale a pena consultar um artigo de Geraldo Mori: A teologia em situação de pós-modernidade que se encontra disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/011cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

300 milhões de pessoas no mundo têm depressão<sup>32</sup>. Chama a atenção o número crescente de religiosos<sup>33</sup> que enfrentam esse mesmo quadro de depressão e suicídio.

Dessa forma, apontam-se, aqui, alguns sinais deste tempo que podem servir de chave de acesso para essa situação. Por conseguinte, apresenta-se a definição do filósofo e sociólogo Zygmund Bauman para a modernidade. O conceito, por ele elaborado, “modernidade líquida”, contrapõe-se ao período anterior, considerado uma modernidade sólida, ordenada, coesa, estável e, também, previsível. Segundo ele, experimenta-se o “peso” de uma sociedade líquida, com a sua fluidez, instabilidade e imprevisibilidade. Para sua explicação, parte de uma linguagem simples. Segundo ele,

os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam espaço, nem prendem o tempo. [...] em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa<sup>34</sup>.

Bauman, citando Sennett, verifica que “imaginar uma vida de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo, destituída de rotinas sustentáveis, uma vida sem hábitos, é imaginar, de fato, uma existência sem sentido”<sup>35</sup>. Essa afirmação muito se parece com o que se vive na sociedade de hoje, cujas escolhas são fluídas, os valores não têm mais lugar e as perspectivas de solidez quase não existem, tudo é relativo e depende de cada um com seu ponto de vista. Dessa forma,

a experiência religiosa irá encontrar aí uma maneira de ser e de existir que está mais de acordo ao perfil do homem e da mulher pós-modernos: sinto, logo existo. A cultura de sensações seduzidas, que caracteriza a pós-modernidade, irá marcar os tempos em que vivemos com a marca indelével da afetividade seduzida e sensibilizada. Apenas às vezes muito superficialmente.<sup>36</sup>

Tudo isso pode revelar a fragilidade de caráter e de relações pelas quais a sociedade passa. O Papa Francisco chama a esse fato de uma cultura do descarte que se aplica às relações com o próximo, consigo mesmo e com a criação. Tal atitude revela-se na manufatura dos produtos industrializados, nas inovações dos

<sup>32</sup> <https://news.un.org/pt/story/2017/02/1578281-oms-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-sofrem-de-depressao-no-mundo>. Acesso em: 12 fev. 2021.

<sup>33</sup> BERNARDO, A., Depressão no altar: quando padres e sacerdotes precisam de ajuda. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567155-depressao-no-altar-quando-padres-e-sacerdotes-precisam-de-ajuda>. Acesso em: 12 fev. 2021.

<sup>34</sup> BAUMAN, Z., Modernidade Líquida, p. 8.

<sup>35</sup> BAUMAN, Z., Modernidade Líquida, p. 31.

<sup>36</sup> BINGEMER, M. C., O rosto feminino de Deus. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>. Acesso em: 12 jan. 2021.

aparelhos celulares e, sobretudo, na vida das pessoas e de seus relacionamentos, gerando, assim, a exploração e degradação do meio ambiente que é afetado não só pela exploração dos recursos naturais como também pela poluição gerada pelo descarte<sup>37</sup>.

Igualmente, as relações acabam por entrar no mesmo processo. Como se pode constatar, pessoas e relacionamentos não são vistos numa perspectiva duradoura, mas vivenciados enquanto lhe servem e, quando não correspondem ao que se esperava, são descartadas e colocadas às margens da sociedade. Na sua encíclica *Laudato Si*, o Papa recorda que

tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas<sup>38</sup>.

Dentro dessa dinâmica do descarte, do transitório, pode-se incluir muito bem a vida digital, vivida por muitas pessoas que não mais existem, mas subsistem em meio a muitas redes sociais que têm que ‘alimentar’, enquanto se esvaziam cada vez mais de relações e de experiências de uma vida verdadeiramente vivida. Segundo Brito, para Gilles Lipovetsky,

esses são sinais de um narcisismo, enquanto a modernidade foi obstinada em produzir e revolucionar, a pós-modernidade aferra-se em informar e expressar. Informação e expressão sem alvo, que expõem o narcisismo, fator de análise do vazio que perpassa essa época<sup>39</sup>.

Bauman, em sua análise sobre a era digital, cita Rowe, que faz uma observação, no final da década de 90, quando se deparou com uma cena para ele um tanto instigante, para muitos, hoje, chega a ser considerada normal. Ele, em meio ao *boom* da alta tecnologia, observa uma família nos arredores do teatro São Francisco: a mãe está amamentando o bebê, dois garotos beliscando bolinhos enquanto balançam as pernas e o pai, ligeiramente reclinado sobre a mesa, falando ao celular; e analisa: “deveria ser uma ‘revolução nas comunicações’ e, no entanto, aqui, no epicentro tecnológico, os membros dessa família estavam evitando olhares uns dos outros”<sup>40</sup>.

<sup>37</sup> LS 21-22.

<sup>38</sup> LS 43.

<sup>39</sup> BRITO, W. C., Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky, p. 155.

<sup>40</sup> BAUMAN, Z., Amor Líquido, p. 81.

Bauman, comentando o fato, diz que, lamentavelmente,

Dois anos depois, Rowe provavelmente veria quatro celulares em operação em torno da mesa. Os aparelhos não impediriam que a mãe amamentasse o bebê e nem que os garotos beliscassem seus bolinhos. Mas tornariam desnecessário que eles evitassem olhar-se nos olhos: àquela altura, de qualquer forma, os olhos já se teriam tornado paredes em branco - e uma parede em branco não pode sofrer danos por encarar uma outra. Com tempo suficiente, os celulares treinariam os olhos a olhar sem ver<sup>41</sup>.

Interessante notar que, desde o princípio da era digital, muitos observadores já alertavam sobre os perigos desse novo estilo de vida: fragmentado, líquido, sem laços ou durabilidade. Vidas líquidas que se escoam por um curto espaço de tempo deixam cada pessoa sem chão, sem algo realmente sólido sobre o qual edificar sua vida e suas relações.

Dessa forma, os olhares se perdem, não nos horizontes a ser contemplados ou no sentimento de penetrar no íntimo do outro, mas na alucinante quantidade de informações presentes nos aplicativos ou nas incansáveis propagandas que roubam a atenção e deixam sem rumos, pelos anúncios sem fim e pelas infindas possibilidades de acesso e de pesquisa do mesmo produto, instituição ou pessoa.

Lipovetsky analisa que a sociedade de consumo se exhibe sob o signo do excesso, da profusão de mercadorias<sup>42</sup> Frei Nilo Agostini comenta que hoje, há um “excesso de escolhas, o que coloca em crise o consumidor que tudo quer abocanhar, já que não aprendeu a estabelecer prioridades, dispensando ou se privando disto ou daquilo”<sup>43</sup>. Vive-se cheio de coisas vazias. “Tudo é passageiro, nada é certo. E o ser humano que não tem vocação para o caos e para a anarquia, se sente perdido em meio a essa situação”<sup>44</sup>.

<sup>41</sup> BAUMAN, Z., Amor Líquido, p. 82.

<sup>42</sup> LIPOVETSKY & CHARLES, p. 54-55. In: BRITO, W. C., Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky, p. 173.

<sup>43</sup> AGOSTINI, N., Pós- Modernidade e ser humano, p. 113.

<sup>44</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 42.



### 2.1.2 Pandemia do novo coronavírus

Ao final do ano de 2019, o mundo todo foi acometido pela notícia de um surto causado pelo coronavírus (SARS-CoV-2), na cidade de Wuhan, na China<sup>45</sup>, e sem que pudessem esperar, em pouco tempo, o vírus já circulava e se alastrava por todo o mundo, gerando uma onda de preocupação e caos nas instâncias de saúde<sup>46</sup>.

Como visto, anteriormente, uma das características do ser humano do século XXI é o de ser o centro, conhecedor de todos os segredos da vida e detentor de todas as soluções, mas o que a pandemia o fez experimentar foi que todos continuam com suas fragilidades, mesmo diante de todas as grandes conquistas nos mais variados âmbitos. E, para surpresa de muitos, toda nossa capacidade científica não foi suficiente para conter o avanço do novo coronavírus.

Desse modo, tornou-se evidente que a globalização acontece não somente no âmbito das comunicações sociais, da política, da cultura ou do religioso, mas abrange a todos os outros setores da vida humana. No entanto, como afirma Maria Clara: “todas as esperanças e promessas relacionadas com a globalização tampouco devem obstruir a visão sobre o outro rosto deste desenvolvimento, que tem custos sociais e ecológicos muito altos”<sup>47</sup>. Daí surge a importância de todas as pessoas se reconhecerem responsáveis umas pelas outras, pois, mais cedo ou mais tarde, o que se ignora, pode afetar a todos, direta ou indiretamente.

O filósofo Marcelo Gleiser, ao falar sobre as grandes descobertas feitas pelo ser humano relembra que “a cada descoberta, a ilha do conhecimento cresce. No entanto, cresce também o conjunto daquilo que é desconhecido, as novas perguntas que os cientistas são capazes de formular sobre o mundo”<sup>48</sup>. Um dos ganhos da pandemia, certamente, foi a retomada de consciência da importância de tantos valores humanos como os da fraternidade universal, da compaixão e, também, o alargamento da compreensão de mundo, muitas vezes ignorada pela onipotência antropocêntrica.

---

<sup>45</sup>Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mar. 2021.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55834366>. Acesso em: 12 mar. 2021.

<sup>47</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 85.

<sup>48</sup> GLEISER, M., A ilha do conhecimento, p. 85.

Na compreensão bíblica sobre o ser humano, sempre foi muito clara essa sua fragilidade. Já a sociedade atual, ao contrário, pensa ter em suas mãos o controle de tudo. A tentação de “ser como deuses” nunca deixou o ser humano que acreditava ser possuidor de todos os segredos da vida humana, até que o vírus os recordou quem são e de onde vieram. Ele não fez distinção de cor, etnia ou classe social. Estavam todos no mesmo mar, mas em barcos diferentes, isso devido a situação pandêmica e suas possibilidades de tratamento e enfrentamento<sup>49</sup>.

Da mesma forma, tal situação expôs a fragilidade do ser humano (“lembra-te homem que és pó e ao pó hás de tornar” (Gn 3,19)). O ser humano em tempo de pandemia redescobriu que ele não tem em mãos o controle da vida, nem ao nascer e muito menos no seu término, com a morte. Já lembra a sabedoria bíblica que “o homem é como um sopro, seus dias como a sombra que passa” (Sl 144,4). O Papa Francisco, na bênção extraordinária *Urbi et Orbi*<sup>50</sup>, em 27 de março de 2020, toca nessa temática afirmando que “a tempestade desmascara nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades”<sup>51</sup>.

Por consequência, essa pandemia alertou para a necessidade de conjugar ciência e tecnologia, não esquecendo que a ação misteriosa do Espírito de Deus, ontem, como hoje, manifesta-se na busca sincera pela verdade e por mais dignidade à vida e alívio ao sofrimento de cada ser humano. A confiança em Deus e em sua ação não pode fazer prescindir dos meios que se tem de salvar a todos, de buscar soluções criativas e eficazes. Maria Clara argumenta que

a mística e a experiência de Deus, em tempos do coronavírus implica em dialogar com a ciência e deixar-lhe plena autonomia no campo e competência que lhe é próprio. (...) uma mística aprendida no sofrimento da pandemia deve trazer consigo

<sup>49</sup> BINGEMER, M. C., Mística, espiritualidade e pandemia, p. 260.

<sup>50</sup> A expressão “*Urbi et Orbi*” tem como significado “à cidade de Roma e ao mundo”. A bênção *Urbi et Orbi* é o nome usado para a bênção pronunciada pelo Papa em três ocasiões especiais: no dia de Natal e no dia da Páscoa (as maiores festas cristãs) e no dia da eleição de um novo Papa logo após o resultado do conclave. Na referida data, não sendo nenhuma dessas ocasiões previstas, o Papa Francisco concedeu uma bênção extraordinária, demonstrando assim sua proximidade a todas as pessoas, dispersas pelo mundo inteiro, que sofriam – e ainda sofrem – com essa realidade pandêmica. Convidava a todos a “responder à pandemia do vírus com a universalidade da oração, da compaixão, da ternura. Permaneçamos unidos. Façamos com que as pessoas mais sozinhas e em maiores provações sintam a nossa proximidade”. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/o-que-e-a-bencao-urbi-et-orbi>. Acesso em: 12 mar. 2021.

<sup>51</sup> Bênção extraordinária *Urbi et Orbi*: 27 de março de 2020. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco\\_20200327\\_urbi-et-orbi-epidemia.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/urbi/documents/papafrancesco_20200327_urbi-et-orbi-epidemia.html). Acesso em: 16 fev. 2021.

esse respeito à criação de Deus e às maravilhas que a mente humana produz, sendo uma das mais importantes a ciência<sup>52</sup>.

Nesse sentido, o Papa Francisco pronunciou-se convidando todas as pessoas, em meio a todos os sinais que foram dados neste tempo de sofrimento e de aprendizado, a pensar em outras formas de convivência, para viver, harmoniosamente, como irmãos e parte da criação. Ele exortou a todos para pensar, corajosamente, fora dos padrões, pois “depois do que já passamos este ano, não devemos ter medo de nos aventurarmos por novos caminhos e propor soluções inovadoras”<sup>53</sup>.

### 2.1.3 Potencialidades e valores herdados da Modernidade

Mediante análise feita sobre a modernidade, fazer menção às potencialidades e valores que foram apresentados ao ser humano e que iluminam seus dias, faz-se questão de justiça. É conhecida de todos as críticas que foram e são tecidas às reflexões filosóficas que existiram nesse período histórico e que, em algum momento promoveram um distanciamento entre a razão e a fé. Seria injustiça, ou mesmo pessimismo, não perceber os gérmenes preciosos de pensamentos e reflexões que podem abrir caminhos para a busca sincera da verdade. Tais gérmenes podem ser encontrados, por exemplo, “nas profundas análises sobre a percepção e a experiência, a imaginação e o inconsciente, sobre a personalidade e a intersubjetividade, a liberdade e os valores, o tempo e a história”<sup>54</sup>.

A Ciência passou a ser um dos motores que movem o desenvolvimento da sociedade e da vida da humanidade; seu intenso progresso tem sido responsável por grandes avanços no campo da medicina, do conhecimento do mundo e do ser humano. Seu crescente e vertiginoso progresso da ciência, recorda Maria Clara, “tem sido responsável por grandes melhorias na vida humana, sobretudo no decurso do último século, ainda que os frutos desse processo não tenham sido repartidos equitativamente no mundo”<sup>55</sup>.

<sup>52</sup> BINGEMER, M. C., *Mística, espiritualidade e pandemia*, p. 263.

<sup>53</sup> FRANCESCO, PP., *Vida após a Pandemia*, p. 11.

<sup>54</sup> FR 48.

<sup>55</sup> BINGEMER, M. C., *O mistério e o mundo*, p. 121.

A Filosofia moderna também possui papel importante por ter concentrado sua reflexão e atenção sobre o homem. Um homem que, desde então, é possuidor de uma razão cheia de interrogações que o levam a buscar e desejar sempre mais profundamente o conhecimento das coisas, do ambiente que o rodeia e o conhecimento de si mesmo. Dessa forma, “foram construídos sistemas de pensamento complexos, que deram os seus frutos nos diversos âmbitos do conhecimento, favorecendo o progresso da cultura e da história”<sup>56</sup>.

Esses anseios e essa busca por conhecimento e respostas criam espaço para a experiência pessoal, para o olhar subjetivo. Assim, a experiência que gera no ser humano a consciência de reconhecer-se livre e não mais totalmente dependente a leis externas e estranhas a sua subjetividade e sua dignidade<sup>57</sup>, torna-se um caminho para a busca da verdade como também uma tentativa de apreensão de uma realidade<sup>58</sup>.

Por essa razão, o ser humano, tendo se reconhecido como sujeito de sua própria vida e escolhas, se vê também como sujeito transformador da realidade presente que o circunda. Essa visão terá importante colaboração no estudo da Teologia, passando de uma visão negativa da história presente para uma visão que abre espaço para a salvação. Logo, “a história cronológica onde se debate a humanidade construindo o presente e desejando o futuro é já, desde agora, história de Salvação, correndo permanentemente o risco de tornar-se história de perdição”<sup>59</sup>.

## 2.2 Desdobramentos da Modernidade e da Pós-Modernidade

Nesta sessão são analisados alguns dos movimentos que foram surgindo no ser humano, a partir da modernidade, quando ele se volta para si mesmo, fechando-se às várias realidades que o cercam. Embora o movimento de voltar-se para si não seja completamente nocivo, mas pode vir a se tornar um perigo para a vivência comunitária e a convivência na sociedade.

---

<sup>56</sup> FR 5.

<sup>57</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 119.

<sup>58</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 214.

<sup>59</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 104.

O intuito é demonstrar que um antropocentrismo desmedido pode levar a um uso desordenado da criação, gerando uma crise ecológica, pois, na maioria das vezes, será no consumo exagerado das coisas, pessoas e sensações que o ser humano procurará sentido e realização para si. Por fim, aborda o termo vazio existencial, criado por Victor Frankl, e que pode ser manifestado na sociedade atual pelo tédio e pela sensação de não ter um sentido para a vida.

### 2.2.1 Antropocentrismo

Uma das marcas deixadas pela modernidade e pós-modernidade é a posição do homem que se descobre como centro e medida de todas as coisas, “acresce dizer que, com a modernidade, esvazia-se a força exercida pela comunidade e passa a prevalecer o indivíduo e seus interesses particulares”<sup>60</sup>. Ocorre, portanto, a passagem de uma visão teocêntrica para uma visão antropocêntrica. O homem “descobre-se sujeito e tem consciência de que ele transcende a natureza. É justamente nesta transcendência que se encontra propriamente o humano. E assim todos os problemas tendem a ser focalizados a partir do homem”<sup>61</sup>.

Essa nova maneira de pensar e perceber o seu papel no mundo traz para o ser humano uma riqueza de valores que pode ser cultivada pelo reconhecimento da dignidade de cada pessoa humana. Todavia, o perigo que acompanha essa visão, certamente, encontra-se na maneira como ela pode ser interpretada e usada de forma despótica pelo próprio ser humano, a fim de conseguir justificar os meios para chegar a um fim desordenado<sup>62</sup>.

O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, tem sua essência na alteridade, na relação, no diálogo. Se o ser humano perde de vista essa essência, ele se perde também em seu mundo interior e em suas relações interpessoais. Perder Deus de vista, como referência última de seu ser e de sua busca “seria um problema

---

<sup>60</sup> BRITO, W. C., Os Conceitos de Pós-modernidade e Hipermodernidade em Gilles Lipovetsky, p. 160.

<sup>61</sup> RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 26.

<sup>62</sup> LS 69; “O antropocentrismo moderno, com toda importância de sua contribuição ao pensar o ser humano como alguém livre e não mais sujeito a leis externas e estranhas a sua subjetividade e sua dignidade, corre o risco de reduzir-se a uma solidão individualista e atrofiante”. BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 119

não para Deus, mas para os seres humanos que não contariam mais com a referência divina para autocompreender-se como aquilo que são: humanos”.<sup>63</sup>

A teóloga Lúcia Pedrosa, em um comentário sobre a *Evangelii Gaudium*, salienta que essa intersubjetividade deve subsistir a autorreferencialidade mesquinha e reducionista. Ela afirma que

o ser humano constrói-se e realiza-se como pessoa nas relações não apesar das relações. Mas esta intersubjetividade deve ser buscada, construída e cuidada. A consciência sai de sua autorreferencialidade através de encontros humanos verdadeiros, e, especialmente; através do encontro com o Deus de Jesus Cristo, uma Transcendência que não destrói o ser humano em sua humanidade, mas, ao contrário, leva-o para além de si mesmo, a ultrapassar-se<sup>64</sup>.

Ela ainda chama atenção para um movimento que vem crescendo dentro da antropologia e da filosofia e que tem seu espaço e sua colaboração para uma verdadeira concepção do ser humano como um ser de relações, que se encontra e se descobre no outro, no rosto do outro. Ela continua dizendo que

a própria filosofia da alteridade, hoje, olha o ser humano em sua necessidade de alteridade, constitutiva da identidade. A autonomia se dá por meio do outro (P. Ricoeur, Levinás, Julia Kristeva). O outro me convoca, me tira do funcionamento em mim mesmo e, precisamente assim, permite um acesso a mim mesmo<sup>65</sup>.

O Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado da casa comum, aponta para essa mesma questão, assegurando que nestes tempos modernos ocorre um “notável excesso antropocêntrico, que hoje, com outra roupagem, continua a minar toda referência a algo em comum a qualquer tentativa de reforçar os laços sociais”<sup>66</sup>. Recorda, também, que todo esforço que se tem para um enfrentamento da crise ecológica de nada valerá se não levar em conta a cura das relações humanas fundamentais: com Deus, com a criação, com o outro<sup>67</sup>. Ainda, ressalta o valor da alteridade afirmando que “a crítica do antropocentrismo desordenado não deveria deixar em segundo plano também o valor das relações entre as pessoas”<sup>68</sup>.

A grave crise ecológica observada nada mais é do que uma expressão externa “da crise ética, cultural e espiritual da modernidade. Assim sendo, não podemos

<sup>63</sup> BINGEMER, M. C., O humano futuro de Deus, p. 16.

<sup>64</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., O ser humano centro da *Evangelii Gaudium*, p. 136.

<sup>65</sup> PEDROSA-PÁDUA, L., O ser humano centro da *Evangelii Gaudium*, p. 137.

<sup>66</sup> LS 116.

<sup>67</sup> LS 66.

<sup>68</sup> LS 119.

iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais”<sup>69</sup>. Portanto, a maior ameaça para a humanidade é a perda da sabedoria, do bom senso, a falta de consciência dos limites<sup>70</sup>.

### 2.2.2 Egocentrismo

O egocentrismo<sup>71</sup> é um dos grandes sinais que se pode perceber na sociedade moderna. Segundo Libânio, “pode-se dizer mesmo que a característica filosófico-cultural mais importante da modernidade é a autorreferência, a subjetividade individual como categoria de compreensão e decisão”<sup>72</sup>. Todos são educados a sempre pronunciar o pronome eu, a pensar somente em si mesmo e em seus interesses, perderam-se os valores humanos da responsabilidade e do bem comum. Maria Calra afirma que “os verbos poder, saber, mandar, comprar, decidir, fazer, ser [...] são conjugados na primeira pessoa do singular. Impera o individualismo em todas as relações. Cada um se acha senhor de sua própria vida”<sup>73</sup>.

Desse modo, a sociedade está cada vez mais carente de referências e de certezas. Muitas são as *logomarcas* conhecidas, atualmente: “você pode ser o que quiser”<sup>74</sup>, “nada melhor do que não ter limites”, “que seja eterno enquanto dure”<sup>75</sup>. Tais estilos de vida e pensamento trazem em si uma atitude desgastante de ter sempre algo novo a cada dia, não deixando espaço para as continuidades, para a construção de bases nas quais se possa edificar a vida. Ao contrário, se ela se constrói sob a areia movediça, “essa constante possibilidade de fazer-se a cada momento tem como consequência direta o fato de ‘desengajar’ o indivíduo do

<sup>69</sup> LS 119.

<sup>70</sup> ZILLES, U., Desafios atuais para a teologia, p. 10.

<sup>71</sup> “Tendência para relacionar tudo a si mesmo (...) num sentido bastante diferente J. Piaget aplicou este termo à característica psicológica da criança que consiste no fato de ela não experimentar comunicar seu pensamento aos outros, nem de se conformar ao pensamento dos outros”. LALANDE, A., Vocabulário técnico e crítico da filosofia, p. 290.

<sup>72</sup> LIBÂNIO, J.B., Teologia da revelação a partir da modernidade, p. 134.

<sup>73</sup> BINGEMER, M. C., Deus-amor: a graça que habita em nós, p.50.

<sup>74</sup> “Não há limite para nossa ambição e tentação de fazer nosso ego crescer ainda mais, mas precisamente de recusar aceitar limites... disseram-me: ‘invente-se, invente a própria vida e a administre como quiser, em cada um dos momentos e do princípio ao fim’”. MROZECK, S., Apud: BAUMAN, Tempos líquidos, p. 110-111.

<sup>75</sup> MORAES, V., Poesia completa e prosa, p.183.

sentimento de continuidade e até mesmo do sentimento de um sentido”<sup>76</sup> Gonzalez Buelta, traduz em uma breve frase o que acontece com o mundo de hoje: “é necessário experimentar tudo. E não é obrigatório decidir-se por nada”<sup>77</sup>.

Maria Clara, ao expor sobre essa busca desenfreada de plenitude, afirma que essa ânsia de querer “experimentar tudo pode ser, no final, não experimentar verdadeiramente nada”<sup>78</sup>. Consequentemente, ao buscar muitas coisas, estar cercado de muitas pessoas, poderá permanecer sempre à margem das relações sem a intenção de vivenciar um compromisso. Logo, isso pode custar ao ser humano o sentimento de uma grande frustração, o vazio de uma falta de sentido<sup>79</sup>.

Esse egocentrismo atinge também as relações humanas que, por sua vez, não são maduras, encontrando-se sempre fechadas em si mesmas, no seu “próprio amor, querer e interesse”<sup>80</sup>. Prova assim a imaturidade em que o ser humano escolheu viver ou da qual se fez refém pela sociedade e meio em que vive. Ao falar sobre o amor líquido, Bauman afirma que o amor imaturo existe quando a pessoa ama o outro porque ele, de alguma forma, parece-se consigo mesmo e assim ao amar uma outra pessoa, ama a si mesmo, ama nela o ideal de si mesmo<sup>81</sup>.

Essa busca descomedida por si mesmo revela, por outro lado, a essência pela qual anseia a pessoa humana: a de amar e ser amado. O egocêntrico, diferente do egoísta, é refém de um desordenado desejo de ser amado, o que o leva a procurar a si mesmo em tudo o que ele diz ou faz, ainda que tudo isso lhe seja um movimento involuntário<sup>82</sup>. Para Bauman, muitas das vezes, o homem se fecha em si porque não se abriu a experimentar a força de ser amado. Assim, ele não sabe amar porque no fundo nunca se permitiu ou vivenciou a experiência de ser amado, pois, segundo ele, “o amor próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros”<sup>83</sup>.

O amor, ao contrário do egoísmo, exige uma saída de si, com coragem e humildade, e sem essas duas virtudes não existe a possibilidade de se vivenciar o amor. Ele reitera que “essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e

<sup>76</sup> VELIQ, F., *Religião e personalização*, 29.

<sup>77</sup> BINGEMER, M. C., *O mistério e o mundo*, p. 189.

<sup>78</sup> BINGEMER, M. C., *O mistério e o mundo*, p. 197.

<sup>79</sup> BAUMAN, Z., *Tempos líquidos*, p.30.

<sup>80</sup> EE 189.

<sup>81</sup> BAUMAN, Z., *Amor líquido*, p. 99.

<sup>82</sup> ESPARZA, M., *A autoestima do cristão*, p. 62.

<sup>83</sup> BAUMAN, Z., *Amor líquido*, p. 102.



contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. É a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos”<sup>84</sup>.

Decorrente da experiência desse vazio interior, o homem começa, então, a tentar preenchê-lo com inúmeras atividades, compromissos; multiplicam-se as necessidades que o estimulam a aumentar a prática de consumo, “um consumo não apenas de coisas, mas do próprio modo de existência. Consumos de lazer, viagens, psicologias, etc, o que busca é a qualidade de vida”<sup>85</sup>. Assim, esse “ímpeto do desejo de consumo estimulado por um raio de oferta sempre maior, torna, então, a autogratisficação e a satisfação metas impossíveis”<sup>86</sup>. Mais uma vez, o ser humano torna-se refém de sua pretensa liberdade, e procura sempre mais consumir para sentir que existe. Parafraseando Descartes, talvez a afirmativa de hoje seja: “consumo, logo existo”.

### 2.2.3 Consumismo

Nos dias atuais, a valorização da pessoa passa não pelo ser, por sua dignidade original, mas pelo ter e poder que ela tenha na sociedade. Muitas são as guerras internas e externas que estouram neste período, muitas delas guerras frias, vivenciadas nos mercados sempre ávidos pelo lucro e pela acumulação. Todos são avaliados pelo que podem produzir em suas casas e em suas sociedades, assim, o fato de não produzir torna-se um peso. E, como consequência, vem a tentação da eliminação de tal vida, visto ser tal decisão objetivada não na dignidade da pessoa, mas na sua produtividade. Fato revelador dessa forma de atuação são os programas governamentais que tentam “esconder” as pessoas em situação de rua, a repressão da imigração, a eutanásia e toda forma de destruição da vida e dos valores humanos.

Consequentemente, existe uma exaltação do mercado econômico, no qual a vida gira em torno de suas normas e regras, que devem ser seguidas, e todos, de uma forma ou de outra, são afetados por suas decisões. Este mesmo mercado, segundo Bauman, tem um alvo, que “é o *homo consumens* – o solitário,

<sup>84</sup> BAUMAN, Z., Amor líquido, p.22.

<sup>85</sup> VELIQ, F., Religião e personalização, p. 28.

<sup>86</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 49.

autorreferente e autocentrado, comprador que adotou a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão e não conhece outra terapia”<sup>87</sup>.

Dessa forma, “o consumismo hedonista e individualista, que coloca a vida humana em função de um prazer imediato e sem limites, obscurece o sentido da vida e a degrada”<sup>88</sup>. Isso acontece porque o referencial adotado para a análise do sentido da vida não são a dignidade e inviolabilidade da vida humana, seu valor inquestionável. No entanto, como já expressei, o que importa é o que cada pessoa produz ou pode proporcionar ao mercado. Do mesmo modo, não importa o valor objetivo de cada pessoa humana, mas o que ela pode proporcionar em bem, o que ela tem a oferecer, o ser humano está totalmente centrado em sua autorreferencialidade.

Para o Papa Francisco, “os mecanismos da economia atual promovem uma exacerbação do consumo, mas, sabe-se que o consumo desenfreado, aliado à desigualdade social, é duplamente danoso para o tecido social”<sup>89</sup>. Assim, a todo momento acontecem bombardeios de informações, contínuas novidades dos meios tecnológicos, as várias possibilidades de pacotes de viagem, as infindas ofertas de consumo e de ocupação do tempo não deixam espaços para o ser humano refletir sobre si mesmo, sobre Deus. “Tudo se enche de palavras, prazeres epidérmicos e rumores a uma velocidade cada vez maior; aqui não reina a alegria, mas a insatisfação de quem não sabe para que vive”<sup>90</sup>.

Como toda mudança, os paradigmas de uma sociedade levam tempo para serem modificados e identificados em uma sociedade ou geração, não o foi diferente neste tempo da pós-modernidade, embora, seja preciso reconhecer que as mudanças, hoje, são um tanto mais aceleradas devido à globalização e aos meios de comunicação que imperam na sociedade; por isso, “as novas gerações são as mais afetadas por essa cultura de consumo em suas aspirações pessoais mais profundas”<sup>91</sup>. São elas que sofrem e experimentam o resultado deste novo modo de pensar e de se enxergar como sociedade.

Deste modo, “quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração

---

<sup>87</sup> BAUMAN, Z., Amor líquido, p. 90.

<sup>88</sup> DAp 357.

<sup>89</sup> EG 60.

<sup>90</sup> GE 29.

<sup>91</sup> DAp 51.

da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir”<sup>92</sup>. Na sede de ser saciado em sua busca, o ser humano procura de todos os meios preencher este vazio, porém, como disse o grande Agostinho, no século IV, o coração do ser humano estará sempre inquieto enquanto não repousar em Deus<sup>93</sup>.

#### 2.2.4 Vazio existencial

De uma análise geral desses desafios, pode-se dizer que há uma crise de falta de sentido. A destruição dos valores e a negociação da dignidade humana legaram tal desafio aos homens. A liquidez dos valores, das escolhas, dos relacionamentos constitui, desse modo, um terreno muito incerto para se construir projetos e estabelecer metas. Tudo é muito passageiro e, no afã de se experimentar uma liberdade sem fim, a pessoa se vê escrava de si mesma e de suas incertezas.

O vazio existencial é um fenômeno muito presente no século XXI. Segundo Victor Frankl, tal fenômeno pode ser atribuído a duas perdas sofridas pelo ser humano, desde que se tornou verdadeiramente humano: a primeira foi o fato de ele não viver mais sob a guia dos instintos e ter de fazer as suas próprias escolhas, e a segunda, mais recente, foi a perda das tradições que nele exerciam um papel de orientação. Sendo assim, nenhum instinto lhe mostra como deve agir e não existe tradição que lhe fale o que deve fazer, e, muitas vezes, nem ele mesmo sabe o que na verdade deseja fazer. Corre-se o risco, então, de fazer o que os outros fazem (conformismo) ou o que os outros querem que ele faça (totalitarismo)<sup>94</sup>.

Além disso, “na sociedade atual, o vazio existencial é manifestado pelo tédio e pela sensação de vida sem sentido. E essa sensação pode estar escondida por trás do uso de drogas, da agressividade, da depressão e do suicídio”<sup>95</sup>. Também vale salientar um outro fenômeno a se perceber: *o horror vacui* – o medo do vazio – que atinge a pessoa não só no seu domínio físico como também no psicológico. Na

<sup>92</sup> LS 204.

<sup>93</sup> SANTO AGOSTINHO, Confissões, I, 1,1.

<sup>94</sup> FRANKL, V., Em busca de sentido, p. 61-62; FRANKL, V., O sofrimento de uma vida sem sentido, p.11.

<sup>95</sup> MELO, W., O princípio e fundamento da espiritualidade inaciana para a subjetividade moderna em busca de sentido, p. 35; e ainda: FRANKL, V., Em busca de sentido, p. 62.

busca de dominar esse vazio existencial, o ser humano procura preenchê-lo com os muitos barulhos que a sociedade oferece ou na aventura desenfreada de uma vida acelerada, tudo numa tentativa fracassada de uma automedicação da frustração existencial<sup>96</sup>. O ser humano, reitera Maria Clara,

não tem vocação para o caos ou para a anarquia. Daí decorre a necessidade imperiosa de encontrar uma justificação para a vida, um fio condutor que lhe permita não se sentir perdido e desorientado quando se vê ameaçado por acontecimentos e circunstâncias que o põem em questão, abalando até seus últimos fundamentos<sup>97</sup>.

Em seus estudos, Victor Frankl constata que “o homem é, em virtude de sua autotranscendência, um ser em busca de sentido. No fundo é dominado por uma vontade de sentido”<sup>98</sup>. Se no tempo de Freud, o homem era acometido por um sofrimento causado pela frustração sexual, hoje o que é gritante e perceptível no ser humano é a frustração existencial. Também não é como no tempo de Adler<sup>99</sup>, quando o homem sentia dentro de si um sentimento de inferioridade, mas sim experimenta-se hoje um sofrimento de falta de sentido, acompanhado de um sentimento de um vazio existencial<sup>100</sup>.

Papa Bento XVI, em sua homilia de início do Papado, já alertava que “os desertos exteriores multiplicam-se no mundo, porque os desertos interiores tornaram-se tão amplos”<sup>101</sup>. Decerto, as pessoas do século XXI são refém do medo de enfrentarem seus próprios vazios, seus desertos interiores. Por isso, elas estão sempre à procura de um modo de esquecer essa sua condição e fragilidade. Papa Francisco relembra ao homem que ele deve visitar as periferias existenciais presentes dentro de si e ao seu redor, pois o próprio Deus age assim, leva-nos aonde “se encontra a humanidade mais ferida e aonde os seres humanos, sob a aparência

<sup>96</sup> FRANKL, V., O sofrimento de uma vida sem sentido, p. 71.

<sup>97</sup> BIINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 147-148.

<sup>98</sup> FRANKL, V., O sofrimento de uma vida sem sentido, p. 107.

<sup>99</sup> Alfred Adler, médico austríaco, criador da escola de pensamento e de clínica da Psicologia Individual, “cuos princípios pautavam-se em uma Psicologia que considerava a personalidade como única, indivisível ou, como descrito pelo próprio Adler, como uma Psicologia que se dedicava ao estudo da unidade do indivíduo para a compreensão de sua totalidade”. LEAL, D; MASSIMI, M. Alfred Adler (1870-1937): Uma breve biografia. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812017000200021&lng=es&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000200021&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 02 mai. 2021.

<sup>100</sup> FRANKL, V., O sofrimento de uma vida sem sentido, p. 107.

<sup>101</sup> BENTO XVI, PP., Homilia de imposição do Pálio e entrega do Anel de Pescador para o início do Ministério Petriño do Bispo de Roma. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20050424\\_inizio-pontificato.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html). Acesso em: 14 fev. 2021.

da superficialidade e do conformismo, continuam à procura de resposta para a questão do sentido da vida”<sup>102</sup>.

## 2.3 Espiritualidade como abertura ao Transcendente

Na presente sessão define-se o que se entende por espiritualidade, a crescente procura manifestada na pós-modernidade por uma experiência espiritual vivenciada no cotidiano, no comum da vida. Aprofunda-se no conceito do que pode ser considerado espiritualidade cristã e como se dá na prática essa configuração permanente a Jesus Cristo, como Mestre e Modelo de seguimento, reconhecendo também, as sementes do Verbo, presente e atuante, no desejo verdadeiro de encontrar o Bem e a Verdade. Apresenta-se também, por fim, o perigo de uma espiritualidade intimista manifestada nestes tempos, que deve ser observada para não se tornar fechamento em si mesmo, busca de autossatisfação de necessidades e, em consequência disso, vir a descartar as experiências humanas como caminho para se chegar a Deus, tornando-se assim, uma experiência desencarnada.

### 2.3.1 O que se entende por espiritualidade

O primeiro passo que se demonstra importante nesta pesquisa é conceituar o que se dizer ao falar de espiritualidade, pois muito há dito a respeito deste termo, e a própria palavra assume muitos significados, como por exemplo, como qualidade do que é espiritual, também como sinônimo de piedade realmente possuída<sup>103</sup>. Aqui, um conceito que designa a espiritualidade é

como o conjunto das perspectivas e das atividades humanas voltadas para tudo que o ser humano busca como verdade, bem, beleza, justiça: realidade ou valores que estão no horizonte da vida humana, sustentam-na e se manifestam no dia a dia<sup>104</sup>.

---

<sup>102</sup> GE 135.

<sup>103</sup> CAPRIOLI, M., *Espiritualidade*, p. 897.

<sup>104</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 15.

Nessa mesma linha, Francisco Catão afirma que a espiritualidade “corresponde às exigências da verdade profunda do que é o ser humano: assim, seu fundamento primeiro, portanto, é antropológico. Todo ser humano é chamado a uma vida espiritual”<sup>105</sup>. A vivência da espiritualidade não é algo que está para além, que está fora do homem, nem algo que se manifesta somente na vida do crente, mas faz parte do desejo e da busca de todo ser humano.

Desse modo, observa-se na pós-modernidade um renovar do interesse espiritual que surge das necessidades de autenticidade, de uma vivência religiosa, de vida interior e de liberdade que a sociedade de consumo não pode satisfazer por completo. Este anseio permaneceu presente no homem uma vez que a civilização industrial não cumpriu com as suas promessas de saciedade dos desejos humanos e de criação de um mundo à medida do ser humano, mas, ao contrário, trouxe a produção como medida de valor - o homem vale o que ele produz para a sociedade. Assim, a civilização industrial produziu sobretudo “a massificação e a manipulação das pessoas, uma angustiante incomunicabilidade, um futuro ameaçador, a atrofia dos sentimentos e a poluição ecológica”<sup>106</sup>.

Destarte, é comum neste tempo a redescoberta da dimensão religiosa na vida cotidiana e nos seus acontecimentos considerados antes como profanos: a transcendência é vista como algo comum, como uma experiência mais silenciosa e bastante real. “Muitas vezes, é descrita como sentimentos de união, sentido de totalidade, saída de si mesmo, vida purificada e renovada, satisfação e gozo. O homem entra em união com o maior, o mistério, o tudo que o envolve”<sup>107</sup>.

Entretanto, essa experiência de transcendência pode ser provocada por simples acontecimentos e, como explicitado, por coisas muito cotidianas: o contato com a natureza, o amor, o nascer de uma criança, as liturgias, as obras de arte, o encantamento de uma descoberta científica, as artes, a beleza<sup>108</sup>. Dado que ser humano “significa também saber escutar o mistério, contemplar a realidade, encontrar a unidade com a natureza e com o homem, refletir sobre o sentido do homem através de gestos e de ritos simbólicos”<sup>109</sup>.

<sup>105</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 15.

<sup>106</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 340.

<sup>107</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 342-343.

<sup>108</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 342-343.

<sup>109</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 343.

Desse modo, “a espiritualidade a nível humano parece possível e constitui valor religioso positivo; negá-lo é atitude sectária e injuriosa à paternidade universal de Deus”<sup>110</sup>.

### 2.3.2 Espiritualidade cristã

Antropologicamente, toda espiritualidade cristã há de se construir sob o desejo de comunhão com Deus, inscrito no mais íntimo dos seres humanos. Este dado está na base de toda a vida humana e, por conseguinte, de todas as espiritualidades cristãs, pois, como o próprio Catecismo acrescenta, a doutrina vale também para todas as espiritualidades que se manifestam na história, e, para todas elas de algum modo, na medida que forem espiritualidades autênticas e, portanto, caminhos para chegar à comunhão com Deus (CIC, nn. 27-28)<sup>111</sup>.

Logo, o papel do cristão é o de, com Cristo, tornar-se fermento na massa (Lc 13, 20-21), na simplicidade e escondimento, pelo testemunho de vida, professar que Deus habita o mundo e nele se revela. Em resumo, sua função é o de ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16). Por isso, “todos os fiéis, de qualquer estado ou condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade”<sup>112</sup>. Este é um dos aspectos que deve brilhar na vida e missão dos cristãos.

As virtudes cristãs são, em sua essência, decorrentes de virtudes humanas. Aquele que sabe viver em plenitude sua vida humana, também será capaz de viver uma vida cristã plena. Jesus, em sua pregação, afirma ao povo que ele não veio para abolir a Lei e os profetas, mas, dar-lhes o pleno cumprimento (Mt 5,17), ou seja, toda a Lei em si, se vivida como fardo, escraviza o homem e não o conduz à perfeição esperada, mas se ela está cheia de vida e tem o amor em seu centro, há de orientar não somente a vida do crente, mas toda uma sociedade, uma cultura<sup>113</sup>.

Segundo Francisco Catão, há no íntimo de cada ser humano uma abertura ao Transcendente que “é a expressão concreta da capacidade que o ser humano tem de

<sup>110</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 348.

<sup>111</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 19.

<sup>112</sup> LG 40.

<sup>113</sup> RM 28.

conhecer e amar a Deus, mesmo naqueles que não o reconheçam explicitamente. Como tal, esse desejo está na raiz de toda espiritualidade humana”<sup>114</sup>.

Em todos os tempos é preciso lembrar a teologia nascida nos Padres da Igreja e retomada pelo CV II de que se faz necessário perceber nas várias culturas as “sementes do Verbo”<sup>115</sup>. Afirmar a vitalidade dessa doutrina faz reconhecer que, embora seguindo por caminhos diferentes, todos estão voltados para uma mesma direção a da “mais profunda aspiração do espírito humano, tal como ela se exprime na busca de Deus; e, conjuntamente, na busca mediante a tensão no sentido de Deus, da plena dimensão da humanidade, ou seja, do sentido pleno da vida humana”<sup>116</sup>.

Nesse sentido, todo cristão é chamado a ser santo! Só o homem santo pode reformar tudo ao seu redor a começar por dentro, de uma conversão interna que o impulsiona a buscar o amor, o bem, a vida e a justiça a todas as pessoas para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10). Assim, entende-se que a santidade está presente não somente entre aqueles que têm seus nomes escritos nas fileiras dos santos, mas como Papa Francisco recorda em uma de suas exortações apostólicas, a santidade faz-se presente nos santos “ao pé da porta”, que na sua cotidianidade sabem viver sua oferta diária em favor dos irmãos, da família e de toda comunidade humana<sup>117</sup>.

Desse modo, há que se achar desperto no coração do cristão essa sensibilidade para perceber nas obras-primas da arte humana uma fagulha da centelha divina e na vida e exemplo dos santos as obras de Deus na argila humana. Homens e mulheres que conseguiram elevar-se, além daquilo que é apenas útil e funcional, puderam “descobrir o significado da vida como dom gratuito de Deus vivo, que por caminhos imprevisíveis, guia as vicissitudes históricas para as metas eternas”<sup>118</sup>.

<sup>114</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade Cristã*, p. 19.

<sup>115</sup> AG 11; LG 17.

<sup>116</sup> RH 11.

<sup>117</sup> GE 7.

<sup>118</sup> FIORES, S.D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 357.



### 2.3.3 O perigo da espiritualidade intimista

O Papa Francisco, já na primeira exortação apostólica de seu pontificado, alertava para o perigo que o processo de secularização oferece ao cristianismo ao tender reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo<sup>119</sup>. Em tempos de pandemia, muitos cristãos viram-se “obrigados” a sustentar sua vivência de fé dentro de suas casas pelos meios de comunicação, quando os atos litúrgicos eram transmitidos por canais ligados às paróquias, movimentos ou associações. Certamente, essas atitudes pastorais tiveram seus benefícios, mas também deixaram seus desafios. Um deles é o da acomodação ao seu pequeno mundo, a uma espiritualidade intimista e desencarnada.

Ainda nessa exortação, o Papa coloca um alerta de que o isolamento, é uma “concretização do imanentismo, que pode exprimir-se numa falsa autonomia que exclui Deus, mas pode também encontrar na religião uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio”<sup>120</sup>. Assim, o homem busca-se a si próprio e às suas necessidades ao invés de buscar a Deus, aderir à sua Palavra e à sua proposta de Reino<sup>121</sup>. Destarte, vale recordar que a verdadeira “vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário”<sup>122</sup>.

No entanto, o Evangelho está sempre a convidar os homens e as mulheres de cada tempo a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, que os interpela por seus sofrimentos e reivindicações, com sua força e alegria. A verdadeira vivência da fé no Filho de Deus feito carne para a salvação dos homens não deve estar separada do dom de si mesmo, “da pertença à comunidade, do serviço, da

<sup>119</sup> EG 64.

<sup>120</sup> EG 89.

<sup>121</sup> Dentro dessa temática do perigo do intimismo se faz necessário salientar a importância da vida eclesial, da vida em comunidade vivenciada de modo particular na celebração litúrgica. Afirma Luiz Fernando Santana que “a liturgia, enquanto *mysterion*, é o lugar sagrado no qual Cristo, em toda a sua vida e obra, torna-se presente para unir-se intimamente a cada membro de sua Igreja e torna-nos *divinae consortes naturae* (cf. 2Pd 1,4). Assim é que a liturgia permanece, antes de tudo e principalmente, como um trabalho operativo (*érgon*) de Deus no homem e só num segundo momento como uma livre adesão em forma de resposta cultural do homem em relação à iniciativa de Deus. Destarte, na qualidade de misterioso sinal eficaz que ‘presencializa’ ou atualiza as *Magnalia Dei* de todos os tempos, a celebração litúrgica se revela como o ‘espaço místico’ por excelência na espiritualidade cristã”. SANTANA, L. F. R., O Espírito Santo e a espiritualidade cristã, p. 53.

<sup>122</sup> DAp 285.

reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura”<sup>123</sup>.

Os prelados que estavam presentes na V Conferência do Episcopado Latino-Americano faziam um alerta de que a santidade não deve ser vista como uma fuga para um intimismo ou um individualismo religioso, nem tampouco um descaso pelas realidades sociais, econômicas e políticas, muito menos como uma fuga daquilo que é real para uma atmosfera exclusivamente espiritual<sup>124</sup>, pois afirma Papa Francisco que

uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela. Amamos este magnífico planeta, onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com os seus valores e fragilidades<sup>125</sup>.

Deve-se, acima de tudo, evitar esse dualismo e individualismo que faz a separação entre vida e liturgia, que tem mais interesse na salvação da alma que no corpo. Torna-se necessário recordar que Cristo assumiu a carne humana e assim inseriu o homem por completo no seio da Trindade. O corpo também é um meio de salvação, é por meio dele que se vive a relação com Deus, com os outros, com a criação, é por ele que se pode dar sua contribuição na transformação da realidade presente. Urge pensar o ser humano “a partir de sua totalidade, pois a glória de Deus é o homem vivo, desperto em suas potências e em seu existir”<sup>126</sup>.

Outrora, mas também nestes dias, a tradição cristã dos países latinos, com bastante frequência, interpretou a espiritualidade numa visão dualista, o corpo e a matéria como inimigos da alma, como prisão, como tendência a coisas baixas<sup>127</sup>. Por mais que se tenha trabalhado para que essa mentalidade seja retirada do horizonte do cristão, ela sempre está muito viva e presente e vem se manifestando com novas roupagens, mas permanecendo sempre a mesma velha questão: o dualismo antropológico. Dessa forma, “há que se rejeitar a tentação duma

<sup>123</sup> EG 88.

<sup>124</sup> DAp 148.

<sup>125</sup> EG 183.

<sup>126</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 354.

<sup>127</sup> ESPEJA, J., *Espiritualidade Cristã*, p. 27.

espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação”<sup>128</sup>.

Por isso, pensar em uma espiritualidade não intimista, significa afirmar que não servem as muitas propostas de experiências que são “desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração”<sup>129</sup>.

---

<sup>128</sup> NMI 52.

<sup>129</sup> EG 262.

## 3 Espiritualidade Inaciana e suas bases

O presente capítulo trata sobre as bases sobre as quais estão fundadas a espiritualidade inaciana. Apresenta-se um breve histórico sobre a vida de Santo Inácio de Loyola e como oferece, por meio da observação de sua experiência, um novo caminho pelo qual chegar a fazer a vontade de Deus. Logo após, apresenta-se um pouco sobre a espiritualidade inaciana e suas bases: a dinâmica do desejo, o discernimento inaciano; foca-se o Princípio e Fundamento, analisando-o em suas partes e, por fim, a vivência da espiritualidade inaciana, como configuração a Cristo, no cotidiano da vida.

### 3.1 Inácio de Loyola: um homem fragmentado a procura de sentido

Pela sua vida e desafios, Santo Inácio é exemplo para todos os tempos de reerguimento, de superação e de busca apaixonada por viver com intensidade. Por isso, vale perpassar alguns pontos de sua história, para iluminar a vida e missão de todos.

Inácio foi um homem fragmentado pelas perdas que sofreu durante sua vida, logo cedo ficou órfão de mãe, perdendo também seu pai ainda adolescente. Com isso, desde muito cedo, ele teve de lidar com questões afetivas bastante intensas e difíceis. Até seus vinte e seis anos viveu nos ambientes cortesões da época e tinha dentro de si o ideal que cercava todos os jovens da sua época: ser um valente cavaleiro a serviço de seu senhor. Ele mesmo relata em sua Autobiografia que “tinha grande prazer, sobretudo no exercício das armas, com grande e vaidoso desejo de obter honra”<sup>130</sup>.

Inácio estava a serviço do Duque de Nájera, Dom Antônio Manrique de Lara, quando houve um aumento da tensão política da época. Os espanhóis entraram em guerra com o exército francês e, foi nesse tempo que, tragicamente, na batalha de

---

<sup>130</sup> Autob 1.

Pamplona, no dia 21 de maio de 1521, estilhaços de uma bala de canhão acertaram uma das pernas de Inácio, quebrando-a toda e deixando a outra bastante ferida<sup>131</sup>.

Entretanto, o que parecia ser o fim de um jovem sonhador se transforma no início de um recomeço plenificador e cheio de vida. Acostumado a ler livros de cavalaria, contando a saga de grandes cavaleiros que serviam com bravura ao seu senhor e a uma amada, ele começa a ter contato com a *Vita Christi* e a *Legenda Áurea*, que lhe dão a conhecer a vida de Cristo e a vida dos santos<sup>132</sup>. A partir daí descobre um novo Senhor a quem pode dar a vida e um novo modo de servir, não com menos paixão ou bravura, mas pleno de desejo e grandeza de alma<sup>133</sup>.

Em seguida, terminado esse período de convalescença, depois de feitas as primeiras experiências espirituais e sério discernimento<sup>134</sup>, Inácio se coloca como peregrino na busca por si mesmo e pela vontade Deus para sua vida. Nessa caminhada aprendeu a conviver consigo mesmo, num longo processo de perdão, aceitação<sup>135</sup> até chegar a experimentar o amor de Deus que o acolhe e o educa<sup>136</sup>.

Assim, inflamado pelo amor de Deus e pelo desejo de servi-lo, Inácio alarga o seu horizonte de sentido<sup>137</sup>. Passa de um egocentrismo exacerbado para um ideal de amor e serviço a Deus e ao próximo<sup>138</sup>, como bem explicita em uma frase, o padre jesuíta David Londasle: “e servir a Cristo acabou por significar dar-se generosamente ao serviço de outros homens e mulheres”<sup>139</sup>.

Essa atitude de peregrinação, busca, discernimento e paixão por fazer a vontade de Deus irá acompanhar Inácio, desde Loyola até Roma<sup>140</sup>, bem como por toda sua vida. Pe. Jerônimo Nadal, ao olhar essa experiência de discernimento, dizia que “Inácio seguia o Espírito, não se adiantava a Ele. Deste modo, era conduzido

<sup>131</sup> Autob 1.

<sup>132</sup> Autob 5.

<sup>133</sup> Autob 7.

<sup>134</sup> Autob 12.

<sup>135</sup> Autob 23-25.

<sup>136</sup> Autob 27.

<sup>137</sup> COSTA, A. S., *Encarnação no mundo*, p. 60.

<sup>138</sup> No início Inácio se vê voltado para si mesmo, queria ser um homem penitente para pagar pelos pecados cometidos em sua vida passada a ponto de não querer entrar na ordem dos Cartuxos “pois temia não poder dar curso à raiva que tinha concebido contra si próprio” (Autob 12), chegando ao ponto de experimentar uma grande crise de escrúpulos (Autob 22-24). Mas existe uma transformação interior durante seu caminho espiritual e ele, enfim, se abrirá à experiência do perdão de Deus e terá início a uma nova etapa em sua vida (Autob 25-27).

<sup>139</sup> LONDASLE, D. *Olhos de ver, ouvidos e ouvir*, p. 41.

<sup>140</sup> LONDASLE, D. *Olhos de ver, ouvidos e ouvir*, p. 43-45.

serenamente por onde não sabia. Aos poucos, o caminho se lhe abria e o percorria, sabiamente ignorante, colocando, simplesmente, seu coração em Cristo”<sup>141</sup>.

Ao discorrer sobre a composição dos EE, Adroaldo Palaoro recorda que “Inácio não fez os EE de um golpe só; o que ia observando em seu interior nos tempos fortes de oração, isso é o que ia anotando e isso é o que ele nos legou”<sup>142</sup>. Dessa experiência de vida e conversão nasce a espiritualidade inaciana, que tem como seu centro os Exercícios Espirituais. Ambos nascem da observação feita por Inácio dos movimentos interiores que o habitavam e que o foram conduzindo até Deus, e dos desejos que possuía e que aos poucos foram purificados e ordenados para o fim verdadeiro e eterno.

### 3.1.1 Espiritualidade Inaciana

A espiritualidade inaciana nasce da experiência vivenciada por Santo Inácio de Loyola durante sua conversão, e será o norte que o guiará para toda vida. Esta espiritualidade foi moldada não somente pela experiência religiosa de Inácio, mas também pelo mundo no qual vivia, pois, “sua história pessoal e o contexto social mais amplo de seu tempo deram forma e direção ao modo como ele entendeu e viveu a vida cristã”<sup>143</sup>. Ademais, a forma como vivenciava sua espiritualidade era também uma tentativa de aplicar ao cotidiano de sua vida a vivência do evangelho de Cristo, em resposta aos problemas e necessidades do mundo do seu tempo, numa espiritualidade encarnada.

Diferente do que muitas vezes se pensa, Inácio, ao iniciar sua aventura de conversão, não teve a pretensão de criar um método, ou uma nova espiritualidade, mas o único desejo pelo qual se sentiu impulsionado era o de buscar em tudo a vontade de Deus, e uma vez realizada tal descoberta, pôde abraçá-la e fazer dela o seu itinerário de vida. Por isso, sua experiência espiritual transformou-o radicalmente, porque tocou no íntimo do seu ser.

<sup>141</sup> NADAL. Diálogos n. 17, FN II, p. 252.

<sup>142</sup> PALAORO, A., A experiência espiritual de Sto Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios, p. 53.

<sup>143</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 11.

Ao experimentar a eficácia do caminho por ele percorrido, Inácio não guarda somente para si o tesouro descoberto, mas sente a necessidade de partilhar aos outros esse mesmo itinerário dinâmico que lhe indicara o próprio Deus, de um crescimento progressivo no conhecimento de Deus, de sua graça e sua vontade<sup>144</sup>.

Tal como Inácio foi transformado pela forma com a qual vivenciava sua fé e sua vida, também no decorrer da história a espiritualidade inaciana vem rendendo frutos em muitos outros homens e mulheres de todos os tempos, isso porque “é uma espiritualidade dinâmica, vital, que desencadeia em nosso interior um contínuo estado de crescimento, de evolução”<sup>145</sup>.

Grande parte dessa universalidade e caráter dinâmico reside no fato de que a espiritualidade inaciana “está a serviço do evangelho e do reinado de Deus; é um meio pelo qual a palavra de Deus vive e se faz carne”<sup>146</sup>, no hoje da história de cada pessoa humana e de toda sociedade. Pode-se dizer que a originalidade da experiência de Inácio e seu legado de espiritualidade está justamente em contemplar Deus na ação e unir-se a Ele nas ações cotidianas; ou seja, encontrá-lo em todas as coisas<sup>147</sup>. Não é uma espiritualidade de inércia, mas ativa e operante, pois, dispor-se a contemplar a ação de Deus é dispor-se também a cooperar com Ele. Logo, “Inácio é chamado ao encontro com Deus na obra de Deus. Todas as formas de oração devem estar subordinadas às exigências apostólicas, ou seja, sincera cooperação com Deus”<sup>148</sup>.

Portanto, para Inácio, o importante na oração não era somente o tempo material empregado, as múltiplas palavras pronunciadas, mas o espírito recolhido, atento, aberto, capaz de “criar um contato com Deus, encher de Deus as potências e os sentimentos”<sup>149</sup>. Para ele “não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear as coisas internamente”<sup>150</sup>, é o tempo que se permanece com o Senhor que irá de fato transformar a vida e a missão, que irá dar novo sentido à vida. É sentir essa necessidade de Deus, esse desejo de Deus, e, como recorda

---

<sup>144</sup> Autob 27.

<sup>145</sup> PALAORO, A., A experiência espiritual de Sto Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios, p. 28.

<sup>146</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 20.

<sup>147</sup> EE 233.

<sup>148</sup> PALAORO, A., A experiência espiritual de Sto Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios, p. 45.

<sup>149</sup> ANCILLI, E. Espiritualidade cristã, p. 908.

<sup>150</sup> EE 2.

Catão, “reconhecer que o cristianismo se funda num dado da realidade, numa experiência de vida, antes mesmo de se conceber como uma confissão de fé”<sup>151</sup>.

Portanto, a espiritualidade inaciana estará sempre em continuidade com o cerne da experiência cristã. Assim, constata-se que, muito mais do que apenas o seguimento de uma doutrina ou de um conjunto definido de regras a ser observado cegamente, “é o encontro pessoal com Jesus, encontro que se dá não em virtude de nossas ideias ou disposições, mas em virtude da presença e da ação em nós do Espírito de Jesus, morto e ressuscitado”<sup>152</sup>. Essa experiência moldará o seu ser e o seu agir como cristão<sup>153</sup>.

### 3.1.2 A dinâmica do desejo

Quando começa a fazer o seu caminho de busca de sentido, Inácio, na verdade, está à procura de satisfazer o grande desejo do ser humano: ser bem-sucedido em sua existência e ter uma história a contar. Ele é um homem pleno de desejo, um homem desejante! A diferença de muitos outros de sua época é a forma com a qual ele enfrenta esses desejos “mundanos”. Após sua conversão, não se afasta nem os demoniza, mas os ordena a um fim desejado: a vontade de Deus.

Com isso, o santo descobre uma fonte importantíssima da vida humana: o desejo, pois somos aquilo que desejamos. Segundo a tradição católica, o desejo primitivo do ser humano é estar em relação com Deus, seu início e fim, como, magistralmente, afirma Santo Agostinho: “fizeste-nos para Ti e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em Ti”<sup>154</sup>. Tal anseio, chamado desejo de Deus, “é a expressão concreta da capacidade que o ser humano tem de reconhecer e amar a Deus, mesmo naqueles que não o reconhecem explicitamente. Como tal, esse desejo está na raiz de toda a espiritualidade humana”<sup>155</sup>.

Ainda que alguns não aceitem essa doutrina judaico-cristã, estes, por sua vez, são honestos em reconhecer que existe no ser humano uma sede, algo que o lança

<sup>151</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p.19.

<sup>152</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 31.

<sup>153</sup> DCE 1.

<sup>154</sup> SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, I, 1,1.

<sup>155</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 19.



para além daquilo que é meramente terreno, que o faz olhar além. É essa sede que diferencia o ser humano de todos os outros seres vivos: a sede de sentido. Mesmo diante de tantos avanços “a sede de Transcendência, sintoma inegável da tardo, hiper ou pós-modernidade em que vivemos, dá testemunho de que todas as possibilidades de erotismo e de consumo não bastam ao ser humano”<sup>156</sup>.

Entretanto, é interessante notar como o mercado se aproveita maldosamente desse traço constitutivo do ser humano, pois, a cada momento, surgem várias novidades dos produtos a consumir, uma função nova, um aprimoramento de sistema, uma nova capacidade de armazenamento. Tudo isso com a intenção de fomentar no ser humano o desejo de consumo que, por sua vez, esconde atrás de si o desejo de felicidade, de plenitude. Escravizam o ser humano ao escravizar seu desejo<sup>157</sup>. Mardones ao falar sobre esse tema afirma que,

a felicidade do consumo desemboca no hedonismo materialista. Uma demanda de prazer que não tem fim, porque nunca satisfaz o que promete. Joga com a estimulação do desejo e desperta a sede indefinida de mais coisas e mais gozo. Ter, possuir, desfrutar, ganhar, alcançar sucesso, deslumbrar os que estão em volta, são valores que se encontram na sociedade consumista<sup>158</sup>.

Todavia, o que se faz interessante notar é que tão logo a novidade passe, também passará o sentimento de saciedade. Na verdade, só “o desejo subjetivo de Transcendência e a abertura para a interioridade, para o Mistério, podem ser a força capaz de romper o obstáculo escravizante da materialidade e do consumismo”<sup>159</sup>.

Com isso, constata-se que o processo que vivenciou Inácio de Loyola no seu tempo de convalescença, ou seja, a busca de um sentido para sua vida, é o mesmo que acontece hoje, com cada ser humano. O desejo de sentido é, em si, “constitutivo do sujeito, da pessoa. E é o que dinamiza sua interioridade, seu crescimento, sua contínua autotranscedência”<sup>160</sup>. A pessoa deve se dispor a descobrir sua essência, sua busca mais profunda, o seu porquê. A descoberta e a ordenação dos desejos humanos são a fonte da qual jorram todas as atitudes vitais da pessoa, seu centro de equilíbrio e seu tesouro escondido.

<sup>156</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 207.

<sup>157</sup> AGOSTINI, N., Pós-Modernidade e ser humano, p. 122-123.

<sup>158</sup> MARDONES, J. M., Postmodernidad y Cristianismo, p. 196. In: AGOSTINI, N., Pós-Modernidade e ser humano, p. 122-123.

<sup>159</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 205.

<sup>160</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 205.

Longe de ser uma atitude passiva, “a busca por sentido certamente pode causar tensão interior em vez de equilíbrio. Entretanto, justamente essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental”<sup>161</sup>. Essa busca incessante por descobrir o sentido para a vida, por descobrir e fazer a vontade de Deus, só pode alcançar êxito num coração que é paciente, atento e que está aberto à ação do Espírito, a alguém que faz do discernimento sua companhia de vida inteira.

### 3.1.3 Discernimento inaciano

A questão do discernimento é uma das mais urgentes na sociedade, na qual se paira um ar de imediatez e pressa, não sobrando tempo para as decisões refletidas e ponderadas: “hoje anda-se depressa. Os resultados devem ser obtidos a curto prazo. Prioriza-se o urgente em vez de importante. Age-se já, nem sempre refletindo o suficiente”<sup>162</sup>.

Assim, com a iminência do progresso tecnocientífico, foram como que minadas todas as percepções que até então pareciam ser naturais: hábitos, rituais, fundamentações de crenças, ritmos e estilos de vida em comum, velocidade, formas de pensamento e de percepção. Por essa razão, nada mais hoje parece óbvio, somente a inconstância se tornou constante: o estado de uma inquietude geral, de excitação, de efervescência<sup>163</sup>.

Além disso, percebe-se que a capacidade de interioridade do ser humano é diretamente atingida, “pois as sensações às vezes são tão intensas, refinadas e contínuas, que podem inclusive entrar em nós sem fazer-se percepções conscientes, e muito menos trabalhadas por um pensamento próprio”<sup>164</sup>. Assim, corre-se o risco de que a vida seja vivida num “fluxo contínuo das sensações que chegam aos nossos sentidos sem sobre elas refletir e discernir”<sup>165</sup>.

Diante dessas questões, faz-se mais que urgente uma parada para uma tomada de consciência e, também, para uma vivência humana mais comprometida com a

<sup>161</sup> FRANKL, V., *Em busca de sentido*, p. 61.

<sup>162</sup> AGOSTINI, N., *Pós-Modernidade e ser humano*, 117.

<sup>163</sup> BINGEMER, M. C., *O mistério e o mundo*, p. 201.

<sup>164</sup> BINGEMER, M. C., *O mistério e o mundo*, p. 202.

<sup>165</sup> BINGEMER, M. C., *O mistério e o mundo*, p. 202.

vocação para a qual todos são chamados: a ter vida e vida em abundância. Daí, tem-se que o discernimento nasce e se desenvolve nas opções mais profundas, dos sentidos pelos quais se decide encaminhar a vida. Não é simplesmente uma “pura consideração especulativa, mas consciência reflexa de uma vivência, de uma experiência.

Ao contrário, “o discernimento supõe um compromisso de vida, uma comunhão efetiva com as inquietações e angústias dos homens”<sup>166</sup>, pois o verdadeiro discernimento não está fechado em si mesmo e no que mais lhe agrada, mas se abre ao horizonte da vontade de Deus para si e para todos os homens.

Igualmente, o Papa Francisco ensina que o verdadeiro “discernimento espiritual não exclui as contribuições de sabedorias humanas, existenciais, psicológicas, sociológicas ou morais; mas transcende-as”<sup>167</sup>, porque lança a pessoa além de si, num horizonte de sentido maior, mais largo, “à própria fonte da vida que não morre, isto é, conhecer o Pai, o único Deus verdadeiro, e a quem Ele enviou, Jesus Cristo”<sup>168</sup>.

Nessa mesma linha, o discernimento espiritual vivido e proposto por Santo Inácio “tem por finalidade a busca e a descoberta da vontade de Deus, distinguindo-as das ilusões e seduções do mal, bem como de nossa própria vontade ou de nossos instintos egoístas”<sup>169</sup>. Assim, nesse modo inaciano de discernir não cabe um discernimento egoísta que busca o que mais lhe apraz ou que mais lhe trará satisfações, prazeres, mas aquele verdadeiro que sabe apreciar os dons que Deus concede em sua bondade e perceber qual a melhor maneira de corresponder a esse amor no cotidiano da vida<sup>170</sup>.

O discernimento não deve ser uma atitude a ser tomada somente nas horas decisivas de escolhas ou decisões, mas deve ser algo que acompanha a vida, “um viver atento aos fatos e acontecimentos interiores – que nascem do profundo de nós mesmos – e exteriores – da sociedade e das pessoas que nos rodeiam”<sup>171</sup>.

<sup>166</sup> PALAORO, A., A experiência espiritual de Sto Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios, p. 43.

<sup>167</sup> EG 170.

<sup>168</sup> EG 170.

<sup>169</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Discernimento espiritual: as regras inacianas, p. 11.

<sup>170</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 91.

<sup>171</sup> EG 169.

Portanto, diante de uma sociedade frenética e agitada, frente às ofertas de consumo de tantas sensações e prazeres que tiram a capacidade de reflexão e que entretém tanto que não há espaço nem tempo para a assimilação reflexiva, faz-se urgente a capacidade de discernimento<sup>172</sup>. Logo, estar atento aos apelos e aos afetos que movem a pessoa, andar com prudência, para analisar as situações com calma e objetividade, certamente trará uma maior assertividade no viver. E, em consequência disso, a pessoa será orientada para o fim a que foi chamada a viver, a liberdade dos filhos de Deus, pois “a verdadeira liberdade consiste em ser livre de si, das próprias paixões e compulsões, dos próprios medos e dos próprios gostos”<sup>173</sup>, ser livre em relação a todos os apegos ou afeições desordenadas que roubam a liberdade.

### 3.2 Princípio e Fundamento

Nas sessões anteriores foram abordadas algumas questões sobre a espiritualidade inaciana, tendo em vista um pouco de sua estrutura e sua contribuição para o tempo presente. Agora, faz-se necessário adentrar ao seu coração, na sua essência, presente nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio: o Princípio e Fundamento.

O texto, na sua íntegra, tal como encontrado no livro dos Exercícios, são apresentados a seguir, para depois fazer um estudo geral e detalhado de algumas partes, seus pontos principais e o que esperam que despertem no exercitante. Segue o texto:

(1) O *ser humano é criado* para louvar  
reverenciar

servir a Deus nosso Senhor

e, assim, salvar-se.

(2) As outras coisas sobre a face da terra

*são criadas para o ser humano*

<sup>172</sup> BINGEMER, M.C., O mistério e o mundo, p. 203-204.

<sup>173</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Discernimento espiritual: as regras inacianas, p. 13.

e para o ajudarem a atingir  
o *fim* para o qual é *criado*.

Daí se segue que ele deve *usar das coisas*  
*tanto quanto* o ajudam para atingir o seu *fim*,  
e deve privar-se delas tanto quanto o impedem.

(3) Por isso, é necessário fazer-nos *indiferentes*  
a todas as coisas *criadas*,  
em tudo que é permitido à nossa livre vontade  
e não lhe é proibido.

De tal maneira que, de nossa parte, não queiramos  
mais saúde que enfermidade,  
riqueza que pobreza,  
honra que desonra,  
vida longa que vida breve,  
e assim por diante em tudo o mais,  
(4) desejando e acolhendo somente  
aquilo que *mais* nos conduz ao *fim* para o qual somos *criados*<sup>174</sup>.

O PF<sup>175</sup> pode ser considerado como um compêndio da resposta sobre a questão do sentido da vida, resposta que Inácio de Loyola encontrou no seu caminho de conversão e que, uma vez descoberta, é apresentada como um caminho também aos homens e mulheres do seu tempo. Para ele, o sentido de toda a vida consiste em louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor, e assim, salvar-se. Desse modo, é certo reconhecer que “essa resposta não era absolutamente original no tempo de Inácio, nem é nova hoje, mas, vivida com convicção e entusiasmo, deu e continua a dar sentido à vida de muitas pessoas”<sup>176</sup>.

Ao dar o nome de PF, ele tem a intenção de indicar que se trata de “um ponto de partida ao qual é necessário voltar sempre, para manter a disposição fundamental de buscar unicamente o que mais conduz ao fim para o qual o homem foi criado.

<sup>174</sup> EE 23.

<sup>175</sup> Doravante será utilizada a conhecida sigla PF todas as vezes que se referir ao Princípio e Fundamento do livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

<sup>176</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Um sentido para a vida, p. 17.

Como disse o poeta T.S. Elliot: ‘Do fim é que partimos’<sup>177</sup>. Afinal só tem clareza da direção à qual dar sua vida aquele que tem um destino a que deseja chegar, se não tem direção certa, de nada valem os numerosos esforços empregados para manter-se a caminho. Logo, de nada valem ter todos os meios se não se tem o fim ao qual se deve chegar.

A pergunta pelo sentido da vida faz-se necessária para que o ser humano tenha dentro de si a clareza de sua essência e a que fim se destina. Inácio, profundo conhecedor desse desejo humano, quer ajudar o exercitante a adentrar por esse caminho de sentido. Por isso, a principal dinâmica do PF, pensada por Inácio, é a de introduzir o exercitante na experiência de se reconhecer enquanto ser criado por Deus e para Deus.

Assim, ele coloca o exercitante diante de dois dados antropológicos fundamentais: a origem e o fim do ser humano<sup>178</sup>. Confere, assim, sentido à vida por fazer com que o exercitante se reconheça como ser criado a cada instante, sustentado pelo amor de Deus e para Ele deve tender sua vida: Dele veio e para Ele deve voltar, pois só nesse diálogo amoroso é que encontra sua plenitude.

Muitos são os que se perguntam por que um texto do século XVI continua exercendo atração e demonstrando eficácia para as muitas pessoas em pleno século XXI? Certamente, a resposta é que, com genialidade, o Espírito guia Inácio a articular as duas forças mais poderosas que o ser humano possui: a razão e a fé. Isto se deve porque ele não teme ser radical, ao tirar as consequências das suas premissas e pressupõe uma confiança incondicional na revelação divina<sup>179</sup>. Vale lembrar as palavras cheias de sabedoria com as quais São João Paulo II inicia sua conhecida encíclica *Fides et Ratio*,

A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração humano o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio<sup>180</sup>.

Ainda, seguindo a encíclica, São João Paulo II recorda que as perguntas fundamentais que caracterizam a existência humana, tais como ‘quem sou?’ ‘donde

<sup>177</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Princípio e Fundamento, p. 23.

<sup>178</sup> SALLES, W. F., Jesus Cristo, Princípio e Fundamento, p. 7.

<sup>179</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Um sentido para a vida, p. 18.

<sup>180</sup> FR 1.

venho e para onde vou?’ ‘o que existirá além dessa vida?’ estão presentes nas mais diferentes culturas, e todas elas, a seu modo, buscam uma resposta que corresponda a exigência de sentido que sempre está presente no coração de cada ser humano: “da resposta a tais perguntas depende, efetivamente, a orientação que se imprime à existência”<sup>181</sup>.

Não será diferente no tempo de hoje, no qual temos infinitas tentativas de respostas à questão sobre o sentido para a vida, muitas delas fugindo do horizonte proposto por santo Inácio. O pensamento contemporâneo pode até levar o ser humano a se afastar daquela verdade que “o PF postula, como o caminhante perdido no deserto pode afastar-se do poço que acalmaria sua sede, mas a fonte continua a jorrar”<sup>182</sup>.

Ainda, é interessante lembrar o testemunho de André Frossard, um ateu convertido ao catolicismo, que viveu em um ambiente no qual nunca se ouviu falar de Deus; diz ele que eram ateus perfeitos, daqueles aos quais o problema da existência de Deus já nem sequer se colocava. Assim, ele narra sua experiência:

Entrei às dezessete horas e dez minutos numa capela do Quartier Latin, à procura de um amigo. E saí às dezessete e quinze, levando comigo uma amizade que não pertence à terra. Entrei cético e ateu de extrema esquerda. Ainda mais do que cético, ainda mais do que ateu, indiferente e ocupado em coisa bem diferente de um Deus que eu nem pensava mais em negar, tanto me parecia transferido, desde há muito, à conta de lucros e perdas de inquietação e da ignorância humanas. Saí poucos minutos depois, católico apostólico romano, transportado, levantado, retomado e envolvido pela onda de uma alegria inexaurível<sup>183</sup>.

Portanto, Deus pode irromper na vida de uma pessoa sem exigir muitos processos, irrompe por meio de seu amor que sempre está a transbordar no desejo de criar laços, de diálogos que transformam a vida e a fazem tomar um novo rumo, pois “nada é tão poderoso e capaz de dar um forte sentido à vida humana que a busca e o encontro com Deus. Só a experiência de um amor absoluto pode dar um sentido absoluto à vida”<sup>184</sup>.

Logo, a experiência do Princípio e Fundamento tem a capacidade de levar o exercitante a ter um encontro com Deus sempre numa atitude de disponibilidade, de “generosidade e de entrega livre à ação do seu Espírito; revela-nos o Deus que

<sup>181</sup> FR 1.

<sup>182</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Um sentido para a vida, p. 19.

<sup>183</sup> LIBÂNIO, J.B., Deus e os homens: os seus caminhos, p. 59-60.

<sup>184</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Princípio e Fundamento, p. 23.

está presente entre nós, providente, que sustenta a história de cada um e sustenta a criação toda, que está realizando o seu projeto em cada momento de nossa vida”<sup>185</sup>.

### 3.2.1 A criação como princípio e fim último do ser humano

*O ser humano é criado para louvar  
reverenciar  
servir a Deus nosso Senhor  
e, assim, salvar-se.*

Ao iniciar o PF com essa afirmação primeira, Inácio não tem outra intenção senão dar a conhecer ao ser humano o seu princípio e fim, ser criado por Deus e para Deus, verdade que expressa a relação essencial do ser humano com Deus. O homem *é*, e não *foi* criado, é constantemente criado num movimento dialogal contínuo entre criatura e criador. Além de ser criado, é criado para um fim, a relação com Deus: “vem à existência com um destino que o define como ser de relação e exigências éticas, em contínuo transe de decisão na ineludível tarefa de construir a própria vida. Assim sendo, o homem se define por sua finalidade, que é Deus”<sup>186</sup>. Essa afirmação, longe de oprimir ou reduzir o horizonte do ser humano, lança-o à frente por meio do incessante desejo que lhe garante esta sua condição de criatura humana, finita e limitada, mas capaz de desejar o Ilimitado, o Infinito<sup>187</sup>.

Diz o Catecismo da Igreja Católica que a catequese sobre a criação é de suma importância, pois se coloca como uma forma de resposta às grandes perguntas que envolvem todo ser humano: ‘qual nossa origem?’ ‘qual nosso fim?’ ‘de onde vem e para onde vai tudo quanto existe?’. “As duas questões, da origem e, do fim, são inseparáveis. E são decisivas para o sentido e para a orientação da nossa vida e do nosso proceder”<sup>188</sup>.

<sup>185</sup> PALAORO, A., A experiência espiritual de Sto Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios, p. 86.

<sup>186</sup> BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 170.

<sup>187</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 205.

<sup>188</sup> CEC 282.



Santo Inácio, ao propor ao exercitante a verdade sobre si, como ser criado, quer provocar nele um movimento de descida, de *kênosis*, movimento que ajuda a “pessoa a tomar consciência do seu enraizamento na própria humanidade; e de subida, ao auxiliá-la a perceber que tem horizonte e que é capaz de crescer em direção ao ‘Sol’, a Deus”<sup>189</sup>. Ao reconhecer-se como criatura, também se entende como um ser de relação. “Com isso, Inácio supõe uma comunicação entre Deus e o ser humano, na qual o homem busca encontrar a vontade divina a partir da ação amorosa entre o Deus Criador, que se autocomunica a sua criatura”<sup>190</sup>.

Criação e salvação são os dois lados da mesma moeda. Por isso, essa comunhão pessoal e comunitária com Deus a quem o ser humano é chamado desde sua existência, é também sua vocação definitiva, pois ao entrar nesse movimento relacional é chamado não só a se relacionar com Deus, a partir de uma imagem, de alguém que está longe, mas sim a participar de sua vida<sup>191</sup>. Como afirma São Paulo, em seu conhecido discurso em Atenas: “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28).

Cabe, portanto, afirmar que o ser humano, ao se dar conta de que suas raízes se encontram em Deus, na experiência e expressão de seu amor criador, encontra-se a si mesmo em Deus<sup>192</sup>. Essa atitude de abertura não é nada mais que “a tomada de consciência vital de que somos amados por Deus de maneira criadora, indefectível, íntima, respeitosa, única e pessoal. Deus me ama como sou”<sup>193</sup>. Aproximar-se dessa atitude de abertura e fazer a experiência de Deus, como afirma Raimon Panikkar, “não só é possível como também é necessária para que todo ser humano chegue à consciência de sua própria identidade”<sup>194</sup>.

<sup>189</sup> MELO, W. D., O Princípio e Fundamento da espiritualidade inaciana para a subjetividade moderna em busca de sentido, p. 62.

<sup>190</sup> MELO, W. D., O Princípio e Fundamento da espiritualidade inaciana para a subjetividade moderna em busca de sentido, p. 63.

<sup>191</sup> CATÃO, F., Espiritualidade cristã, p.18.

<sup>192</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 98; GS 19.

<sup>193</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 99.

<sup>194</sup> PANIKKAR, R. Iconos del misterio. In: RONSI, F. Q., A mística cristã e o diálogo inter-religioso, p. 157.

### 3.2.2 O *tanto quanto*: discernimento na relação com as coisas criadas

As outras coisas sobre a face da terra  
*são criadas para o ser humano*  
 e para o ajudarem a atingir  
*o fim* para o qual *é criado*.  
 Daí segue eu ele deve *usar das coisas*  
*tanto quanto* o ajudam para atingir o seu *fim*,  
 e deve privar-se delas tanto quanto o impedem.

O ser humano, que Santo Inácio apresenta no PF, tem em Deus seu início e sua finalidade de existência. Mais precisamente, ele “é criado por Deus como o próprio fim de Sua obra, que por sua vez, tem seu fim n’Ele mesmo”<sup>195</sup>, pois, todas as outras coisas que existem são criadas para o ser humano para que o ajudem a atingir o seu fim último, ou seja, a comunhão com Deus. Ao comentar sobre a criação, o Catecismo da Igreja Católica recorda que Deus criou “todas as coisas, explica São Boaventura ‘não para aumentar sua glória, mas para a manifestar e para a comunicar’. Para criar Deus não tem outra razão senão o seu amor e a sua bondade”<sup>196</sup>.

A afirmação de que todas as coisas foram criadas para o homem e para a mulher não podem encher os olhos e o coração humano de ganância ou de se achar o dominador de toda terra, mas deve ser observada com clareza, porque toda criação é dada ao ser humano para que se volte a Deus, seu fim último. O ser humano deve ser o grande jardineiro da criação e não seu usurpador, deve exercer a função de pastoreio, de cuidado, em outras palavras, deve continuar a obra de Deus, cuidar da criação.

Na carta aos Romanos, por exemplo, São Paulo diz que “a criação, em expectativa, anseia pela revelação dos filhos de Deus” (8,19), reconhecer-se como filho de Deus é abraçar a função de guardião da criação, é ser parte dessa criação. Logo, “a interpretação correta de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável”<sup>197</sup>.

<sup>195</sup> BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 169.

<sup>196</sup> CEC 293.

<sup>197</sup> LS 116.

Por isso, o ser humano, para Santo Inácio, é um homem para Deus. Para ele, não existe liberdade possível senão aquela de quem se reconhece em Deus seu Criador e Senhor, que o constitui em liberdade para se tornar ou não aquilo para o qual foi criado: um ser chamado a ser, ao movimento, à existência pela livre iniciativa divina<sup>198</sup>. Ou seja, “se Deus perder a centralidade, o homem perde o seu justo lugar, e não encontra sua colocação na criação, nas relações com os outros”<sup>199</sup>, torna-se dominador, pois se colocou acima da criação e não se vê como parte dela.

Desse modo, o *tanto quanto* inaciano é a justa medida, é amar a criação como obra de Deus, zelar por ela, mas, sobretudo, é usufruir dela à medida que devolve o ser humano ao fim último: Deus. Para Santo Inácio, não pode existir no ser humano um “verdadeiro amor de Deus que não seja, também, amor a todas as coisas. O amor a todas as coisas só é fundamentado, só é real em Deus. Então, nem Deus sem mundo, nem mundo sem Deus”<sup>200</sup>.

Segundo o Padre Ulpiano, este justo equilíbrio entre amar a Deus e amar o mundo só poderá ser mantido, em sua essência, quando

por causa da contemplação do amor sofrido de Deus pelo mundo, eu me disponho, a que o meu coração se dilate, para que a realidade também me pareça dilatada e eu possa servir a Deus em todas as coisas, ou eu possa em tudo amar e servir<sup>201</sup>.

Para finalizar, são trazidas algumas contribuições do Papa Francisco na sua carta encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum. Ele afirma que tudo está “inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros”<sup>202</sup>. Portanto, a atitude de discernimento, do *tanto quanto*, faz-se muito necessária em nossos dias para que se tenha clareza de que se deve usufruir dos bens da criação com responsabilidade e zelo para com as coisas criadas. Afirma Papa Francisco,

Se conhecermos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado. Um mundo frágil, como um ser humano a

<sup>198</sup> BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 169-170.

<sup>199</sup> BENTO XVI, PP, O ano da fé. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20121114.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html). Acesso em: 20 mar. 2021.

<sup>200</sup> VAZQUEZ, U., A mística Inaciana, p. 16.

<sup>201</sup> VAZQUEZ, U., A mística Inaciana, p. 18.

<sup>202</sup> LS 70.

quem Deus confia o cuidado do mesmo, interpela a nossa inteligência para reconhecer como devemos orientar, cultivar e limitar o nosso poder<sup>203</sup>.

### 3.2.3 A *indiferença* inaciana como liberdade plena frente a vida

Por isso, é necessário fazer-nos *indiferentes*  
a todas as coisas *criadas*,  
em tudo que é permitido à nossa livre vontade  
e não lhe é proibido.  
De tal maneira que, de nossa parte, não queiramos  
mais saúde que enfermidade,  
riqueza que pobreza,  
honra que desonra,  
vida longa que vida breve,  
e assim por diante em tudo o mais.

A indiferença inaciana diz respeito a uma liberdade frente a Deus e sua vontade para a vida do homem e, também, a respeito da liberdade frente à própria vida e às limitações humanas. Visto que a experiência da busca de sentido é caminho para a compreensão da condição humana, ainda que sem saber, revela o desejo expresso em cada coração humano, pois “o que o ser humano na verdade deseja e procura é plenificar seu coração. E somente a Transcendência pode preenchê-lo, uma vez que o ser humano é um ser em contínua autotranscendência”<sup>204</sup>.

Ao falar sobre o princípio da indiferença diante das coisas criadas, Inácio quer ensinar que “toda criação deve ser examinada e usada em tudo que seja proveitoso para nosso fim último, o serviço de Deus. Assim, a atitude básica que a pessoa deve ter em relação a toda criação é a da indiferença”<sup>205</sup>.

A pessoa deve estar livre para seguir a Deus Nosso Senhor, nessa perspectiva básica da indiferença, o ser humano se torna capaz de fazer escolhas que o levarão ao maior serviço de Deus. Uma regra básica e simples: “se algum aspecto da criação

<sup>203</sup> LS 78.

<sup>204</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 210.

<sup>205</sup> METTS, R. E., Inácio sabia, p. 69.

ajuda a alcançar a meta de um maior serviço de Deus, então deve ser usado; na medida em que não ajuda a pessoa a alcançar essa meta, não deve ser utilizado”<sup>206</sup>.

Quando Inácio aponta a indiferença diante das situações humanas (saúde ou doença, pobreza ou riqueza), honra que desonra, está tocando no mais íntimo do ser humano, nas suas necessidades básicas e nos seus desejos mais profundos. No entanto, ao assumir essa postura de indiferença, a pessoa “deve ser sempre mais para Inácio, um sacrifício contínuo para o maior serviço e a maior glória de Deus, buscando continuamente não os seus próprios interesses, mas os de Jesus Cristo”<sup>207</sup>.

Essa atitude não se resulta de um voluntarismo ou masoquismo, pois isso não é de nada cristão, mas de um amor todo entregue, confiante em seu Deus e Senhor. Por conseguinte, perseverar no serviço divino, mesmo em meio a todas as adversidades, sofrimentos e todo tipo de tribulação, é também não se afastar da experiência de Deus, “é experimentar, constantemente, no próprio esforço padecido a cada dia, o movimento *kenótico-doxológico* (de Deus) que marca a descida imanente ao mundo e ao seio da humanidade pecadora”<sup>208</sup>. Porém, é também subir, elevar o coração e saborear o gosto inefável do amor de Deus que cada ser humano pode encontrar no seu interior diante do serviço divino.

Uma vez que, para Inácio, essa indiferença que se manifesta no amor, é mais que afetiva, é também efetiva. Visto que o “amor se demonstra mais em obras do que em palavras”<sup>209</sup>, e que não reside somente nas coisas espirituais, no exemplo de vida e na oração, mas também nas coisas exteriores que são o meio de externar o que se encontra entranhado no seu interior. Por isso, quando se fala em mortificação da vontade, trata-se de uma atitude completa e íntegra do ser humano, que o abarca por inteiro, significa “um sacrifício de si mesmo que deve ser contínuo e que abraça todas as coisas, interiores e exteriores, para que o homem busque em todas as coisas não seus próprios interesses, mas os de Jesus Cristo”<sup>210</sup>.

Por esse motivo, a indiferença inaciana está na linha da educação para o amor, que traz dentro em si a responsabilidade pelas escolhas decisivas pelas quais se deve pautar a vida, no exercício pleno da liberdade. Uma vez que “o homem deve desejar

<sup>206</sup> METTS, R. E., Inácio sabia, p. 69.

<sup>207</sup> BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 154.

<sup>208</sup> BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 156.

<sup>209</sup> EE 230.

<sup>210</sup> MEJIA-SALDARRIAGA, R., In: BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 154-155.

escolher, desejar preferir sempre e só o que mais o faça crescer para Deus, para si, para os outros e para o mundo”<sup>211</sup>. Pois, abraçar a vontade de Deus, seus valores e projetos preencherá o homem em seu desejo infinito de amar e ser amado como o fez Jesus que, “enquanto resposta humana arquetípica para Deus, é o modelo do genuíno compromisso humano e exercício autêntico da liberdade humana”<sup>212</sup>.

Por fim, a indiferença pode ser definida como uma confiança total em Deus na certeza de que sua vontade é vida e conduz cada pessoa a essa fonte de vida. Dado que “o serviço de Deus é o único que não torna o homem escravo, já que se realiza em clima de total gratuidade, tendo como única paga o dom da vida que é Deus mesmo”<sup>213</sup>.

### 3.2.4 O *magis* inaciano: princípio e orientação última

desejando e acolhendo somente  
aquilo que *mais* nos conduz ao *fim* para o qual somos *criados*

A primeira afirmação do PF é que o ser humano é criado, para um fim. O *magis* inaciano deixa claro que o princípio de liberdade das escolhas do ser humano deve estar voltado para o que mais o conduz ao fim para o qual foi criado. Para Inácio, o que deve se escolher primeiro é a meta a que se foi criado, “e não o contrário: escolhem-se os meios e depois se pergunta como eles vão servir para o fim do serviço de Deus”<sup>214</sup>.

Entretanto, é comum observar, nos dias atuais, a fluidez das escolhas e das relações humanas. Essa fluidez provoca o medo das escolhas definitivas, daquilo que possa constituir uma responsabilidade ou um compromisso que deve ser honrado por toda a vida, o que Bauman vai chamar de liquidez. Inácio, ao propor ao exercitante caminhar com os olhos fixos no fim almejado, fá-lo para que o exercitante tenha uma objetividade, que saiba criar laços e tomar decisões que

<sup>211</sup> LOPES, J. M., Santo Inácio de Loyola, um educador do desejo, p. 26

<sup>212</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 111.

<sup>213</sup> BINGEMER, M. C., Em tudo amar e servir, p. 172.

<sup>214</sup> LIBANIO, J. B., Discernimento espiritual, p. 134.

comprometam sua vida, combatendo assim a raiz de muitos apegos humanos desordenados e as más decisões que deles acabam surgindo.

Essa atitude de comprometimento, deve pautar não só as escolhas da vida, mas também para a vivência da espiritualidade, e, por isso, exige-se estabelecer princípios e fundamentos sólidos o que

demandam os riscos da escolha e do compromisso. Nenhuma zona livre da tempestade existe para aqueles que participam ativamente do mundo de hoje. É preciso escolher, pois não escolher é escolher. Mas assumir a responsabilidade de localizar um centro para a vida é uma decisão muito importante para ser deixada inteiramente à veneta ou à lógica privada. Um indivíduo precisa de opções públicas e históricas para ter alguma chance de encontrar princípios reais ou algo como fundamento<sup>215</sup>.

Contudo, ao notar o crescimento de alguns movimentos tradicionalistas, que buscam retomar a vivência de determinadas práticas de piedade, oração e mortificação própria de tempos passados; faz-se necessário questionar o que os move a fazer tais coisas ou buscar esse tipo de comportamento. Visto que Santo Inácio também passou em seu caminho de conversão pela experiência da busca da radicalidade no seguimento de Cristo durante o tempo que permaneceu em Manresa<sup>216</sup>; lugar onde ocorreu a experiência de ser tocado por Deus, e de desejar refazer o seu caminho. A partir de então, para ele, essa busca do *magis*

se fundamenta não num ardor inexperiente, mas sim na abertura à liberdade divina que não pode nem deve ser cerceada. Mas, por outro lado, ela respeita os limites e os condicionamentos da pessoa humana, que é espírito num corpo, que é indivíduo numa sociedade, que constrói sua identidade num processo histórico gradual<sup>217</sup>.

Portanto, o *magis* inaciano não é um *mais* “arrogante e competitivo, não nasce do orgulho ou da ambição do poder, mas do humilde reconhecimento de sermos acolhidos e amados gratuitamente por Deus”<sup>218</sup>. Dessa forma, só diante da experiência desse amor é que o ser humano é capaz de sair de si mesmo rumo ao transcendente, ao outro e à criação, na direção de um *magis* que se traduz no maior serviço e na busca da maior glória de Deus. Por isso, “o verdadeiro sentido do *magis* não está simplesmente em esforçar-se para fazer mais, senão para estar mais disposto a receber, dia após dia, maiores graças e dons espirituais”<sup>219</sup>.

<sup>215</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 182-183.

<sup>216</sup> Autob 27-29.

<sup>217</sup> MIRANDA, M. F., A alegria do Evangelho em ótica inaciana, p. 19.

<sup>218</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., Princípio e Fundamento, p. 31.

<sup>219</sup> PALAORO, A., A experiência espiritual de Sto Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios, p. 36.

### 3.3 Espiritualidade cristã e inaciana e sua configuração a Cristo

Na presente sessão foi trabalhado o tema da espiritualidade cristã e inaciana como uma forma de configuração à pessoa de Jesus Cristo, seu modo de ser, de pensar, de agir. A experiência cristã de Deus acontece dentro de um horizonte aberto pela fé, conhecimento e interpretação de Jesus Cristo. É por meio de sua vida, pregação e missão que o cristão, bem como todo ser humano que procura a verdade, pode encontrar inspiração para empreender a busca por uma vida plena e abundante.

Essa experiência há de adentrar o ser de cada pessoa que se dispõe a ser discípulo de Cristo, ser sua testemunha no meio do mundo. E essa disposição não há de perpassar não só sua vida de fé, suas práticas religiosas, mas, sobretudo, uma práxis de vida, “uma orientação profunda constituída por suas opções de cada dia, tendo as próprias opções de Jesus Cristo como critério de que esta práxis é realmente cristã”<sup>220</sup>.

#### 3.3.1 Espiritualidade como configuração a Cristo

No princípio da espiritualidade cristã está uma máxima: ser cristão é ser outro Cristo no hoje da história, estar e aprender com o Mestre e continuar sua obra de salvação no mundo, o cristão se torna, então, uma testemunha. E encontrar-se com Jesus é encontrar-se com Deus “porque é, efetivamente, encontro humano com o homem Jesus, que é a Palavra encarnada, através da qual Deus, o Pai, se comunica conosco, no Espírito, e pela qual passa toda a comunicação com Deus”<sup>221</sup>, visto que Jesus afirma no Evangelho de João, “ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14, 6) e prossegue no versículo 9 “quem me vê, vê o Pai”.

Em se tratando de espiritualidade inaciana, o foco não será diferente, pois Jesus para o Inácio, em sentido prático e muito real, era o caminho para Deus, Jesus

<sup>220</sup> MIRANDA, M. F, *Vislumbres de Deus*, p. 21.

<sup>221</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 28.



era o grande mediador entre Deus e os homens<sup>222</sup>. Inácio busca tal conhecimento de Jesus, primeiramente na leitura da *Vitta Christi*<sup>223</sup>, depois irá colocar-se como peregrino desejoso de visitar a Terra Santa para estar mais perto do lugar onde Jesus nasceu, cresceu, morreu e ressuscitou<sup>224</sup>. Ele também O busca por meio dos estudos teológicos, não para se assoberbar da sabedoria, mas para que pudesse mais ajudar as almas<sup>225</sup>.

Certamente, foi a busca e o conhecimento da pessoa de Jesus Cristo, Deus feito homem, que fez uma diferença radical em sua vida. Com isso, ele procurava um modo de conhecer a Deus que desse origem a um amor e a um discipulado mais perfeito de Jesus Cristo, pois acreditava com todas as forças que o verdadeiro “conhecimento de Deus, que satisfaz as aspirações mais profundas das pessoas, move suas afeições e influencia suas escolhas e seus compromissos”<sup>226</sup>.

Entretanto, os próprios EE, cerne e tesouro da espiritualidade inaciana, nada mais são que esse encontro progressivo do exercitante com Deus Pai Criador, Jesus imagem de homem perfeito e redentor do mundo e do Espírito, como fonte e luz para a vivência cristã. A própria travessia proposta pelos EE, com base no campo semântico da palavra Criador, segundo Salles,

revela-nos uma tríplice imagem de Deus: Ele é Criador, Senhor e Redentor. Todas estas ‘imagens’ encontram em Jesus Cristo o seu Fundamento, pois é nele que o Criador se revela à sua criatura e esta se diz em verdade Àquele que é Princípio da sua existência<sup>227</sup>.

Na experiência de Inácio nota-se que “foi Jesus que o levou à Trindade, e sua contemplação da obra da Trindade no mundo o levou a se encontrar em Jesus e a se oferecer como seu companheiro a serviço das pessoas”<sup>228</sup>. Assim, Jesus, além de ser o canal direto para com o Pai, é também Aquele que revela plenamente o homem ao próprio homem<sup>229</sup>.

Por isso, no itinerário das meditações e contemplações da vida de Jesus, propostas por Inácio nos EE, pode-se notar que Ele mesmo experimentou todos os

<sup>222</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 60-61.

<sup>223</sup> Autob 5.

<sup>224</sup> Autob 45-47.

<sup>225</sup> Autob 54.

<sup>226</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 58.

<sup>227</sup> SALLES, W. F., Jesus Cristo: Princípio e Fundamento, p. 138-139.

<sup>228</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 87.

<sup>229</sup> GS 22.

dramas da vida humana: nasce, cresce, tem fome e sede, sente cansaço ao andar pelas estradas da Galiléia, “é amado pelos homens e pelas mulheres que o acompanham, faz amizades, chora o amigo morto e se deixa acariciar pela mulher arrependida. É incompreendido, rejeitado, preso, condenado e morre”<sup>230</sup>. Ou seja, uma experimentação de toda vicissitude dada com amor no perfeito cumprimento da vontade do Pai. Jesus revela, assim, que todo o “mistério cristão é um mistério de amor, num certo sentido, o mistério do amor por autonomasia. Pode-se dizer, então, que a espiritualidade cristã é amor”<sup>231</sup>.

Para Santo Inácio e, conseqüentemente, para a espiritualidade inaciana, Jesus se converte, enfim, na imagem perfeita tanto do Princípio e Fundamento de toda vida do ser humano que deseja fazer em tudo a vontade de Deus, pois “é Ele, o Filho, que na sua encarnação nos revela o caminho da realização do projeto criador de Deus tal qual Inácio o esboça no Princípio e Fundamento”<sup>232</sup>. Mesmo sem fazer uma menção explícita de Jesus no PF, o exercitante há de perceber no final do processo dos EE que “Jesus Cristo, desde a sua condição de Criador encarnado, morto e ressuscitado, emerge o Princípio e Fundamento de uma nova vida, vivida a partir do horizonte das coisas criadas e divinamente orientadas para Deus”<sup>233</sup>.

Jesus é o grande revelador de Deus, pois foi Ele que “manifestou-nos o rosto de Deus, Uno na substância e Trino nas pessoas; Deus é tudo e só Amor, numa relação subsistente que tudo cria, redime e santifica: Pai, Filho e Espírito Santo”<sup>234</sup>. Por isso, Ele se constitui no modelo por excelência do cumprimento da vontade do Pai; modelo que deve ser buscado, conhecido e seguido na vivência de uma espiritualidade verdadeiramente cristã.

<sup>230</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 36.

<sup>231</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 37

<sup>232</sup> SALLES, W. F., *Jesus Cristo: Princípio e Fundamento*, p. 139.

<sup>233</sup> SALLES, W. F., *Jesus Cristo: Princípio e Fundamento*, p. 139.

<sup>234</sup> FRANCISCO PP., *Ângelus: Solenidade da Santíssima Trindade*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20170611.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20170611.html). Acesso em: 16 fev. 2021.

### 3.3.1 Universalidade da experiência e espiritualidade cristã

Ao iniciar essa reflexão sobre a universalidade da experiência e espiritualidade cristã pode aparecer, a princípio, uma ousadia, ou ainda uma tentativa de um retorno ao período da cristandade, quando o cristianismo estava envolvido em todos os meios políticos, sociais, econômicos, ou seja, era a medida de tudo e de todos. Todavia, essa não é a intenção desse presente subtítulo, mas, ao contrário, sua intenção é a de apresentar alguns valores e sinais que são aplicáveis a cada pessoa humana, visto tratar de valores, legitimamente, humanos, antes de serem valores cristãos.

Partimos do princípio de que todo ser humano vive à procura de sentido e é um ser religioso em sua essência. Religioso, aqui, no sentido abordado por Paul Tillich, quem define que “ser religioso significa andar apaixonadamente em busca do sentido da vida e manter-se aberto também às respostas que podem comover-nos profundamente”<sup>235</sup>. Jesus, em sua vida terrena, foi um homem completamente comprometido com a vida e com os desafios que a circundam. Viveu entre os homens, reinterpreto a Lei, a religião e as práticas políticas, fez-se um de nós para nos ensinar o que de fato é ser divino: viver a vida e vida em abundância. Segundo Haight, a possibilidade de uma

experiência de espiritualidade cristã para até mesmo buscadores não cristãos reside exatamente na humanidade de Jesus e na sua habilidade de ser abordado e compreendido por qualquer outro ser humano<sup>236</sup>.

O Concílio Vaticano II afirma, de modo categórico, esta via de mão dupla do conhecimento do Deus feito homem como conhecimento da plenitude do ser humano, que “Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre sua altíssima vocação”<sup>237</sup>. É em Jesus Cristo, o protótipo de toda pessoa humana que se vê emergir os valores mais humanos da transcendência, da compaixão, da fraternidade, de seu valor e sua dignidade.

Ao apontar para Deus Pai e para o céu, Jesus Cristo revela que o ser humano foi criado para o mais, além daquelas situações de limitação que o rodeiam. Ao

<sup>235</sup> FIORES, S. D., *Espiritualidade Contemporânea*, p. 347.

<sup>236</sup> HAIGHT, R., *Espiritualidade cristã para buscadores*, p. 27.

<sup>237</sup> GS 22.

viver a compaixão pelas pessoas de seu tempo, ensina que tudo, inclusive a Lei (Mc 2, 23-28), deve estar a serviço do ser humano e não o contrário. Ao criar laços de fraternidade (Lc 10, 25-37), ele demonstra que todos somos uma e mesma essência: filhos amados de Deus, por isso, toda divisão não vem de Deus, mas do tentador.

Por fim, foi Ele quem em sua experiência de vida, pregação, milagres, devolveu a muitos a dignidade de serem olhados novamente como seres humanos (Jo 8, 1-11; Mt 8, 1-4). Por isso, não é demasiado afirmar que, tanto no seu tempo quanto nos dias atuais, “Jesus Cristo é, portanto, a resposta definitiva a pergunta acerca do sentido da vida, às questões fundamentais que inquietam hoje tantos homens e mulheres”<sup>238</sup>.

González- Quevedo, ao expor sobre a importância de se conhecer a Jesus, afirma que “conhecer Jesus é conhecer aquilo que há de melhor em nós mesmos; encontrá-lo é encontrar-se consigo mesmo e com todos os seres humanos; amá-lo é amar a humanidade na mais bela e definitiva de suas concretizações históricas”<sup>239</sup>. Francisco Catão assegura que a universalidade da experiência humana,

conjugada com a universalidade da salvação, nasce a relação dos cristãos com o mundo. Embora não tendo respostas definitivas às grandes questões espirituais da humanidade, nós, cristãos, mergulhados nos mesmos desafios, podemos e devemos entrar em diálogo com todos os humanos na busca do sentido da vida<sup>240</sup>.

Assim, a espiritualidade cristã, longe de ser uma experiência desencarnada – como muitas vezes foi vivida e pregada em alguns momentos da história – é um dom de Deus “concretizado na vida, à luz da Palavra de Deus encarnada, cujo Espírito nos é comunicado e, por nós, acolhido numa autêntica experiência humana, nos encaminha para a comunhão definitiva com Deus”<sup>241</sup>.

Nessa experiência, nada do que é, verdadeiramente, humano é descartado, mas sim integrado pela força e ação do Espírito Santo que habita em nós.

Também na espiritualidade inaciana, dá-se grande valor para aquilo que é humano, visto que todos procedem de Deus, são criados à sua imagem e semelhança, e o corpo, longe de ser empecilho à graça, é porta pela qual se pode

<sup>238</sup> EAm 10.

<sup>239</sup> GONZÁLEZ-QUEVEDO, L., *Conhecer Jesus: Por quê? Como?*, p. 9.

<sup>240</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 105-106.

<sup>241</sup> CATÃO, F., *Espiritualidade cristã*, p. 102-103.

fazer uma verdadeira experiência de Deus na humanidade. Tanto é verdade que Inácio indica ao exercitante algumas práticas corporais, que ele as chama de adições<sup>242</sup>, que têm por finalidade criar uma atmosfera de recolhimento, de vigília, de oração, dispondo-o à ação da graça de Deus.

### 3.3.2 A espiritualidade do cotidiano

A autêntica espiritualidade cristã deve estar estreitamente ligada à vida. Já nos Evangelhos, sua fonte elementar, encontra-se uma mensagem de vida que deve abraçar todo ser humano na plenitude de sua existência: corporal, espiritual, intelectual, volitiva, afetiva, individual e social. É possível afirmar, então, que a “espiritualidade cristã é mais ou menos profunda de acordo com sua adesão à Palavra vivida concretamente na história e que gera solidariedade, paz, justiça, liberdade e vida para todos”<sup>243</sup>. Logo, poder-se-ia medir a eficácia da espiritualidade, quando ela interfere na vida não só da pessoa que a vive, mas em tudo que a cerca.

Santo Inácio, nos seus EE, orienta que o exercitante esteja disposto a iniciar um caminho de encontro com Deus e busca da sua vontade<sup>244</sup>, faça-o com grande “ânimo e generosidade para com seu Criador e Senhor. Além disso, ofereça-lhe todo seu querer e liberdade, para que sua divina Majestade se sirva, conforme sua santíssima vontade, tanto de sua pessoa como de tudo o que tem”<sup>245</sup>.

Com essa atitude de voltar-se totalmente ao Senhor, com todo seu ser e sua liberdade, a pessoa se coloca atenta aos acontecimentos da vida presente e também por meio deles pode chegar a Deus. É na cotidianidade da vida que o Espírito de Deus vai agindo em cada pessoa humana que se abre à sua ação. Por essa razão, o teólogo Hildo Conte, ao refletir sobre a presença do Espírito na vida humana, afirma que ela “se faz dentro das situações normais, conflitivas, de pecado, frustração ou

<sup>242</sup> EE 73-90.

<sup>243</sup> CASTRO, V. J., A espiritualidade no cotidiano. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/espiritualidade/a-espiritualidade-no-cotidiano/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

<sup>244</sup> EE 1.

<sup>245</sup> EE 5.

alegria, trabalho, vida, doença e morte, enfim, tudo o que pertença à condição humana corporal e espiritual”<sup>246</sup>. Tudo que é humano interessa a Deus!

Frei Bruno Varriano, em seu livro sobre Maria de Nazaré, ao tratar sobre a cotidianidade de Nazaré, faz menção a uma tentação muito constante nas vidas das pessoas e que ainda tenta os cristãos até o dia de hoje: a tentação do desprezo da vida normal, ordinária. Segundo ele, “é a tentação de julgar pelas aparências quem vive sua fé no cotidiano do mundo, no silêncio, na vida leiga do mundo e vivendo como todos”<sup>247</sup>.

E continua a chamar a atenção para que se compreenda que para entrar na lógica do Evangelho faz-se sempre necessário reagir a esta velha e insistente “tentação e redescobrir a beleza de viver no nosso cotidiano, único lugar no qual podemos ser discípulos e fazer experiência de salvação e de ressurreição. Único lugar no qual podemos ser alcançados pela Boa Nova do Evangelho”<sup>248</sup>.

Recorda-se, aqui, uma reflexão de Benjamim Buelta que resume o que até agora se pretendeu dizer. A grosso modo, ele afirma que para se viver uma espiritualidade da cotidianidade requer-se que se tenha gosto pela vida, pois, um coração sem paixão “renuncia a sofrer e a viver em plenitude, e escolhe os vícios como substitutos da criatividade arriscada que se abre ao futuro. Jesus nos amou com paixão”. E continua afirmando que só um amor cheio de paixão pode revelar quem é Deus, e como “nos realizamos como pessoas humanas enfrentando o mal em todas as suas manifestações. Só quem ama com paixão pode saborear o que há já agora de vida eterna, imperecível, nos episódios singelos da vida cotidiana”<sup>249</sup>.

Por fim, cabe sempre verificar em nossa vida se o encontro com Deus, em seu filho Jesus Cristo, tem o efeito de integrar por dentro e na realidade, devolvendo os homens à comunhão universal<sup>250</sup>. É, pois, na qualidade de como se vive o cotidiano de cada dia que se participa da salvação e santificação de Jesus, que se colabora para a redenção do mundo<sup>251</sup>.

<sup>246</sup> CONTE, H., A vida do amor, p. 33.

<sup>247</sup> VARRIANO, B., Maria: Mãe da humanidade, p. 62.

<sup>248</sup> VARRIANO, B., Maria: Mãe da humanidade, p. 62.

<sup>249</sup> BUELTA, B. G., Orar em um mundo fragmentado, p. 55.

<sup>250</sup> BUELTA, B. G., Orar em um mundo fragmentado, p.25

<sup>251</sup> CATÃO, F., Espiritualidade cristã, p. 99.

## 4 Espiritualidade Inaciana e sua colaboração para a redescoberta do sentido da vida

A intenção deste capítulo é uma atualização da espiritualidade inaciana por meio de uma análise de parte da teologia de Karl Rahner e do magistério do Papa Francisco, ambos jesuítas. O fato de beberem da mesma espiritualidade proposta por Santo Inácio, os faz caminhar em direções parecidas e bastante atuais, que muito tem a dizer à sociedade pós-moderna. A última sessão é dedicada às colaborações que a espiritualidade inaciana pode trazer nas urgências dos cuidados da sociedade.

### 4.1 Na teologia de Karl Rahner

Nesta seção apresentam-se alguns traços da teologia de Karl Rahner que são reflexos de sua experiência e vivência da espiritualidade inaciana. Para isso, foram referenciados dois teólogos: Mário de França Miranda e Douglas Alves Fontes.

Certamente, nos ambientes acadêmicos da Teologia, já se ouviu falar de Karl Rahner, teólogo alemão de grande renome e valor para a Teologia do século XX, bem como para o Concílio Vaticano II. Teve sua vida e vocação teológica muito marcada por sua experiência como jovem jesuíta, a ponto de se poder afirmar que “o coração de sua teologia e de sua espiritualidade (emergem) exatamente da experiência de Deus realizada nos primeiros anos de sua vida religiosa na Companhia de Jesus”<sup>252</sup>. Ele mesmo afirma, atestando que “a espiritualidade de Inácio, que recebíamos por meio da prática da oração e de uma formação religiosa, foi para mim bem mais significativa do que toda a filosofia e teologia aprendida”<sup>253</sup>.

---

<sup>252</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 212.

<sup>253</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 212.

#### 4.1.1 Antropologia teológica

Não se pretende aqui apresentar, exaustivamente, os vários pontos da antropologia de Rahner, mas apontar alguns aspectos que parecem mais relevantes para esta pesquisa. O primeiro ponto a mencionar é seu otimismo salvífico, que irá marcar sua compreensão de mundo e do ser humano. Afirma Pe. França que a “vontade salvífica universal de Deus sempre foi um dado de fé que teve grande peso na sistematização teológica de Rahner. Deus quer salvar todos os seres humanos”<sup>254</sup>.

Essa salvação de Deus, para Rahner, caracteriza-se como uma autocomunicação de Deus: “Deus que sai de si para se entregar a um outro, a fim de fazê-lo participar de sua felicidade”<sup>255</sup>. Isso quer dizer que, por meio do amor com que Deus ama e se dá ao ser humano, a graça da salvação lhe é sempre oferecida, não excluindo a ninguém desse movimento de autodoação. “Para a fé cristã todo e qualquer homem é um interlocutor de Deus”<sup>256</sup>.

Tal noção caminha com algumas afirmações conciliares quando ressaltam que, ainda mesmo que o ser humano não chegue ao conhecimento pleno da Verdade revelada, Jesus Cristo, pode ele também ser alcançado pela graça por sua busca sincera da verdade, “e tentam, sob o influxo da graça, cumprir por obras a Sua vontade, conhecida através do ditame da consciência, podem conseguir a salvação eterna”<sup>257</sup>.

Encontra-se na *Guadium et Spes* essa ideia, ao comentar que tendo Cristo “morrido por todos e sendo uma só a vocação última do homem, isto é, divina, devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal”<sup>258</sup>. Pois, “Deus tem seus caminhos para levar à fé os homens que sem culpa própria ignoram o Evangelho”<sup>259</sup>.

<sup>254</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 266.

<sup>255</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 266.

<sup>256</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 266.

<sup>257</sup> LG 16.

<sup>258</sup> GS 22.

<sup>259</sup> AG 7.



Um segundo ponto que salta aos olhos é a questão da busca pelo sentido da vida, que está presente e latente no coração de cada homem e mulher de todos os tempos: a vida grita por sentido! Para Rahner, segundo Douglas, a questão do sentido da vida “é outra via de acesso a Jesus, pois este tema abarca a totalidade da fé cristã. A própria pergunta sobre o sentido da vida pode nos remeter a Jesus, que pode ser visto como sentido da vida”<sup>260</sup>. A pergunta sobre o sentido total da vida remete o ser humano para além de si mesmo, de sua finitude e sua existência humana, remete não só a um fim, mas também busca sua origem.

Tal pergunta sobre o sentido total tem como objetivo o próprio Deus. Este “surge, para o cristão, como resposta sobre o sentido da vida. Contudo, Ele permanece sendo mistério inabarcável, impenetrável, que não pode ser manipulado, seguindo assim, por toda eternidade”<sup>261</sup>. É esse dinamismo da busca, presente no ser humano, que o direciona para o horizonte infinito, “que lhe permite conhecer e querer, permite experimentar como mistério inalcançável, presente e ausente, próximo e distante, a realidade que chamamos Deus”<sup>262</sup>.

Por fim, um terceiro ponto a ser destacado é a plenitude da autocomunicação de Deus na encarnação de Jesus Cristo. Plenitude não só como autorevelação de Deus, mas autorevelação do alto destino do ser humano. “Só Jesus é considerado a Palavra última, insuperável e definitiva na história entre Deus e a humanidade. Dessa forma, Ele se torna a promessa genuína e real que Deus faz de Si mesmo”<sup>263</sup>. É o próprio Jesus que manifesta esse mistério escondido desde sempre, desde a criação do mundo: o Homem de Nazaré, o Emanuel (Mt 1, 23), era a presença de Deus no meio do seu povo.

Rahner assim se pronuncia diante do mistério:

Em Jesus, Deus se aproximou totalmente de mim, Deus em pessoa, e operou na história da humanidade algo que não pode ser anulado porque Deus não pode voltar atrás; e, em Jesus, Deus fez algo consigo mesmo. Nesta aproximação de Deus através de Jesus Cristo, Deus me disse: Aqui estou com tua própria glória definitiva, irrevogável, libertadora, perdoadora na história que tem que consumir-se em ti, porém, por minha parte, opere já, em tua vida, o definitivo de meu amor, precisamente porque Jesus existe e permanece eternamente<sup>264</sup>.

<sup>260</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 57.

<sup>261</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 57.

<sup>262</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 220.

<sup>263</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 54.

<sup>264</sup> RAHNER, K. Amar a Deus. Amar al Hermano, p. 49-50. In: FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 55.

É no reconhecimento dessa proximidade de Deus, traço tão importante na espiritualidade inaciana, que Rahner

une proximidade de Deus, seguimento de Cristo e abertura ao mundo. Essa dinâmica se baseia na finalidade dos Exercícios, que busca fazer com que o ser humano seja assumido por Deus para o serviço do mundo e dos seres humanos<sup>265</sup>.

#### 4.1.2 Cristologia existencial

Visto anteriormente, a dinâmica da revelação de Deus ao ser humano e a importância do encontro com Jesus Cristo para a plenitude dessa relação, destaca-se, agora, a cristologia existencial vivida e presente nos ensinamentos de Rahner.

Douglas, ao definir a cristologia existencial de Karl Rahner, salienta que ela “se resume numa palavra: encontro. Podemos dizer que é um encontro que nasce do amor, é vivido no amor e gera amor”<sup>266</sup>. Entrando, assim, nos caminhos da experiência de Jesus e com Jesus, um caminho que se dá não só por meio do anúncio ou do conhecimento científico, mas tem sua maturidade e profundidade na relação. Rahner assim se explicita, dizendo que:

Unicamente quando se aceita e se ama a Jesus mesmo pelo que Ele é, por cima do que sabemos sobre Jesus – unicamente quando se aceita e se ama a Ele mesmo, e não a nossa mera ideia sobre Cristo nem os meros resultados de nossos conhecimentos históricos –, é quando começa a verdadeira relação com Ele, a relação consistente num absoluto aventurar-se n’Ele<sup>267</sup>.

Faz-se importante notar ainda que essa cristologia proposta por Rahner faz-se mais que atual hoje, definidos por Bauman pela liquidez das relações, das escolhas. Rahner propõe para os que se deixam encontrar por Cristo:

assumir ‘o risco de uma relação’, de forma que não se deve contemplar Jesus nem como mero homem, nem como ideia abstrata. O ponto de partida será uma realidade de vida humana: confiar em Alguém!<sup>268</sup>.

Outro aspecto proposto por ele é que, tendo reconhecido Jesus como uma Pessoa e criado com ele laços de conhecimento, afeto e amor, que haja definitividade. “Ou seja, precisa ser um amor que supere as últimas reservas e

<sup>265</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 19.

<sup>266</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 50.

<sup>267</sup> RAHNER, K. Amar a Deus. Amar al Hermano, p. 16. In: FONTES, D. A., Cristologia existencial, p. 51.

<sup>268</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 51.

inseguranças do amor humano. Precisa se tornar um amor incondicional que vá até as últimas dimensões”<sup>269</sup>.

Por isso, não há de se esperar pelo fim dos tempos para viver a vida sobrenatural, mas começar já o que se deseja vivenciar na eternidade. É crer e fazer a experiência que o Senhor está no meio de todos assim como prometeu: “eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28,20).

Douglas, comentando Rahner, destaca que, “no amor, superando o tempo e o espaço, por conta do amor e pelo poder do Espírito de Deus, podemos e devemos amar realmente a Jesus, com imediatez e concretude”<sup>270</sup>. Resultando, pois, desse movimento “amor e a pessoa amada se condicionam reciprocamente e a descrição de um leva implícito também o enunciado sobre o outro”<sup>271</sup>. O próprio Jesus vivia essa relação de amor e proximidade com o Pai, a ponto de responder a Filipe quando este lhe pede para lhes mostrarem o Pai: “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9).

Certamente, essa cristologia proposta por Rahner brota da experiência de Santo Inácio de Loyola explicitada nos seus Exercícios Espirituais, que possuem como sua finalidade outra o conhecimento interno de Jesus Cristo<sup>272</sup>, ou seja, um conhecimento que ultrapasse as barreiras do tempo e do espaço e se irrompa no seguimento e anúncio apaixonado do Ressuscitado. Com essa particularidade, Rahner “nos mostra a necessidade de uma constante renovação do estudo da cristologia, para que consigamos anunciar o mistério da fé no hoje da história”<sup>273</sup>.

Decorrente dessa visão, como bem recorda Mário de França Miranda, Rahner concebe como meta primeira da atividade pastoral da Igreja

[...] levar as pessoas a uma experiência de Deus, a um encontro pessoal com Jesus Cristo”. A ‘mediação salvífica’, isto é, a Igreja com tudo o que a constitui, deve

<sup>269</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 56.

<sup>270</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 53.

<sup>271</sup> RAHNER, K. Amar a Deus. Amar al Hermano, p. 27. In: FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 54.

<sup>272</sup> São notáveis os pedidos de graça repetidos ao longo das semanas dos EE, em que Santo Inácio pede na Segunda Semana: “o conhecimento interno de Jesus que por mim se fez homem, para que mais o ame e o siga” (EE 104); na Terceira Semana são dois os pedidos que a acompanha: “dor, sentimento de confusão porque o Senhor vai a sua paixão por meus pecados” (EE 193) e “dor com Cristo doloroso; abatimento com Cristo abatido; lágrimas, com pena interior por tanta pena que Cristo passou por mim” (EE 203); por fim, na Quarta Semana: “sentir intensa e profunda alegria por tanta glória e tanto gozo de Cristo nosso Senhor” (EE 221). Ao levar o exercitante a fazer esses pedidos, o santo não quer outra coisa senão criar uma proximidade, uma relação, que se desemboca no amor à Pessoa de Jesus, que não é só mais uma ideia, mas Alguém com o qual me coloco em relação e que moldará minha existência a partir da sua.

<sup>273</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 62.

estar toda ela a serviço do ‘processo salvífico’. Daí pleitear Rahner a necessidade de uma pastoral mistagógica, sobretudo em nosso tempo, com uma sociedade secularizada, crise de referências éticas, linguagem eclesial não entendida e ainda menos seguida por nossos contemporâneos. Rahner enfatiza expressamente a atualidade da mística inaciana, observando que aquele que proclama a Palavra deve tê-la primeiramente vivido como Palavra realmente salvífica. Caso contrário será apenas mais um discurso na sociedade pluralista, já inflacionada com tantos discursos. O cristão de hoje deve ser um místico para continuar cristão, isto é, deve experimentar pessoalmente que a doutrina apenas ilumina uma realidade presente nele, que traz sentido e felicidade para sua vida<sup>274</sup>.

#### 4.1.3 A contemplação da Trindade: fonte e ápice da Fraternidade Humana

Na sequência à explicitação dos traços inacianos presentes no pensamento de Rahner, foca-se, agora, a questão da fraternidade humana. O intuito é apresentar onde nasce e para onde se dirige a concepção Rahneriana de fraternidade.

Marcado pela contemplação inaciana da Trindade<sup>275</sup>, Rahner entende o ser humano como mistério marcado pelo Mistério de amor maior que é o próprio Deus e que permeia toda sua criação. O teólogo afirma que “a fraternidade que se sustenta e se realiza no amor a Deus é o mais elevado que pode acontecer. E esta suprema elevação é a possibilidade que se oferece a todo ser humano”<sup>276</sup>. Por isso, o amor a Deus e o amor ao próximo, que não só é um mandamento, mas um dever (Jo 15, 17), é o que conduz o homem à salvação (Mt 22, 36-40; Rm 13,10). Da contemplação desse amor que se derrama, dessa autodoação, nasce a caridade que pode ser traduzida, inclusive, na vivência plena de uma rotina diária, levada a bom termo por amor a Deus.

Partindo desse princípio, afirma Douglas que, na concepção cristã, é preciso “ir sempre além, para que nossa antropologia não reduza o ser humano a um ser limitado e fechado. Uma verdadeira antropologia cristã contemplará o ser humano

<sup>274</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 228.

<sup>275</sup> Ao tratar desse assunto, Josef Stierli afirma que: “Inácio recebeu grandes luzes sobre o mistério da Trindade. Todas elas o conduzem ao amor pleno de gratidão, que se transforma em serviço sem outra ambição senão a de cumprir a vontade de Deus. Submetendo sua própria vontade à de Deus, transforma sua mística trinitária em mística de serviço”. STIERLI, J., Buscar a Deus em todas as coisas, p. 52.

<sup>276</sup> RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al Hermano, p. 151. In: FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 62.

diante do mistério do Deus Uno e Trino!”<sup>277</sup>. Só nessa abertura a Deus e ao outro, o ser humano pode encontrar e realizar sua vida e vocação. Lembra Douglas ainda que, para Rahner, “o amor ao próximo não é apenas um mandamento a ser cumprido, pois é a realização salvífica da existência cristã que, por isso, se torna relação salvífica com Deus”<sup>278</sup>.

Ao comentar sobre esse tema em Rahner, Mário de França recorda que

existe no ser humano histórico uma estrutura transcendental salvífica, cuja realização se dá no amor ao semelhante. A caridade fraterna autêntica é dirigida Àquele que a possibilita, anima e dinamiza, Àquele que está presente e atuante em cada ação humana, sobretudo naquelas que sintonizam com seu dinamismo. Daí poder Rahner concluir que o ato (categorial) explícito de amor fraterno é o ato primário de amor a Deus, ao qual se dirige, embora não tematicamente, e o amor a Deus é fundamentado nessa abertura incondicional ao outro, presente no amor fraterno<sup>279</sup>.

Decorrente da constatação da caridade de Deus presente e atuante em toda criação, bem como a envolver todo o ser humano nas suas realidades terrenas, faz reconhecer que da “essência dessa fraternidade faz nascer uma responsabilidade política, uma teologia política, que deve ser entendida como de todos e de cada cristão, mesmo que sob formas distintas”<sup>280</sup>.

Por isso, o cristão é chamado a viver uma fraternidade universal que se manifesta não só no cuidado local, cuidados dos seus mais próximos no seu contexto existencial, mas numa responsabilidade pelo mundo inteiro. Segundo Mário de França, essa experiência de Deus acontece “primariamente na experiência da caridade fraterna, enquanto sintoniza com a orientação querida por Deus, presente e atuante como horizonte e mistério no ato do amor fraterno”<sup>281</sup>.

Dessa visão e compreensão da experiência humana de Deus e seu compromisso na transformação da realidade presente, brota também uma postura eclesial abrangente, pois todos fazem parte de uma Igreja universal que não pode ser mutilada pelos gostos individuais dos seus membros, pela mentalidade subjetivista individualista deste tempo. Pode-se dizer, assim, que o surgimento de uma “nova situação da humanidade vem acompanhada de uma nova situação da

<sup>277</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 61.

<sup>278</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 49.

<sup>279</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 223.

<sup>280</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 61; EG 220.

<sup>281</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 223.

Igreja e de sua fraternidade. Assim, a Igreja pode e deve ser a Igreja universal e viver sua fraternidade de maneira nova e original”<sup>282</sup>.

Portanto, o amor ao próximo manifesto nas mais diversas atitudes de acolhimento, promoção da justiça e dignidade humanas torna presente e atuante o Reino vivido, pregado e sonhado por Jesus Cristo. Um amor que penetra e faz crescer toda a dinâmica da vida eclesial<sup>283</sup>. Amor que rompe as barreiras e vai ao encontro daqueles que não creem, pois,

não obstante essa verdade – que o encontro com Cristo se dá na comunidade dos que creem e que amam – a pessoa que não encontrou Cristo nesse contexto poderá encontrá-LO no seu irmão e no seu amor para com Ele, pois o próprio Jesus se faz encontrar, como que anonimamente, concretizando a sua palavra: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (Mt 25,40). Assim, percebe-se que Jesus vive sua vida nos pobres, nos famintos, nos encarcerados e nos moribundos<sup>284</sup>.

Portanto, segundo Rahner, o verdadeiro amor cristão que vai ao encontro do próximo “não alcança sua verdadeira essência a não ser quando já não são feitos cálculos, mas quando vence a prontidão para amar sem recompensa, quando no amor ao próximo se aceita também a necessidade da cruz”<sup>285</sup>, em outras palavras, quando o cristão tem sua vida transfigurada em Cristo, manifesta no tempo presente a afirmação última de seu Mestre e Senhor: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 12-13).

## 4.2 No magistério do Papa Francisco

Ao analisar o Magistério do Papa Francisco, esta pesquisa se ateve aos documentos referentes a espiritualidade nos seus mais variados formatos<sup>286</sup>: a *Evangelii Gaudium* que apresenta uma espiritualidade da missão; a *Laudato Sí* que convida a todos a vivência de uma espiritualidade ecológica; a *Amoris Laetitia* que

<sup>282</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 59.

<sup>283</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 59.

<sup>284</sup> FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 50.

<sup>285</sup> RAHNER, K., Amar a Jesus. Amar al Hermano, p. 109. In: FONTES, D. A., A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Madre Teresa de Calcutá, p. 60.

<sup>286</sup> GE 28.

apresenta uma espiritualidade da vida familiar e completaremos com a *Gaudete et exultate* que oferece uma espiritualidade do cotidiano.

#### 4.2.1 O anúncio da Boa Nova Cristã a todo ser humano

Papa Francisco, jesuíta latino americano, desde o início de seu pontificado, tem indicado as direções nas quais encontram suas preocupações e as linhas pelas quais deve caminhar. O primeiro de seus documentos publicados, trata-se do anúncio alegre da Boa Nova cristã e traz o nome de *Evangelii Gaudium*, ou seja, a Alegria do Evangelho. Logo no primeiro número do documento, ele afirma que a “alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria”<sup>287</sup>. O Santo Padre aponta, assim, para duas atitudes fundamentais: abertura ao encontro e a graça da libertação.

Com essa afirmação, o Papa caminha na mesma visão proposta por Santo Inácio e resgatada por Rahner de que a iniciativa sempre é de Deus que desce ao encontro, logo, cabe ao ser humano estar aberto a esse diálogo. Não há espaço para proselitismo, mas abertura para o “encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”<sup>288</sup> da vida, gerando vida e liberdade.

O Papa Francisco ressalta ainda que este convite é dirigido a todos os homens e mulheres, pois todos são fruto do amor criador de Deus, dotados assim de uma abertura ao Criador, ao transcendente, ao infinito<sup>289</sup>. É esse amor que impele o ser humano a acreditar em si mesmo e o lança à frente, reiterando que não se deve fugir da ressurreição de Jesus e nem se dar por morto, suceda o que suceder. Que nenhuma situação possa mais do que a sua vida que nos impele para adiante<sup>290</sup>.

---

<sup>287</sup> EG 1.

<sup>288</sup> DCE 1.

<sup>289</sup> Já no PF dos EE fica explícito que Deus é o Criador de todas as coisas e que, por isso, todos os seres humanos estão abertos a esse diálogo de salvação.

<sup>290</sup> EG 3.

Portanto, sempre haverá a possibilidade de o Criador se comunicar diretamente com sua criatura<sup>291</sup>, assim como aconteceu com André Frossard<sup>292</sup>. Por isso, o Papa reitera que “Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua criatividade divina”<sup>293</sup>. Haverá sempre no profundo do ser humano esse fascínio pelo transcendente, em que “muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã”<sup>294</sup>. Por isso, segundo ele, é preciso sempre “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”<sup>295</sup>.

É bastante claro que, uma das barreiras para a aceitação do anúncio da Boa Nova cristã é seu conteúdo moral. Para o Papa é necessário que a pregação seja fiel ao seu conteúdo evangélico de um Deus que ama e salva, pois se assim acontece, “manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoíca, é mais do que uma ascese, não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros”<sup>296</sup>.

O Papa ressalta a todos os cristãos que um coração missionário nunca está fechado e refugiado nas suas próprias seguranças ou rigidez auto defensiva, mas “sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e do discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada”<sup>297</sup>. E completa, com sua exortação tão bela e conhecida, quando afirma: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saídos pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”<sup>298</sup>.

O Papa Francisco reconhece que existem avanços nos campos da Ciência, Educação, Comunicação, porém alerta que não se pode esquecer de quantos lutam a cada dia para sobreviver mediante realidades precárias, atingidos pela doença, pelos medos, desesperanças. Todas essas realidades presentes na sociedade fazem

---

<sup>291</sup> EE 15.

<sup>292</sup> Já tratamos sobre sua experiência mística na nossa pesquisa na página 33.

<sup>293</sup> EG 11.

<sup>294</sup> EG 14.

<sup>295</sup> EG 20.

<sup>296</sup> EG 39.

<sup>297</sup> EG 45.

<sup>298</sup> EG 49.



crescer a violência e a desigualdade social. Por isso, é preciso renunciar a uma economia de exclusão na qual o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora<sup>299</sup>.

Ademais, ele denuncia a globalização da indiferença, quando já não se chora a dor do outro<sup>300</sup>, quando mantêm-se o coração duro e a mente insensível, entretendo-se com as muitas possibilidades de consumo e distração, gerando uma “espécie de alienação que nos afeta a todos, pois ‘alienada é a sociedade que, nas suas formas de organização social, de produção e de consumo, torna mais difícil a realização deste dom e a constituição dessa solidariedade inter-humana’”<sup>301</sup>.

Por fim, alerta para o crescimento do “individualismo pós-moderno e globalizado, favorecendo um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares”<sup>302</sup>, definida por São João Paulo II como a célula mãe da sociedade, pois uma vez atingida e deteriorada sua essência, certamente afetará também os rumos da sociedade.

Além disso, ressalta que muitas vezes a Igreja e, por consequência os cristãos, não conseguem manifestar a beleza do Evangelho, mas existe algo irrenunciável: “a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e os lança fora”<sup>303</sup>. Desperta o olhar para as mulheres que padecem situações de exclusão, maus tratos e violências, são duplamente pobres, necessitadas de maior atenção, “porque têm menores possibilidades de defender seus direitos. Todavia, também entre elas, encontram-se, continuamente, os mais admiráveis gestos de heroísmo cotidiano na defesa e cuidado da fragilidade de suas famílias”<sup>304</sup>.

---

<sup>299</sup> EG 53.

<sup>300</sup> EG 54.

<sup>301</sup> EG 196.

<sup>302</sup> EG 66.

<sup>303</sup> EG 195.

<sup>304</sup> EG 212.

#### 4.2.2 A responsabilidade pela casa comum

O tema da responsabilidade pela casa comum foi um dos assuntos escolhidos pelo Papa Francisco para dar também sua contribuição para a promoção de um mundo mais justo, fraterno e de cuidado com a terra. Para tanto ele propõe estabelecer um diálogo com todos, não apenas com os cristãos, mas com todos os homens e mulheres que se abrem para o apelo e cuidado da casa comum. Para isso, evoca uma figura muito cara aos cristãos e, também, para muitos homens e mulheres das mais variadas culturas e religiões: São Francisco de Assis.

O Papa lembra que São Francisco, no seu louvor à criação, compara a terra “ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe em seus braços: ‘Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras’”<sup>305</sup>. Ressalta, ainda, que o Pobre de Assis é a imagem perfeita de um místico e um peregrino

que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior<sup>306</sup>.

Em contraste com essa atitude do santo, Papa Francisco denuncia então o uso irresponsável e abuso dos bens da terra, de seus recursos naturais e chama atenção para a conscientização de que o “nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”<sup>307</sup>. Todos são parte dessa criação de Deus e dela dependem para se manter vivos<sup>308</sup>. Relembra, também, as palavras de São Paulo VI, quando alerta que os progressos “científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o

---

<sup>305</sup> LS 1.

<sup>306</sup> LS 10.

<sup>307</sup> LS 2.

<sup>308</sup> Seguindo essa mesma linha de raciocínio, afirma o teólogo jesuíta Paul Schweitzer que a “visão holística do Universo, baseada na interdependência de tudo o que existe, leva hoje à consciência ecológica uma atitude de respeito e de responsabilidade diante da natureza. É um apelo à utilização do ‘tanto quanto’ da Criação”. SCHWEITZER, P. A., *Princípio e Fundamento: a Criação e as ciências*, p. 81.

desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”<sup>309</sup>.

O Papa também faz eco às palavras do Patriarca Bartolomeu quem convida a todos a uma mudança de atitude frente a criação de Deus: passar “do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que ‘significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar’”<sup>310</sup>. Continua o Patriarca exortando que, como cristãos, todos são chamados a olhar o mundo como sacramento de comunhão: “é nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram no menor detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”<sup>311</sup>.

É necessário, ressalta o Papa, que no intuito de buscar soluções para o urgente desafio de proteger a casa comum, todos os membros da família humana se sintam responsáveis “na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar”<sup>312</sup>. Visto que “todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades”<sup>313</sup>.

Quando o Papa relembra os vários desafios causados pelo descaso e mau uso dos bens da criação, ressalta que seu principal objetivo não é o de, simplesmente, “recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo, e, assim, reconhecer a contribuição que cada um pode dar”<sup>314</sup>; ou seja, dar-se conta da realidade circundante e suas demandas de cuidado e descoberta de soluções aplicáveis, responsáveis e duradouras. Há de se retomar aqui aquele olhar inaciano<sup>315</sup>, de contemplar a beleza e as maravilhas insondáveis presentes nas noites estreladas, nos dias de sol, na chuva que irriga e torna a terra fecunda, numa atitude de permanente louvor e reverência.

---

<sup>309</sup> LS 4.

<sup>310</sup> LS 9.

<sup>311</sup> LS 9.

<sup>312</sup> LS 13.

<sup>313</sup> LS 14.

<sup>314</sup> LS 19.

<sup>315</sup> EE 23; Autob. 11; SCHWEITZER, P. A., *Princípio e Fundamento: a Criação e as ciências*, p. 73-74.

Dessa forma, ele chama atenção para o grave problema da poluição: da atmosfera, do solo, da água. Recorda a responsabilidades de cada pessoa humana neste processo ao relembrar o perigo do grande uso e descarte de vários resíduos prejudiciais: “domésticos e comerciais, detritos de demolições, eletrônicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioativos. A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo”<sup>316</sup>.

Outro dado a ser observado são as perceptíveis mudanças climáticas, elas também “são um problema social com graves implicações ambientais, sociais e econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade”<sup>317</sup>. Essas mudanças tão bruscas e galopantes, observadas nos dias atuais interferem e muito na vida e sobrevivência das pessoas. Cabe ressaltar que, na maioria das vezes, os que mais sofrem com essa mudança são os pobres, aqueles que dependem da natureza para sua sobrevivência, que vivem em condições geográficas muito precárias; são atingidos pela modificação da fauna e da flora, da escassez da água, ou ainda, pelas catástrofes naturais.

Um outro grave problema social é a comercialização da água potável, com isso, o Papa retoma um apelo a que todos tenham consciência de que o acesso à água “é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos”<sup>318</sup>. E, recorda ainda, “a grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável”<sup>319</sup>.

Faz-se necessário lembrar que toda abordagem ecológica, para que seja verdadeira e fecunda, tende a se tornar uma abordagem social que deve “integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”<sup>320</sup>, ambos são, de longe, os mais atingidos e fragilizados pelos efeitos da degradação ambiental<sup>321</sup>. Não só por esse motivo, mas, sobretudo porque

---

<sup>316</sup> LS 21.

<sup>317</sup> LS 25.

<sup>318</sup> LS 30.

<sup>319</sup> LS 30.

<sup>320</sup> LS 49.

<sup>321</sup> Reitera Paul Schweitzer que “os impressionantes avanços da bioengenharia estendem o domínio do ser humano sobre a natureza. Chamam-no a exercer este poder para o bem, em prol da vida, desde a sua origem até o seu fim natural. Temos que integrar essa nova tecnologia numa visão e numa

“a desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais”<sup>322</sup>.

Para que haja essa transformação social é preciso uma transformação da mentalidade, por isso o Papa adverte que não se pode defender uma espiritualidade que “esqueça Deus Todo-poderoso e Criador [pois] acabaríamos por adotar outros poderes do mundo, ou nos colocariam no lugar do Senhor, chegando à pretensão de espezinhar sem limites a realidade criada por Ele”<sup>323</sup>. Por isso, a Igreja em sua tarefa de contribuir para a construção de um mundo melhor, com sua ação, “procura não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e ‘sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo’”<sup>324</sup>; pois, “o ser humano, dotado de inteligência e amor é atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador”<sup>325</sup>, é sua tarefa cuidar e zelar da criação, vendo nelas os traços de seu Criador e Senhor<sup>326</sup>.

Por fim, ao alertar para a urgência de atitudes que devem ser tomadas para uma mudança que, de fato, seja substancial e não olhe somente à frente, se esquivando de seu compromisso de transformação no hoje da história, o Papa exorta que não se deve perder tempo

a imaginar os pobres do futuro, é suficiente que recordemos os pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar. Por isso ‘para além de uma leal solidariedade entre as gerações, há que se reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração’<sup>327</sup>.

---

atuação conforme ao plano do Criador, com pleno respeito pela dignidade de cada ser humano e de seu destino eterno”. SCHWEITZER, P. A., Princípio e Fundamento: a Criação e as ciências, p. 81.

<sup>322</sup> LS 51.

<sup>323</sup> LS 75.

<sup>324</sup> LS 79.

<sup>325</sup> LS 83.

<sup>326</sup> Aqui se faz necessário recordar o traço da espiritualidade inaciana de ver Deus em todas as coisas e ver todas as coisas em Deus (EE 235-237). Só a partir dessa atitude reverente é que o ser humano pode, de fato, zelar pela obra da criação, pois nela vê e sente a ação do próprio Deus, nela sabe estar presente o amor de Deus transbordante em cada pequeno detalhe de cada criatura.

<sup>327</sup> LS 162.

### 4.2.3 A riqueza da vida cotidiana para a Igreja e a sociedade

Por hora, são abordadas duas questões que estão interligadas na vida da Igreja e na vida da sociedade: a família e a chamada à santidade. Para o Papa Francisco são dois temas bastante caros e que ele, apesar de dirigir suas palavras aos cristãos, as estende também a todos os homens e mulheres deste tempo, pois os temas aí abordados fazem parte do cotidiano da vida de cada um. Nota-se aqui alguns traços da espiritualidade vivenciada e proposta por santo Inácio como: a vivência consciente do dia-a-dia, das pequenas ações, dos pequenos gestos de amor que tornam a vida mais leve e faz experimentar a Deus presente e atuante no cotidiano da vida.

Sua exortação apostólica *Amoris Laetitia* sobre o amor na família, é a primeira. De início, o Papa Francisco recorda que a Bíblia está cheia de histórias de famílias, “de amor e de crises familiares, desde as primeiras páginas onde entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência, mas também com a força da vida que continua”<sup>328</sup>. E as famílias como as que há nos dias de hoje, cheias de desafios e esperanças.

Reconhece que a chaga do desemprego e a falta de oportunidades gerem sofrimento, “isto vive tragicamente a sociedade atual em muitos países, e esta falta de emprego afeta, de várias maneiras, a serenidade das famílias”<sup>329</sup>. Muitos pais e mães de família se encontram à mercê das necessidades mais ordinárias para uma vida digna. Viu-se esse agravamento, ainda mais nocivo, com a pandemia e suas consequências para a economia mundial. Por isso, faz-se ainda mais necessária a experiência do cuidado mútuo, apontando que “no horizonte do amor, da experiência cristã do matrimônio e da família, destaca-se ainda outra virtude, um pouco ignorada nestes tempos de relações frenéticas e superficiais: a ternura”<sup>330</sup>. Consequentemente, a ternura faz da casa um lugar de acolhida, ainda que falte tanta coisa, mas se mantém a ternura, criam-se espaços para o amor e a cumplicidade,

---

<sup>328</sup> AL 8.

<sup>329</sup> AL 25.

<sup>330</sup> AL 28.

explicitando assim uma afirmação inaciana de que “o amor se demonstra mais em obras do que em palavras”<sup>331</sup>.

Outro desafio apontado pelo Papa para se abraçar a vida familiar é a tentação de “confundir a liberdade genuína com a ideia de que cada um julga como lhe parece, como se, para além dos indivíduos, não houvesse verdades, valores, princípios que nos guiam, como se tudo fosse igual e tudo se devesse permitir”<sup>332</sup>. Assim, “teme-se a solidão, deseja-se um espaço de proteção e fidelidade, mas, ao mesmo tempo, cresce o medo de ficar encurralado numa relação que possa adiar a satisfação de aspirações pessoais”<sup>333</sup>, fruto da mentalidade hodierna das relações líquidas, sem consistência, sem a construção de laços e seguranças que perdurem, temem-se as escolhas definitivas.

Abre-se, portanto, espaço para o que se chama de cultura do provisório, que pode se notar na rapidez com a qual as pessoas passam por várias relações afetivas, transportam para a vida os comportamentos manifestos nas redes sociais: espaço em que se conecta e desconecta de acordo com suas necessidades, sem vínculos ou responsabilidades. Dessa forma de pensar, alerta o Papa, brota também o medo que

desperta a perspectiva dum compromisso permanente, na obsessão pelo tempo livre, nas relações que medem custos e benefícios e mantêm-se apenas se forem um meio para remediar a solidão, ter proteção ou receber algum serviço. Transpõe-se para as relações afetivas o que acontece com os objetos e o meio ambiente: tudo é descartável, cada um usa e joga fora, gasta e rompe, aproveita e espreme enquanto serve, depois... adeus. O narcisismo torna as pessoas incapazes de olhar para além de si mesmas, dos seus desejos e necessidades<sup>334</sup>.

Diante dessa mentalidade pós-moderna, têm-se observado, além do medo de construir laços, o medo de formar uma família aberta à geração e acolhida dos filhos, pois “a sociedade de consumo também pode dissuadir as pessoas de ter filhos, só para manter sua liberdade e estilo de vida”<sup>335</sup>. Cabe ressaltar, que o amor é gerador de vida, não se fecha em si<sup>336</sup>, que “os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor,

<sup>331</sup> EE 230.

<sup>332</sup> AL 34.

<sup>333</sup> AL 34.

<sup>334</sup> AL 39.

<sup>335</sup> AL 42.

<sup>336</sup> Recorda santo Inácio nos EE 231 que “o amor é comunicação de ambas as partes. Isto é, quem ama dá e comunica o que tem ou pode a que ama. Por sua vez, quem é amado dá e comunica ao que ama”.

sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe”<sup>337</sup>.

O Papa também chama a atenção para a situação das famílias que vivem em situação de miséria “penalizadas de tantas maneiras, onde as limitações da vida se fazem sentir de forma lancinante. Se todos têm dificuldades, estas, numa casa muito pobre, tornam-se ainda mais duras”<sup>338</sup>. Isso se agrava ainda mais quando não se encontra um apoio por parte das políticas de governo que não atendem às necessidades dos mais pobres, prejudicando seriamente a manutenção e preservação dos laços familiares. Mais grave ainda, ressalta o Papa, é quando se pensa que o

enfraquecimento da família como sociedade natural fundada no matrimônio seja algo que beneficia a sociedade. Antes pelo contrário, prejudica o amadurecimento das pessoas, o cultivo dos valores comunitários e o desenvolvimento ético das cidades e das aldeias<sup>339</sup>.

Nessa linha de uma espiritualidade que englobe o cotidiano da vida, segue a segunda, a exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, na qual o Papa chama a todos – de forma particular a todos os cristãos – à vivência da santidade no contexto atual, assumindo com paixão e coragem os seus riscos, desafios e oportunidades, pois “cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus e dá a seu povo”<sup>340</sup>. Logo no início, rompe com o “mito” de uma santidade inalcançável a todos, quando ressalta que muito lhe admira a santidade da Igreja militante, do povo paciente de Deus: “nos pais que criam seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir”<sup>341</sup>.

Isso porque santo é aquele que, repleto da graça de Deus, transforma-se e transforma também o mundo ao seu redor, o santo é aquele que vive plenamente sua humanidade à luz da Palavra e da vida de Jesus Cristo<sup>342</sup>. Por isso, o Papa recorda que “não é saudável amar o silêncio e esquivar-se do encontro com o outro,

<sup>337</sup> AI 165.

<sup>338</sup> AL 49.

<sup>339</sup> AL 52.

<sup>340</sup> GE 21.

<sup>341</sup> GE 7.

<sup>342</sup> Ao falar sobre a importância da relação de Inácio para com a pessoa, vida e missão de Jesus Cristo o teólogo David Londasle afirma que “em sentido muito real e prático, para Inácio Jesus era o caminho para Deus”. LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 61.



desejar o repouso e rejeitar a atividade, buscar a oração e menosprezar o serviço, tudo pode ser recebido e integrado como própria parte da vida neste mundo”<sup>343</sup>, colaborando assim para o seu caminho de santificação.

De fato, continua Francisco, “somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da ação, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão”<sup>344</sup>. É na vivência fiel do cotidiano da vida<sup>345</sup> que todos os homens e mulheres são chamados a trilhar seu caminho de santificação. Convida o Papa a uma atitude corajosa e generosa de doação de vida, não tendo espaço para o medo de apontar para o alto, de se deixar libertar por Deus, de se permitir ser guiado pelo seu Espírito. Ele afirma que a verdadeira “santidade não te torna menos humano, por que é o encontro da tua fragilidade com a força da graça”<sup>346</sup>. Partindo desse princípio, experimenta-se a coragem de ir para além do que se é conhecido, para além de seus ambientes fechados, rumo às periferias e aos confins. Assim, o Espírito impulsiona e

leva-nos onde se encontra a humanidade mais ferida e aonde os seres humanos, sob a aparência de superficialidade e de conformismo, continuam à procura de resposta para a questão do sentido da vida. Deus não tem medo! Não tem medo! Ultrapassa sempre nossos esquemas e não Lhe metem medo as periferias. Ele próprio se fez periferia (cf. Fl 2, 6-8; Jo 1,14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos: Ele já está lá. Jesus antecipa-Se-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sombria. Ele já está lá<sup>347</sup>.

Logo, a santidade nada tem de fechamento, mas é um abrir a porta a Jesus Cristo, “porque ele bate e chama (cf. Ap 3,20). Mas, pensando no ar irrespirável da autorreferencialidade, pergunto-me se às vezes Jesus não estará já dentro de nós, batendo para que O deixemos sair”<sup>348</sup>. Por esse motivo, o santo está sempre pronto para anunciar a graça que pulsa em si e o impulsiona a anunciar a todos a Boa Nova da libertação e salvação. Também ele se torna fermento no meio dos demais, de sua comunidade.

---

<sup>343</sup> GE 24.

<sup>344</sup> GE 24

<sup>345</sup> Vale ressaltar aqui a meditação proposta por Santo Inácio ao fim dos EE, sobretudo, nos números 236 e 237 quando ele leva o exercitante a perceber a ação de Deus no cotidiano da existência e o chama a refletir sobre si para tirar proveito, ou seja, leva o exercitante a observar a ação de Deus nos contextos mais simples da existência e a tomar como exemplo para que ele também faça o mesmo, transformando a si mesmo e toda realidade ao seu redor.

<sup>346</sup> GE 34.

<sup>347</sup> GE 135.

<sup>348</sup> GE 136.

De fato, a comunidade que se coloca a caminho, que se vive a fraternidade, “que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai”<sup>349</sup>, tornando-se sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16) a apontar para novos caminhos de fraternidade para toda a humanidade.

### 4. 3 Nas urgências dos cuidados da sociedade

Nesta sessão são apresentadas as colaborações que a espiritualidade cristã e inaciana traz para a sociedade em seus desafios. Diante das grandes dificuldades experimentadas por todos, como, por exemplo, a realidade da pandemia, precisa-se que seja despertada uma verdadeira fraternidade humana, que se estenda a todos.

O cuidado da criação é outra temática atual e que merece atenção, pois o futuro deste planeta depende das ações que se desenvolvem no presente, sobretudo o de recobrar o olhar reverente a toda criatura e reconhecer nela os traços do Criador. Por fim, as contribuições na redescoberta do sentido da vida, ou seja, fazer com que o ser humano reencontre a si mesmo, sua essência e se abra ao encontro do outro.

#### 4.3.1 Fraternidade universal

Um dos desafios do mundo globalizado é a fraternidade universal. Mesmo estando interligados pela globalização, crescem, assustadoramente, a indiferença e o descaso em relação ao outro. Papa Francisco, preocupado com essa situação e na intenção de oferecer uma contribuição para uma um novo tempo de fraternidade humana e amizade social, apresentou uma carta encíclica chamada *Fratelli Tutti*. Ele evoca a imagem emblemática do santo de Assis, São Francisco, ressaltando que ele foi um pai muito fecundo em sua dedicação à causa de construção de uma

---

<sup>349</sup> GE 145.

sociedade fraterna, que suscitou o sonho de uma sociedade fraterna, visto que “só o homem que aceita aproximar-se das outras pessoas com o seu próprio movimento, não para retê-las no que é seu, mas para ajudá-las a serem elas mesmas, é que se torna realmente pai”<sup>350</sup>. O santo sempre soube sair de si para ir ao encontro de todos, não fazendo distinção de ninguém por sua religião, raça ou condição social, mas de todos se fez irmão.

O Papa Francisco evoca também as palavras do grande Imã Ahmad Al-Tayyed, com quem se encontrou em Abu Dhabi<sup>351</sup>, lembrando que “Deus criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade, e os chamou a conviver entre si como irmãos”<sup>352</sup>, esse é o ideal de fraternidade sonhado por Deus. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa recorda que o processo de secularização “tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo [...] a negação de toda transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado social e um aumento progressivo do relativismo”<sup>353</sup>. Em razão do enfraquecimento dessa consciência social, crescem desmedidamente o individualismo e a indiferença frente ao outro.

A espiritualidade inaciana tem suas raízes centradas no amor a Deus e, por decorrência desse amor, derrama-se em amor ao próximo e a toda criação. Santo Inácio propõe ao final dos Exercícios uma meditação chamada “contemplação para alcançar o Amor”<sup>354</sup> na qual ele propõe esse olhar agradecido e generoso diante da grandeza e bondade de Deus que se derrama, que se dá ao ser humano nas mais diversas formas: na criação, no simples fato de existir, nas pequenas coisas circunstanciais da existência humana.

Decorrente da tomada de consciência desse amor, também a pessoa deve se derramar em amor, encontrar Deus em todas as coisas e ver todas as coisas em Deus. Essa forma de ver o mundo é um antídoto contra esta cultura de globalização que

---

<sup>350</sup> FT 4.

<sup>351</sup> Para saber mais sobre o encontro, está disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594412-o-papa-encontra-se-com-o-grande-ima-em-abu-dhabi-a-casa-do-dialogo>. Acesso em: 12 abr. 2021.

<sup>352</sup> FT 5.

<sup>353</sup> EG 64.

<sup>354</sup> EE 230-237.

acaba por unificar “o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque ‘a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos’”.<sup>355</sup>

Desenvolve-se uma nova capacidade de sair de si mesmo para o encontro com o outro, pois se assim não for, não é possível reconhecer às criaturas seu verdadeiro valor. Papa Francisco ressalta que

a atitude basilar de se auto transcender, rompendo com a consciência isolada e a autorreferencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade<sup>356</sup>.

Portanto, faz-se necessário que sempre cresça a consciência de que se é criatura amada. “O ser humano não é um absurdo casual ou uma paixão inútil, nem um aglomerado químico. ‘O homem é criado para...’. O sair de si mesmo supera a vertigem do em-si-mesmamento e da solidão radical”<sup>357</sup>. Por isso, ao se dar conta de seu lugar no mundo, de ser procedente do desejo de Deus, a pessoa pode, então, ser canal de transformação na sociedade. Sentindo-se amada e única, poderá, certamente, amar e respeitar também o outro em sua diferença.

Pode-se dizer que a estatura espiritual de uma vida plenamente humana só pode ser realmente compreendida e medida pelo amor, só ele poderá constituir e ser, de fato, “‘o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana’. [...] em primeiro lugar está o amor, o amor nunca deve ser colocado em risco, o maior perigo é não amar (cf 1 Cor 13, 1-13)”<sup>358</sup>. Como afirma o Papa,

o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: ‘Vós sois todos irmãos’ (Mt 23,8)<sup>359</sup>.

Pe. Libânio, ao falar sobre a unidade do destino da humanidade, recorda que, desde o seu início, a humanidade constitui uma unidade, pois todos descendem de Adão, “não como uma série de indivíduos que casualmente se encontram e

<sup>355</sup> FT 12.

<sup>356</sup> LS 208.

<sup>357</sup> CIGOÑA, J. R. F., Princípio e Fundamento para jovens, p. 167-168.

<sup>358</sup> FT 92.

<sup>359</sup> FT 95.

confluem para a criação de uma sociedade humana, mas como destinados desde o início a ser esta humanidade una”<sup>360</sup>. Reconhecendo as raízes comuns em Adão, primeiro homem, também se deve fazê-lo no segundo Adão, Jesus Cristo, que na sua encarnação toma a carne humana e, também, fez-se humano, fez-se irmão, compadeceu-se, sanou as doenças, promoveu a justiça, reiterou a dignidade humana como centro da Lei e da religião. Olhar para Cristo é saber como se deve, sadiamente, promover a unidade, a justiça e a paz a todas as pessoas. Como exorta o Papa Francisco, há, pois, de se desejar ardentemente que

neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: ‘Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é junto que se constroem os sonhos’. Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos<sup>361</sup>.

#### 4.3.2 Cuidado de toda criação

A espiritualidade inaciana se coloca bastante atual e pode dar sua contribuição para o cuidado de toda Criação. É sabido por todos que se atravessa, desde há um tempo, uma grave crise ecológica provocada pelos próprios seres humanos e da qual, direta ou indiretamente, são eles as primeiras vítimas. Uma das formas encontradas para combater esta degradação ambiental, certamente, seria compreender que tudo procede de Deus, que toda a criação é reflexo da beleza do próprio Criador, às quais devem receber nosso respeito<sup>362</sup>.

Portanto, deve-se ter sempre presente no horizonte da compreensão humana que a “criação é obra e linguagem de Deus, caminho para Deus. No Gênesis, Deus pronuncia dez palavras criadoras, das quais surgiram dez maravilhas dadas ao

<sup>360</sup> LIBÂNIO, J. B., Deus e os homens, p. 203.

<sup>361</sup> FT 8.

<sup>362</sup> HAMEL, E., Criação e ecologia, p. 89.

homem para que cuide delas, as conserve e as admire”<sup>363</sup>. A atitude fundamental que se pede de cada homem e mulher é um maravilhar-se diante da obra da criação, atitude muito presente na mentalidade do homem bíblico que, com seus salmos e cânticos (Sl 8; Sl 18; Sl 91; Dn 3, 57-88. 56), exalta a beleza e grandeza do Criador que se manifesta em todas as suas obras.

Percebe-se, então, a necessidade de uma visão holística de todo o Universo, baseada na “interdependência de tudo o que existe, leva hoje à consciência ecológica de uma atitude de respeito e de responsabilidade diante da natureza. É um apelo à utilização ‘tanto quanto’ da Criação”<sup>364</sup>. Santo Inácio, quando coloca no texto do Princípio e Fundamento que se deve “usar das coisas tanto quanto o ajudam a atingir o seu fim”<sup>365</sup> e “privar-se delas tanto quanto o impedem”<sup>366</sup>, não está “coisificando a natureza ou tratando-a de maneira objetiva, mas sim nos alertando sobre o perigo do uso desordenado que fazemos das mediações que podem nos ajudar ou não a alcançar o fim para o qual todos fomos criados”<sup>367</sup>.

Com isso, é possível interpretar que Santo Inácio se opõe a uma visão totalmente utilitarista da natureza, ela “não é vista unicamente como uma mediação criada só para servir ao homem, mas também para louvar e reverenciar o Criador”<sup>368</sup>, traz em si uma sacralidade, pois é também reflexo do Criador, por ser obra de suas mãos. Cabe deixar claro também que a Criação não aponta para si mesma, mas para o Criador que as fez e sustém.

Como recorda Papa Francisco, torna-se necessária para estes tempos “uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite valores fundamentais”<sup>369</sup>. Por isso, reitera o Papa na *Fratelli Tutti*, que “cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos de nos constituir como um ‘nós’ que habita

<sup>363</sup> HAMEL, E., Criação e ecologia, p. 91.

<sup>364</sup> SCHWEITZER, P., Princípio e Fundamento: a Criação e as ciências, p. 81.

<sup>365</sup> EE 23.

<sup>366</sup> EE 23.

<sup>367</sup> SIQUEIRA, J. C., Uma releitura do Princípio e Fundamento de Santo Inácio à luz das preocupações ecológicas dos tempos atuais, p. 86.

<sup>368</sup> SIQUEIRA, J. C., Uma releitura do Princípio e Fundamento de Santo Inácio à luz das preocupações ecológicas dos tempos atuais, p. 85.

<sup>369</sup> EG 74.

a casa comum. Um tal cuidado não interessa aos poderes econômicos que necessitam de ganho rápido”<sup>370</sup>.

Por conseguinte, resultado desta nova relação com a criação e o mundo ao entorno, faz-se necessário um novo olhar sobre todas as criaturas e sobre si mesmo. O caminho para se chegar a Deus passa, necessariamente, pela mediação das “criaturas e das nossas possibilidades humanas: amamos a Deus com nossa capacidade humana de amar; cremos em Deus com a nossa capacidade humana de crer. Fora do humano a experiência de Deus é suspeita”<sup>371</sup>.

Nessa mesma linha de raciocínio, afirma Raimon Panikkar “a experiência de Deus não pode ser uma experiência de Deus real se é uma fuga deste mundo real e uma escapatória ao céu empíreo de um Deus desencarnado”<sup>372</sup>, com o perigo de se deixar de lado a verdade da encarnação de Jesus Cristo que, sendo Deus, se fez homem, se fez um como todos. Por isso, cada vez mais, é necessária uma espiritualidade encarnada que, em suas bases, “caracteriza-se pelo seguimento de Jesus, pela vida no Espírito, pela comunhão fraterna e pela inserção no mundo. Não podemos querer um Cristo sem carne e sem cruz”<sup>373</sup>.

Há de se cultivar um respeito por todo ser humano, por seu corpo, pois ele também é mediação para o encontro: com Deus e com o próximo, há de ser visto como um templo (1 Cor 6, 19-20) no qual se habita com respeito e devoção. Em resposta a uma visão puramente estética e obsessiva do corpo, na busca incessante pelos padrões de beleza, na degradação da dignidade humana que se perde em relacionamentos abusivos, experimenta-se, segundo Geraldo Mori, o renascimento de uma mentalidade que zela pelo respeito e cuidado com o corpo, manifesto muitas vezes no “engajamento humanitário, admitindo que todo ser humano é sagrado e que o reconhecimento e a acolhida desta sacralidade devem inspirar a ação política e cultural”<sup>374</sup>.

São Paulo VI reiterava veementemente na *Populorum Progressio* que todo desenvolvimento nunca pode ser reduzido a um mero crescimento econômico que,

---

<sup>370</sup> FT 17.

<sup>371</sup> CIGOÑA, J. R. F., Princípio e Fundamento para jovens, p. 169.

<sup>372</sup> PANIKKAR, R., Íconos del misterio. In: RONSI, F. Q., A mística cristã e o diálogo inter-religioso, p. 201.

<sup>373</sup> CNBB, Doc. 105, 184.

<sup>374</sup> MORI, G., A teologia em situação de pós-modernidade, p. 18.

“para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e homem todo” (...) o que conta para nós é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira”<sup>375</sup>.

#### 4.3.3 Redescoberta do sentido de viver

Para o cristão, a descoberta do sentido de viver está estritamente ligada à “abertura para o infinito, para o mistério que não se deixa desvelar, faz do homem um ser capaz do infinito, um ser capaz de Deus, um ser a quem Deus pode se comunicar”<sup>376</sup>. Afirmar a teóloga Maria Clara que a mística cristã atesta que a “experiência humana é realmente total e plena somente quando se transcende em Deus, que é sempre maior do que tudo quanto os seres humanos estão dispostos a experimentar”<sup>377</sup>.

Ao se reconhecer criatura, o ser humano desce do pedestal em que sempre foi tentado a se sustentar e se reconhece como parte da Criação, como parte de Deus, já que se reconhece como um ser que, vivenciando plenamente as vicissitudes dessa vida, sem as rejeitar, as incorpora no seu itinerário de elevação e de comunhão com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com toda criação.

Maria Clara explicita, ainda, que diante dessa abertura frente ao Absoluto, o ser humano tende cada vez mais a um horizonte inatingível

para a plenitude do ser e do bem, que mobiliza a inteligência e a liberdade humanas e está presente em cada ato cognitivo ou volitivo como condição de sua própria possibilidade. Este horizonte infinito, para o qual está voltado estruturalmente o ser humano, vem a ser o próprio Deus, experimentado como próximo e imediato, fundamentando a esperança de a Ele chegar<sup>378</sup>.

Diante desse horizonte, o ser humano toma consciência de que se abrir à graça de se ver como parte da Criação “significa que nossas raízes encontram-se no amor

<sup>375</sup> PP 14.

<sup>376</sup> MIRANDA, M. F., A igreja numa sociedade fragmentada, p. 267.

<sup>377</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 214.

<sup>378</sup> BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 240.



de Deus. Desde toda eternidade Deus me desejou, e este desejo se fez tão intenso que, um dia, surgi no ser”<sup>379</sup>. O mesmo, Van Bremmer afirma:

o que o ser humano deseja, o que ele mais necessita, mais do que o alimento e a bebida, é ser aceito e amado. Deus é a última satisfação dessa necessidade. Seu amor é incondicional, isto é, não impõe qualquer condição<sup>380</sup>.

Quando Santo Inácio coloca no seu Princípio e Fundamento a afirmação de que “o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus e, assim, salvar-se”<sup>381</sup> propõe, justamente, uma resposta amorosa, agradecida a tanto amor e, não simplesmente, um temor servil, um medo da condenação.

Santo Inácio descobriu, por meio de sua própria experiência de conversão e de vida, que “o amor, somente o amor, pode justificar nossa existência. Quando alguém me ama verdadeiramente, experimento que minha vida tem valor. Também quando amo alguém, minha própria vida se desenvolve”<sup>382</sup>. Passa assim de um homem voltado para si mesmo e seu desejo de obter honras<sup>383</sup> a um homem que tem alargado seu horizonte e agora, reconhecendo-se amado e aceito, pode amar e seu desejo se converte em ajudar as almas<sup>384</sup>, todos quanto pudesse. Configura-se assim a Jesus, “um Homem para os outros, que não tenta jamais manipular as pessoas ou se divertir às custas delas [...] com um amor delicado e sincero, ele estabeleceu relações esplêndidas com todos”<sup>385</sup>. Afirma David Londasle que, a partir dessa experiência,

Inácio sempre esteve empenhado em servir; sua conversão mudou o objeto de seu compromisso. Mas o caráter auto transcendente de sua dedicação é impressionante. Ele dedicava sua liberdade a um objeto fora de si mesmo, a sua própria autorrealização vinha através da dádiva de si mesmo a um ideal elevado<sup>386</sup>.

No tempo de Santo Inácio, como em todos os tempos, inclusive no atual o que falta a muitos homens e mulheres é “a consciência da ‘verdadeira presença’ dos outros, isto é, do outro que me aceita como eu sou, que se faz presente. Têm fome e avidez de relações pessoais profundas”<sup>387</sup>. Isso recorda a constatação de Bauman

<sup>379</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 98.

<sup>380</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 97.

<sup>381</sup> EE 23.

<sup>382</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 96.

<sup>383</sup> Autob 1.

<sup>384</sup> Autob 26.

<sup>385</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 104.

<sup>386</sup> LONDASLE, D., Olhos de ver, ouvidos de ouvir, p. 62.

<sup>387</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 95.

sobre as relações líquidas que pairam sobre todos as esferas da sociedade, que não oferecem a solidez necessária para se construir um futuro. Construir laços e relações de amor-doação levam tempo e trabalho artesanal, por isso, certamente,

não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas. O amor é afim à transcendência; não é senão outro nome para o impulso criativo e como tal carregado de riscos, pois o fim de uma criação nunca é certo<sup>388</sup>.

Neste trabalho diário de amar, muitas vezes o ser humano precisa entrar em diálogo com áreas conflituosas de si mesmo: experiências negativas, personalidade, erros e acertos, inteligência, afetividade e instintos. Só aprendendo a amar a si mesmo em sua totalidade, a trabalhar-se, conseguirá se dispor a amar ao outro. Por isso o Papa Francisco declara que somente

quando perscrutamos na presença de Deus os caminhos da vida, não há espaços que fiquem excluídos. Em todos os aspectos da existência podemos continuar a crescer e dar algo mais a Deus, mesmo naqueles que enfrentamos as dificuldades mais fortes. Mas é necessário pedir ao Espírito Santo que nos liberte e expulse aquele medo que nos leva a negar-Lhe a entrada nalguns aspectos da nossa vida<sup>389</sup>.

Por isso, de toda “essa bagagem da universalidade da experiência humana, conjugada com a universalidade da salvação, nasce a relação dos cristãos com o mundo”<sup>390</sup>. Assim, o cristão, mesmo não tendo respostas prontas e envolvido pelas mesmas tramas diárias da vida e seus inúmeros desafios, se coloca em diálogo com todos os homens e mulheres de todos os tempos que, como ele, estão à procura de um sentido de vida.

---

<sup>388</sup> BAUMAN, Z., Amor líquido, p. 21.

<sup>389</sup> GE 175.

<sup>390</sup> CATÃO, F., Espiritualidade cristã, p. 105-106.

## 5 Considerações finais

Recuperando e respeitando o processo desenvolvido nesta pesquisa, são tecidas, a seguir, algumas considerações finais. No primeiro capítulo discorreu-se sobre o contexto vivenciado e suas influências no modo de ser e de agir das pessoas. Cabe, aqui, o comentário de Roberto Almada que, interpretando Viktor Frankl, afirma que hoje, “tem-se a impressão de que o homem, sem saber dar à própria vida uma meta, corre e se afana com velocidade cada vez mais acelerada, precisamente para não se dar conta de não estar indo a lugar algum”<sup>391</sup>. Ele revela este grande dilema vivido por tantas pessoas, reflexo do aceleração que Lipovetsky chama de hiper, em que tudo e todos estão a todo momento acelerados e não têm tempo para as reflexões, para saborear a vida.

Procurou-se mostrar como a cultura moderna e pós-moderna fez com que tudo tivesse de passar pelo crivo da razão, só assim seria digno de confiança, e o que se experimenta é exatamente o contrário, pois nem tudo pode ser explicado, muitas coisas extrapolam o conhecimento e entendimento humanos. Porém, Alister McGrath salienta que “defender algo que é verdade e confiável pode ser justificado sem necessariamente ser provado. Pode haver bons motivos para eu acreditar que algo seja verdade e, ainda assim, perceber que não posso provar isso”<sup>392</sup>, exemplo disso é a fé, a crença, a espiritualidade, que tocam e refazem esta pesquisa, mas não se pode conhecê-las à exaustão, dissecá-las.

Ao final do capítulo, foi proposto um caminho a seguir: a espiritualidade. Afirmo Roberto Almada que “a abertura espiritual é uma dimensão humana presente em todo homem e em toda mulher como os músculos do corpo, e assim como os músculos, desenvolve-se com um treinamento específico”<sup>393</sup>. Uma característica universal, também pode ser proposta como um caminho para todas as pessoas de todos os tempos, pois só quando a vida ganha um sentido transcendente é que se percebe a totalidade e capacidade de olhar além de si e das circunstâncias que cercam; em outras palavras, transcende-se.

---

<sup>391</sup> ALMADA, R., O cansaço dos bons, p. 85.

<sup>392</sup> McGRATH, A. Surpreendido pelo sentido, p. 177.

<sup>393</sup> ALMADA, R., O cansaço dos bons, p. 113.

No segundo capítulo foi abordada a espiritualidade inaciana, uma das vertentes da espiritualidade cristã, e suas bases. A princípio apresentou-se a experiência do próprio Inácio de Loyola, um homem que experimentou uma fragmentação e que, por auxílio da graça de Deus, traçou seu caminho de sentido. Deu-se uma especial atenção ao Princípio e Fundamento presente nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, nos quais foi encontrado um horizonte de sentido, em poucos versos o santo expôs um caminho a ser seguido para uma redescoberta de sentido.

Pode-se, então, afirmar que o “PF é um modo de compreender e de viver a fé, constitui um fundamento da vida humana e sua razão de ser. Experiência unificante, passa a ter primazia em tudo, relativizando as outras situações”<sup>394</sup>. Sua principal contribuição para os contemporâneos é o de colocá-los em movimento, em contínua atitude de busca da vontade de Deus para suas vidas, dando-lhes uma base na qual possam construir sua casa em segurança, pois redescobrem sua origem e seu fim último: Deus. Dentro desse processo, experimenta-se a redescoberta do sentido da vida, “fortemente abalado pelos choques culturais decorrentes da modernização e, mais recentemente, da globalização e da fragmentação característica do que vem sendo chamado de ‘pós-modernidade’”<sup>395</sup>.

Assim, sua vida ganha novo sentido, seu horizonte se alarga e surgem as respostas às perguntas existenciais. Reconhecer-se como pessoa humana querida e amada por Deus faz com que o homem recupere seu centro de deslocamento: a dúvida, o questionamento. Ao contrário do que se pensa, são eles que garantem ao ser humano o permanecer em contínuo movimento, à procura. Quando existe essa tomada de consciência, o ser humano se coloca a caminho, como alguém que constrói história, como bem se expressa Blaise Pascal nessa passagem

Quando considero a duração mínima da minha vida, absorvida na eternidade precedente e seguinte, o espaço diminuto que ocupo e mesmo que vejo, abismado na infinita imensidade dos espaços que ignoram e me ignoram, assusto-me e pasmo de me ver aqui, e não além. Pois não há razão para estar aqui, e não além, para estar agora e não depois. Quem me pôs aqui? Por ordem e decisão de quem esse lugar e esse tempo me foram destinados?<sup>396</sup>.

<sup>394</sup> CEI-Itaici, A força da metodologia nos Exercícios Espirituais, p. 31.

<sup>395</sup> CEI-Itaici, A força da metodologia nos Exercícios Espirituais, p. 32.

<sup>396</sup> PASCAL, B, *Pensées*, p. 19. In: McGRATH, A. Surpreendido pelo sentido, p. 161.

Por isso, ao finalizar o capítulo dois, propôs-se a espiritualidade cristã como universal, pois de alguma forma toca o ser humano de todos os tempos. Ainda que não se abra à fé cristã, todo homem e mulher são chamados a reconhecer em Jesus Cristo um modelo de homem completo, pleno, que mudou o modo de ver e se relacionar com Deus, consigo mesmo, com os outros e com a Criação. Em sua vida e forma de atuação, reunifica o ser humano em suas relações fundamentais. Com base nessa constatação, afirma-se, com McGrath, que

a forma cristã de ver as coisas cria o senso cognitivo e existencial da realidade, oferecendo-nos um relato poderoso, convincente e atraente de nós mesmos e do universo. O cristianismo não apenas atribui sentido a nós; também constrói sentido a partir de nós. Ele nos situa na grande narrativa da história cósmica e nos localiza no mapa mental do sentido. O cristianismo nos oferece outra forma de entender as coisas, outra forma de viver, e nos convida a compartilhar essas coisas<sup>397</sup>.

No terceiro capítulo foi proposta a colaboração que a espiritualidade inaciana pode dar aos dias, fundamentada na análise de dois jesuítas: o teólogo Karl Rahner e o Papa Francisco. Pela percepção de que ambos são alimentados por essa vertente espiritual, suas palavras são uma atualização da proposta de Santo Inácio aos dias atuais. Resumiu-se essa colaboração em três aspectos: a experiência com Jesus Cristo, o reconhecer o valor da criação e a fraternidade universal.

Uma experiência com Jesus Cristo, Deus encarnado, feito um homem, há de ter a forma relacional, que toque a vida e existência, que interpele, que se torne seguimento, em outras palavras, é arriscar-se em uma relação amorosa, comprometida. Afirma Garcia Rubio que “aceitar o Senhor Jesus implica uma interpelação para que se vivam relações de fraternidade e, mais concretamente, o amor-serviço e a solidariedade”<sup>398</sup>. É viver a vida do Mestre, é ser no hoje da história um prolongamento de sua existência, Ele que passou pelo mundo fazendo o bem (At 10,38). Por isso, a experiência de uma vida que se deixa interpelar por Jesus Cristo é uma vida comprometida com a promoção do seu Reino, por isso importam aos cristãos todas as realidades humanas, elas devem ser abraçadas, transformadas e fermentadas pelo anúncio do Reino.

Decorrente dessa experiência com Jesus Cristo e dessa missão da promoção do Reino de Deus, nasce a visão correta de toda a Criação. Todos os homens e

<sup>397</sup> McGRATH, A. Surpreendido pelo sentido, p. 179.

<sup>398</sup> RUBIO, A. G., O encontro com Jesus Cristo vivo, p. 132.

mulheres se percebem como parte da criação, pois a criação participa de sua origem e de seu fim: Deus. Por isso São Paulo afirma que “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus” (Rm 8,19), pois quando o ser humano redescobre sua essência também tem seus olhos abertos para a realidade que o cerca, para a beleza e riqueza de Deus derramada na obra da criação.

Portanto, permanecendo o ser humano unido a Jesus Cristo e descobrindo Nele sua essência, estando em harmonia com a criação, brota, por conseguinte, a terceira relação fundamental: a relação com o outro, chamado feito pelo Papa Francisco, a uma fraternidade universal. Com essa abertura ao outro, o ser humano há de ser curado do sentimento de solidão, de vazio existencial que o cerca, fruto, certamente, de uma despersonalização que é própria do individualismo moderno, dos tempos “fragmentados da existência e do consumismo que pisoteiam a maior riqueza que temos: as relações interpessoais. O vazio é um vazio de outros; a alma está despovoada de amigos, amores e afetos”<sup>399</sup>.

Nota-se, por fim, que o ser humano foi criado para a autotranscendência, pois ele sempre aponta para além de si mesmo, para algo ou alguém, como bem diz Viktor Frankl,

para um sentido que se deve cumprir, ou para um outro ser humano a cujo encontro nos dirigimos com amor. Em serviço a uma causa ou no amor a uma pessoa, realiza-se o homem a si mesmo. Quanto mais se absorve em sua tarefa, quanto mais se entrega à pessoa que ama, tanto mais ele é homem e tanto mais é si mesmo<sup>400</sup>.

Foram tecidas considerações que se colocaram em evidência, julgadas indispensáveis para este tempo. Atitudes apontadas não no intuito de fechar a questão, mas abrir um espaço de diálogo e abertura às realidades que se cercam, sobretudo a questão do sentido da vida, e apontar alguns caminhos que parecem ser universais, visto que tomam o ser humano em sua plenitude.

A primeira atitude é o cuidado com a Criação, com a Casa Comum. Necessário se faz uma aproximação das coisas criadas cheias de encanto e admiração, recuperando a visão fraterna da relação com o mundo, a exemplo de São Francisco, que tinha grande veneração por todas as criaturas e as concebia como suas irmãs. Agindo assim, “as nossas atitudes não serão as do dominador, do

<sup>399</sup> ALMADA, R., O cansaço dos bons, p. 159.

<sup>400</sup> FRANKL, V., O sofrimento de uma vida sem sentido, p.15.

consumidor ou de um mero explorador de recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos”<sup>401</sup>.

A proposta feita pelo Papa Francisco na sua encíclica *Laudato Si* é a que melhor cabe para o momento, a de vivenciar uma ecologia integral em que se encontrem espaço e tempo para recuperar uma harmonia serena com a criação, que leve a “refletir sobre o nosso estilo de vida e nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada”<sup>402</sup>.

Em decorrência desse novo modo de ver e ser no mundo, brota uma segunda atitude: a da fraternidade humana que se empenha, sobretudo, na defesa da vida humana e sua dignidade e promoção do bem comum<sup>403</sup>. Diz Papa Francisco que a ecologia integral deve estar atrelada a noção de bem comum, que nada mais é do que “o ‘conjunto das condições de vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição’”<sup>404</sup>.

Esse sentimento de se reconhecer como irmãos numa fraternidade universal tem muito a ver com uma atitude que brota do interior do coração de cada pessoa que se deixou encontrar por Deus e pelos outros. Nasce de um coração que vive tudo “com serena atenção, que sabe manter-se, plenamente presente, diante de uma pessoa sem estar a pensar no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude”<sup>405</sup>. O Papa ressalta que se faz

necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo de degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu<sup>406</sup>.

Reconhece-se que, mais do que em todas as épocas, é preciso recordar a vivência de uma fraternidade cotidiana, feita de pequenos gestos, começando no seio das famílias até ir, aos poucos, se estendendo a toda sociedade. Vai-se

---

<sup>401</sup> LS 11.

<sup>402</sup> LS 225.

<sup>403</sup> LS 157.

<sup>404</sup> LS 156.

<sup>405</sup> LS 226.

<sup>406</sup> LS 229.

quebrando a lógica da violência, da exploração, do egoísmo<sup>407</sup>; pois, em um amor autêntico “a sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também as macrorrelações como relacionamentos sociais, políticos e econômicos”<sup>408</sup>.

Outra necessidade fundamental do ser humano é a de ser amado, de ser aceito. Frente a um tempo quando tudo precisa estar em constante crescimento, no qual “não há escolha, não há alternativa, senão evoluir, acelerar para não ser ultrapassado pela ‘evolução’”<sup>409</sup>, surge a necessidade de se sentir amado para além das capacidades ou êxitos. A experiência do amor de Deus é recriadora, “o amor de Deus é primeiro e meu amor está nele. Seu amor é mais fundamental que minha própria existência”<sup>410</sup>. Na experiência desse amor gratuito, integrador, todos são libertos “dos obscuros sentimentos de culpabilidade e de abandono e deslocados para a certeza interior da sua benção. Quaisquer que sejam as circunstâncias, ele insiste em dizer-nos que as suas criaturas são dignas de ser amadas”<sup>411</sup>.

Decorrente dessa experiência de ser aceito, nasce um espaço para as escolhas, que são parte fundamental da existência. Experimenta-se, hoje, um enorme medo por parte das pessoas para se fazer escolhas, decidir por algo ou alguém<sup>412</sup>. Grande parte disso se deve a uma mensalidade do provisório. As escolhas são parte essencial na vida do ser humano, por isso, reafirma Van Breemer,

a tendência a considerar tudo ‘em aberto’ e passível de revisão revela-se como uma tentação de passar por alto o sentido da existência. O ser humano está orientado para algo definitivo e deve ir-se construindo a si mesmo até tornar-se alguém único e irrepetível. O modo de fazê-lo não é voluntarista, mas consiste em aceitar o que já se tem e, partindo daí, decidir o que se quer ser<sup>413</sup>.

Nesse sentido, fazer escolhas é nadar contra a corrente<sup>414</sup>, é dar uma direção à vida, ir ao encontro do diferente que desafia, desinstala, faz sair de si mesmo. Como é gratificante olhar para pessoas que fizeram de sua vida uma doação: ao seu

<sup>407</sup> LS 230.

<sup>408</sup> LS 231.

<sup>409</sup> BRITO, W. C., Os conceitos de pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky, p. 176.

<sup>410</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 97-98.

<sup>411</sup> MENDONÇA, J. T., O Elogio da sede, p. 63.

<sup>412</sup> BRITO, W. C., Os conceitos de pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky, p. 178.

<sup>413</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 112-113.

<sup>414</sup> AGOSTINI, N., Pós-Modernidade e ser humano, p. 121.



cônjuge, aos filhos, a uma missão, são homens e mulheres plenos, isso porque souberam escolher e levaram a sério suas escolhas. Ao longo da vida, certamente, se perceberam mais pobres de possibilidades, porém ricos em realidades, assim cresceram em sua identidade e se definiram gradualmente a partir do que viveram, sofreram e decidiram<sup>415</sup>.

Por fim, é necessário aprender a abraçar as fragilidades, a reconciliar com elas, a se reconhecer como seres humanos em processo. A pessoa transformada pela experiência do amor de Deus e em paz consigo mesma, há de se lançar também na aventura de amar aos outros com coração alargado, a ter fé na humanidade, a acreditar que uma nova vida é possível, assim não cairá no vazio existencial, mas sua vida recobrará novo sentido. Como aconteceu com Santo Inácio e tantos outros santos e santas que fizeram de sua vida uma oferta ao outro, seja ele quem for.

Nesse sentido, o teólogo José Tolentino recorda que a humanidade deve ser abraçada sempre, sobretudo, “quando ela está ferida, quando se sente como se estivesse leprosa, diminuída, sufocada pela exclusão e o estigma, feita em cacos sem saber como reconstruir-se, isolada como uma ilha de dor”<sup>416</sup>. É mais que necessário corrigir uma teologia da perfeição, em que o ser humano só é amado por suas conquistas, de seu bem fazer, mas o Deus que Jesus vem apresentar é totalmente outro, é o Deus que faz levantar o caído, que recobra a dignidade essencial dos que estão à margem, que recorda o valor inegociável de toda vida humana. O grande obstáculo a uma vida de Deus não é “a fragilidade e a fraqueza, mas a dureza e a rigidez. Não é a vulnerabilidade e a humilhação, mas o seu contrário: o orgulho, a autossuficiência, a autojustificação, o isolamento, a violência, o delírio do poder”<sup>417</sup>.

É preciso experimentar os vazios não como ameaça, mas como abertura ao Transcendente, como desejo de infinito, como traço da humanidade criada por Deus e desejosa de plenitude, nunca irá se saciar no individualismo, consumismo ou hedonismo. O que, de fato, salva “é um excesso de amor, uma dádiva que vai para

---

<sup>415</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 112.

<sup>416</sup> MENDONÇA, J. T., O Elogio da sede, p. 139.

<sup>417</sup> MENDONÇA, J. T., O Elogio da sede, p. 99.

lá de todas as medidas. É essa a bem-aventurança que nos salva. É esse assombro de amor que nos relança”<sup>418</sup>.

Se todos se permitirem adentrar em seus vazios, como fez Santo Inácio durante seu tempo de peregrinação, mas sobretudo em seu período de conversão, de aceitação de si e de saída de si para o Outro e por amor a Ele aos outros, talvez encontrem também aí a voz de Deus, que fala tanto na posse quanto na privação, e, frequentemente, a sua voz se faz ouvir melhor na privação<sup>419</sup>. Recorda o Papa Francisco, “precisamos do Senhor, que, mais além das nossas fragilidades, vê em nós uma beleza indelével. Com Ele, descobrimo-nos preciosos nas nossas fragilidades”<sup>420</sup>.

Todos são desafiados a pensar diferente, a agir diferente, a propor ao mundo algo de diferente, mas que não deixe de ter as marcas de um cristianismo comprometido com o mundo, encarnado nas realidades que lhes são próprias, pois “a vida só tem sentido quando se torna história, ou seja, quando não se limita a repetir o passado, mas engendra algo novo a partir de uma origem”<sup>421</sup>.

---

<sup>418</sup> MENDONÇA, J. T., O Elogio da sede, p. 145.

<sup>419</sup> MENDONÇA, J. T., O Elogio da sede, p. 96.

<sup>420</sup> FRANCESCO, PP., A vida após a pandemia, p. 53.

<sup>421</sup> VAN BREEMEN, P. G., O ser humano é criado, p. 112.

## 6 Referências bibliográficas

AGOSTINI, N. **Pós- Modernidade e ser humano**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/viewFile/15616/11645>. Acesso em: 12 fev. 2021.

ALMADA, R. **O cansaço dos bons**: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 2013.

ARAÚJO, J. W. C. **A noção da consciência moral em Bernhard Haring e sua contribuição e atual crise de valores**. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/cp039415.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENTO XVI, PP. **Audiência Geral: O ano da fé. Os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20121114.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121114.html). Acesso em: 20 mar. 2021.

BENTO XVI, PP. **Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENTO XVI, PP. **Homilia de imposição do Pálio e entrega do Anel de Pescador para o início do Ministério Petriano do Bispo de Roma**. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20050424\\_inizio-pontificato.html](http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html). Acesso em: 14 fev. 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2011.

BINGEMER, M. C; FELLER, V. G. **Deus-amor**: a graça que habita em nós. São Paulo: Paulinas, 2003.

BINGEMER, M. C. **Em tudo amar e servir**: Mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola. São Paulo: Loyola, 1990.

BINGEMER, M. C. **Mais espiritualidade e menos religião** (característica da nossa época?). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/14250>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BINGEMER, M. C. **Mística, espiritualidade e pandemia**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/206768871-Mistica-espiritualidade-e-pandemia-1-mystique-spirituality-and-pandemic.html>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BINGEMER, M. C. **O mistério e o mundo**: paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BINGEMER, M. C. **O rosto feminino de Deus**. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1579-maria-clara-bingemer-4>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRITO, W. C. **Os conceitos pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky**. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/32500/17501>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BUELTA, B. G. **Orar em um mundo fragmentado**. São Paulo: Loyola, 2077.

BUZZI, A. R.; BOFF, L. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974.

CASTRO, V. J. **A espiritualidade no cotidiano**. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/espiritualidade/a-espiritualidade-no-cotidiano/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CAPRIOLI, M. Espiritualidade. In: ANCILLI, E. PONTIFICIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM ORGS. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2012.

CATÃO, F. **Espiritualidade cristã**. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquém, 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 1993.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB, 2009.

CIGOÑA, J. R. F. Princípio e Fundamento para jovens. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L, org. **Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 167-170.

CNBB. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14)**. Brasília: Edições CNBB, 2016. (Doc 105).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: **Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: **Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: **Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONTE, H. **A vida do amor: o sentido espiritual do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2001.

COSTA, A. S. **Encarnados no meio do mundo com os olhos fixos em Jesus: descobrindo a mística inaciana**. São Paulo: Loyola, 2018.

ESPARZA, M. **A autoestima do cristão: verdadeira e falsa autoestima**. São Paulo: Quadrante, 2008.

ESPEJA, J. **Espiritualidade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FIORES, S.; GOFFI, T. (orgs.). **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1993.

FRANCESCO, PP. **Vida após pandemia**. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Vida-apo%CC%81s-a-Pandemia-Papa-Francisco.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

FRANCISCO, PP. **Ângelus: Solenidade da Santíssima Trindade.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20170611.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20170611.html). Acesso em: 16 fev. de 2021.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e amizade social.** São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum.** São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família.** São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2017.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 25 ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver.** São Paulo: É Realizações, 2015.

FONTES, D. A. **A Cristologia Existencial de Karl Rahner e de Teresa de Calcutá:** Dois místicos do século sem Deus. Rio de Janeiro, 2019. 171 p. (Tese Doutorado). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GLEISER, M. **A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

GONÇALVES, P. S. L. **Por uma Nova Razão Teológica: A Teologia na Pós-Modernidade.** O17- Cadernos de Teologia Pública. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/017cadernosteologiaipublica.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. Conhecer Jesus: Porque? Como? In: **ITAICI: Revista de Espiritualidade Inaciana.** n. 76, p. 05-19, jun. 2009.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. **Discernimento espiritual: As regras inacianas.** São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, L, org. **Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento.** São Paulo: Loyola, 2007.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. Princípio e Fundamento: comentário ao texto inaciano e proposta bíblica. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org). **Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento.** São Paulo: Loyola, 2007. p. 21-68.

HAMEL, E. Criação e ecologia. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org). **Um sentido para a vida: Princípio e Fundamento.** São Paulo: Loyola, 2007, p. 89-92.

HAIGHT, R. **Espiritualidade cristã para buscadores: reflexões sobre os Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola.** Petrópolis: Vozes, 2015.

INACIO DE LOYOLA. **O relato do peregrino.** São Paulo: Loyola, 2006.

INACIO DE LOYOLA. **Exercícios Espirituais.** 13. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* no termo do grande jubileu do ano 2000.** São Paulo: Paulinas, 2001.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Fides et Ratio* sobre as relações entre fé e razão.** São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis* no início do seu ministério pontifical.** São Paulo: Paulinas, 1979.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário.** São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Pós-Sinodal *Ecclesia in America* sobre o encontro com Jesus Cristo vivo caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América.** São Paulo: Paulinas, 1999.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LIBÂNIO, J. B. **Deus e os homens: os seus caminhos.** Petrópolis: Vozes, 1990.

LIBÂNIO, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade.** São Paulo: Loyola, 1992.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo.** Barueri: Manole, 2005.

LONDASLE, D. **Olhos de ver, ouvidos de ouvir: introdução à espiritualidade inaciana.** São Paulo: Loyola, 2010.

LOPES, J. M. M. **Santo Inácio de Loiola, um educador do desejo.** Braga, Portugal: Editorial Apostolado da Oração, 2003.

MCGRATH, A. **Surpreendido pelo sentido: ciência, fé e o sentido das coisas.** São Paulo: Hagnos, 2015.

METTS, R. E. **Inácio sabia: Intuições pedagógicas.** São Paulo: Loyola, 1997.

MIRANDA, M. F. A alegria do Evangelho em ótica inaciana. *In: ITAICI: Revista de Espiritualidade Inaciana.* n. 96, p. 17-33, jun. 2014.

MIRANFA, M. F. **A Igreja numa sociedade fragmentada.** São Paulo: Loyola, 2006.

MIRANDA, M. F. **Vislumbres de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2019.

MORAES, V. **Poesia completa e prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966.

MORI, G. **A teologia em situação de pós-modernidade.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/011cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PALAORO, A. **A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios.** São Paulo: Loyola, 1992.

RAMPAZZO, L. **Antropologia.** Religiões e valores cristãos. São Paulo: Paulus, 2014.

PANIKKAR, R. Iconos del mistério. *In: RONSÍ, F. Q. A mística cristã e o diálogo inter-religioso em Thomas Merton e em Raimon Panikkar.* Para uma maturidade cristã e uma mística inter-religiosa. Rio de Janeiro, 2014. 343 p. (Tese Doutorado). Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PAULO VI, PP. **Carta Encíclica *Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos.** São Paulo: Paulinas, 1967.

PEDROSA-PÁDUA, L., O ser humano centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs). **Evangelii Gaudium em questão:** aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. p.135-146.

RUBIO, A. G. **O encontro com Jesus Cristo vivo**. São Paulo: Paulinas, 1994.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade:** o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulinas, 1989.

SALLES, W. F. Jesus Cristo: Princípio e Fundamento. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org.). **Um sentido para a vida:** Princípio e Fundamento. São Paulo: Loyola, 2007.

SALLES, W. F. Jesus Cristo: Princípio e Fundamento. In: **ITAICI: Revista de Espiritualidade Inaciana**. n. 36, p. 05-18, jun. 1999.

SALLES, W. F. Jesus Cristo: Princípio e Fundamento. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org.). **Um sentido para a vida:** Princípio e Fundamento. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 125-148.

SANTANA, L. F. R. **O Espírito Santo e a espiritualidade cristã**. Rio de Janeiro: Edições Bom Pastor, 1999.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

SCHWEITZER, P. A. Princípio e Fundamento: a Criação e as ciências. O que o Orientador dos Exercícios deveria saber? In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org.). **Um sentido para a vida:** Princípio e Fundamento. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 69-82.

SIQUEIRA, J. C. Uma releitura do Princípio e Fundamento de Santo Inácio à luz das preocupações ecológicas dos tempos atuais. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org.). **Um sentido para a vida:** Princípio e Fundamento. São Paulo: Loyola, 2007, p. 83-88.

STIERLI, J. **Buscar a Deus em todas as coisas:** vida no convívio do mundo e oração inaciana. São Paulo: Loyola, 1990.

VAN BREEMEN, P. G. “O ser humano é criado...”. In: GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. (org.). **Um sentido para a vida:** Princípio e Fundamento. São Paulo: Loyola, 2007, p. 93-106.

VARRIANO, B. **Maria:** Mãe da humanidade. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2017.

VAZQUEZ, U. A mística Inaciana. In: **ITAICI: Revista de Espiritualidade Inaciana**. n. 62, p. 15-18, dez. 2005.

VELIQ, F. **Religião e personalização:** Lipovetsky e a sociedade hipermoderna. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/46776>. Acesso em: 20 mai. 2021.